

Feche seus olhos! Pense num dia em que esteve na beira do mar. Você consegue se lembrar do cheiro de maresia? Do calor do sol e do som das ondas e do vento? Foi a partir dessa memória que promovemos o ensino-aprendizagem em meio à pandemia, afastados do chão da escola (e da sua comunidade). A compreensão das mudanças da qualidade ambiental, permeando em diversos conteúdos da Geografia e da Ciência, veio pela conversa com familiares, pela memória de como era aquele lugar que foi se transformando ao longo das gerações. Por esse livro receba nossas cartas-memórias, do projeto vivido e do futuro que queremos.



Escolas à Beira-Mar: Memórias e Percepções



Memórias e Percepções



Escolas à Beira-Mar

AUTORES

Alessandra Larissa Fonseca, Adriana Guardiola Lunardi,
Ana Maria Vasconcelos de Freitas, Bruno Castro,
Camila Camargo, Larissa Marchesan, Maíra Almeida e Paulo Horta

Escolas à Beira-Mar:
Memórias e Percepções

ALESSANDRA LARISSA FONSECA
ADRIANA GUARDIOLA LUNARDI
ANA MARIA VASCONCELOS DE FREITAS
BRUNO CASTRO
CAMILA CAMARGO
LARISSA MARCHESAN
MAÍRA ALMEIDA
PAULO ANTUNES HORTA JR.

Escolas à Beira-Mar: Memórias e Percepções

FLORIANÓPOLIS, 2022 – 1ª EDIÇÃO



AUTORES DO BRASIL

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Escolas à Beira-Mar : memórias e percepções / Alessandra Larissa Fonseca...[et al]. – Florianópolis : Autores do Brasil, 2022.

148 p. : il., color.

ISBN 978-65-88927-85-4

1. Projeto Escolas à Beira-mar 2. Projeto Ecoando Sustentabilidade 3. Projeto Serviços Ecosistêmicos das Áreas Úmidas Marinhas I. Fonseca, Alessandra Larissa

22-1109

CDD 371

Índices para catálogo sistemático:
1. Projetos socioeducacionais

ISBN 978-65-88927-85-4

EDITORA AUTORES DO BRASIL
www.autoresdobrasil.com
Mail: info@autoresdobrasil.com

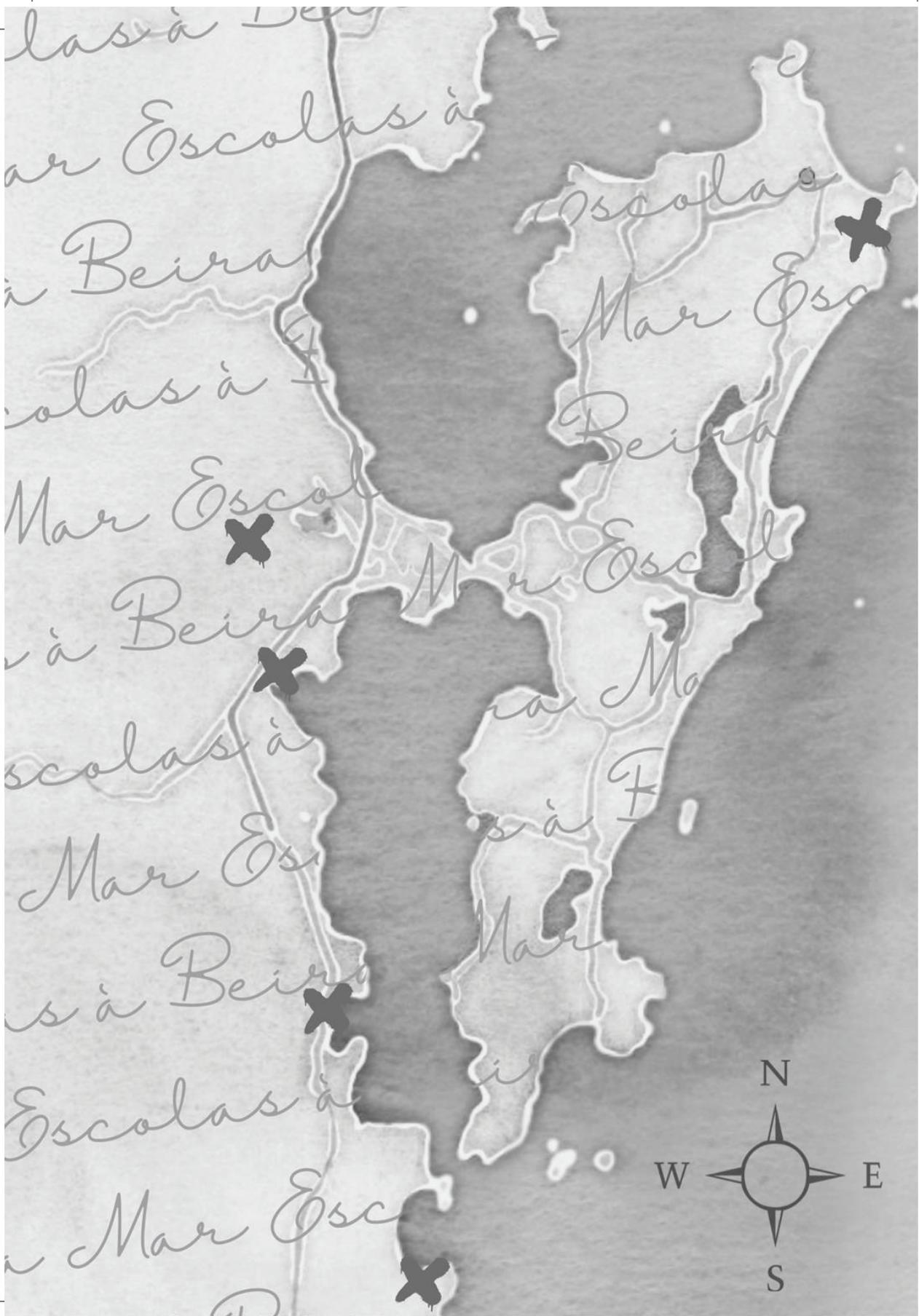
DE ONDE PARTIMOS

Aqui está o registro de parte do material e da nossa vivência no *Projeto Serviços Ecológicos das Áreas Úmidas Marinhas*, com foco no balanço dos gases de efeito estufa.

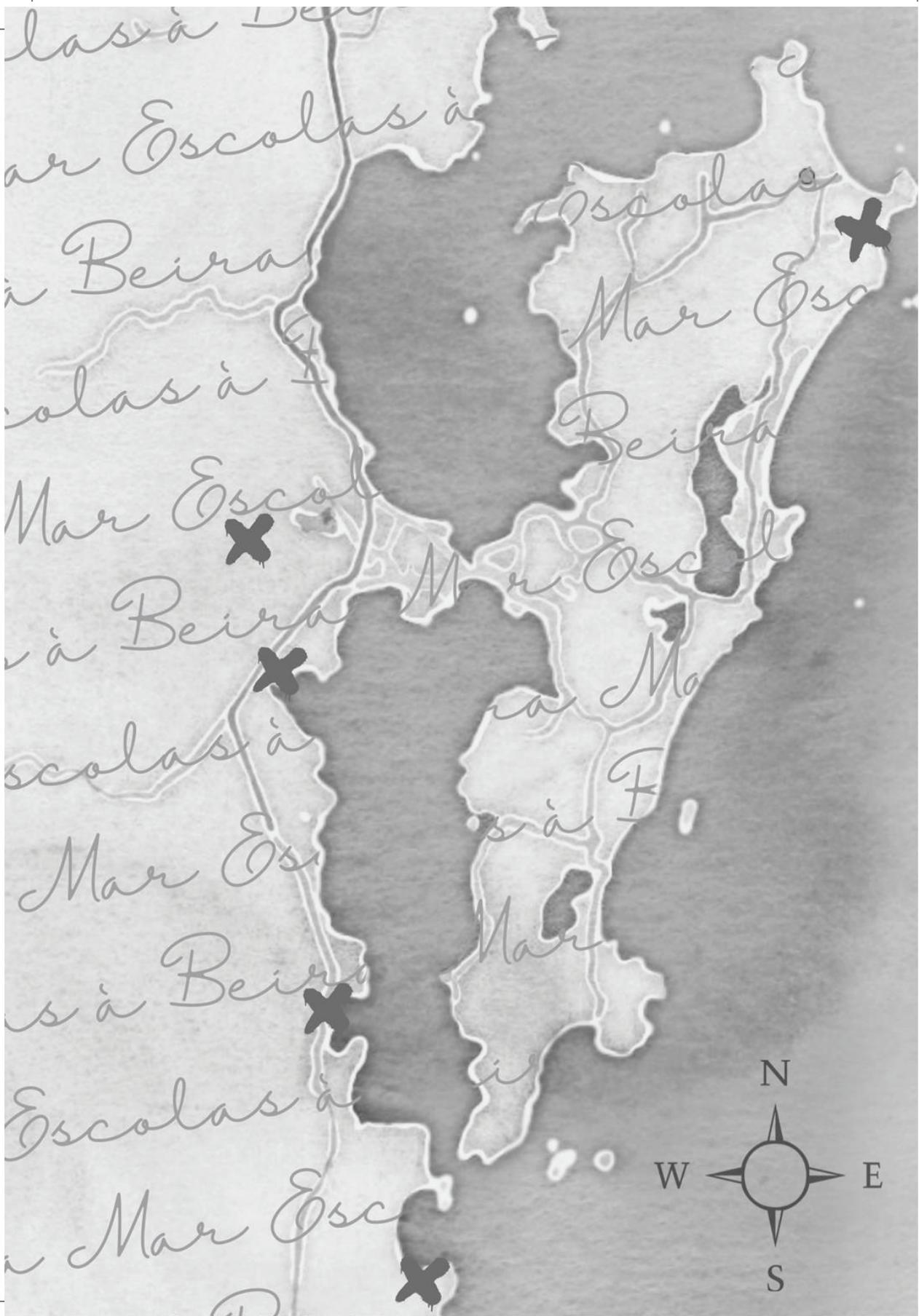
Nesse ano de desafios nos acolhemos e contamos com o apoio da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, pelo “SBPC vai à Escola”, que permitiu transformar nossas ações nesse material que está em suas mãos.

Também tivemos o apoio das escolas, que permitiram que as ações do projeto fossem integradas às atividades escolares das professoras envolvidas. Todo nosso agradecimento à SBPC e às escolas.

Esperamos que esse livro seja inspirador para sua prática docente, uma prática de acolhimento, de integração com a realidade da sua comunidade escolar, de resgate da memória como um espaço atemporal para trabalhar a formação cidadã.



Este livro é dedicado a todas as professoras que carregam primaveras nos dentes, que fazem de sua prática pedagógica um caminho de inclusão para uma sociedade mais justa. Em especial, a Profa. Letícia Peres que caminhou conosco em grande parte dessa jornada.



PROFESSORAS E PROFESSORES QUE O MAR UNIU

Apresentamos aqui as professoras e os professores que fizeram parte da elaboração deste projeto, e que, com carinho e dedicação, contribuíram para sua concepção, condução e execução:

Adriana Guardiola Lunardi – Licenciada em Geografia pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Mestranda no PPGE/UDESC. Educadora Ambiental no Parque Estadual da Serra do Tabuleiro e Professora de Geografia na Educação Básica da rede pública de ensino na região da grande Florianópolis.

Alessandra Larissa Fonseca – Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Paraná, Mestre em Ciências (UFPR) e Doutora em Oceanografia Química e Geológica (IO-USP). Professora Associada da Universidade Federal de Santa Catarina, na Coordenadoria Especial em Oceanografia, pesquisadora na área de Educação Ambiental Marinho Costeira, Poluição e Biogeoquímica Marinha. Traz Paulo Freire como referência e inspiração para o esperar. Mãe de duas mulheres.

Ana Maria Vasconcelos de Freitas – Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade da Região da Campanha (URCAMP), Especialista em Gestão Ambiental pela Universidade Franciscana (UFN) e Mestre em Perícias Ambientais pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora de ciências efetiva da rede municipal de Florianópolis.

Bruno Castro – Estudante de Licenciatura em Ciências Biológicas na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Integrante do Grupo de Estudos em Educação Ambiental da Biologia (GEABio) e do Laboratório de Ficologia da UFSC (LAFIC/BOT). Educador Ambiental e pesquisador sobre os Serviços Ecosistêmicos Culturais de Florianópolis/SC.

Camila Camargo – Licenciada em Geografia pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Pedagoga pela Faculdade Educacional

da Lapa (FAEL), pós-graduada em Educação Ambiental e Sustentabilidade (UNINTER), Mestre em Educação (PPGE – UDESC) e doutoranda em Geografia (PPGGeo – UFSC). Atua mediando os saberes geográficos aos alunos do Fundamental II na região da grande Florianópolis.

Larissa Marchesan – Licenciada e Bacharela em Geografia pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Pedagoga pela Faculdade da Lapa (FAEL). Pós-graduada em Educação Ambiental (FAEL). Mestranda em Educação (UDESC). Professora de geografia da rede pública e particular e Educadora Ambiental no Parque Estadual da Serra do Tabuleiro.

Maíra Almeida – Bióloga e oceanóloga pela Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Estudante de Pedagogia na UNIASSELVI. Membro do Núcleo Transdisciplinar de Meio Ambiente e Desenvolvimento (NMD – UFSC) e do Laboratório de Oceanografia Química e Biogeoquímica Marinha (BiogeqMar – UFSC). Formação com ênfase em resiliência de sistemas socioecológicos pesqueiros. Facilitadora de vivências e processos em Ecoformação Transdisciplinar.

Paulo Antunes Horta Jr. – Biólogo e doutor em Ciências Biológicas, pela Universidade de São Paulo, professor Associado da Universidade Federal de Santa Catarina, junto ao Departamento de Botânica, atuando tanto nos cursos de graduação em Ciências Biológicas e Oceanografia, assim como nos programas de Pós-Graduação em Oceanografia e Ecologia. Teve sua formação acadêmica enriquecida por vivências de docência diversificadas, do Ensino Médio supletivo ao Ensino Superior, com atuações em realidades distintas do nordeste e sul do Brasil. Vê necessidade de *Freirear* o sistema de educação brasileiro, contribuindo com para o fortalecimento das bases para uma sociedade mais autônoma e libertária, que tenha clareza sobre seu papel na construção do bem-estar e de relações harmônicas com os sistemas naturais.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I

Nossas cartas ao projeto	15
Do fundo do meu coração para as Escolas à Beira Mar, para esse mundo afora e adentro... ..	16
Para as educadoras e educadores que amam e venham a amar o mar	19
Um convite à Ciência Cidadã na Escola e à (Re)conexão com o mar	21
Carta – Escolas à Beira Mar	23
Quando o começo surpreende.....	25
Modos de começar	26
Do outono de 2020 ao outono de 2021: entre o cuidar e o rememorar	28
Quando a esperança nasce à beira-mar	31

CAPÍTULO II

Cartas às Escolas	35
Processos de aprendizagem no desenvolvimento do Projeto SBPC vai à escola em parceria com o Projeto Integrado Escola-Parque.....	36
O Projeto.....	52
(Re)Começar	71
Rememorar Paisagens, Recriar Espaços.....	77

CAPÍTULO III

Cartas para o Futuro	85
Cartas escritas por estudantes	
Professora Adriana Guardiola Lunardi	86
Cartas escritas por estudantes	
Professora Ana Maria Vasconcelos de Freitas	110
Cartas escritas por estudantes	
Professora Camila Camargo.....	115
Cartas escritas por estudantes	
Professora Larissa Marchesan	133
Referências bibliográficas	146
Informações.....	147

CAPÍTULO I

Nossas cartas ao projeto

DO FUNDO DO MEU CORAÇÃO PARA AS ESCOLAS À BEIRA MAR, PARA ESSE MUNDO AFORA E ADENTRO...

Por Adriana Guardiola Lunardi

Gratidão Pacha Mama, por nos carregar no seu solo nessa viagem ao redor do Sol, por nos prover a vida, por nos ensinar a sermos humanos e aprender com a natureza a fazer parte dela. Gratidão aos nossos saberes ancestrais e honrados antepassados, e aos meus pais que me colocaram nesse mundo. Gratidão infinita pela oportunidade de participar desse processo e de ajudar a compor essa constelação, que dessa união fez nascer o projeto Escolas à Beira Mar, nesse jardim plantado no ano letivo de 2020, e poder crescer junto e ser acolhida nesse momento tão diferente que vivemos. Gratidão eterna aos integrantes do grupo SBPC vai à Escola, formado por educadores envolvidos e comprometidos com a educação e a esperança de realizar sonhos. Meu profundo agradecimento à Professora Alessandra Fonseca, em especial pelo convite e nutrição do processo, pela riqueza de aprendizado que nos proporciona com seu conhecimento, sua prática educativa e presença de espírito sempre.

Ao Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, meu território de aprendizagem, muito obrigada à irmandade formada pela equipe de monitores e educadores na gestão compartilhada IÇARA/IMA¹, especialmente ao Luiz Henrique Pimenta, por nos conduzir nessa trilha de aprendizados em educação para conservação da natureza. Às Escolas de Educação Básica: Padre Vicente Ferreira Cordeiro e José Maria Cardoso da Veiga, muito obrigada por abarcar nossos sonhos, abrindo as portas da comunidade escolar para o projeto Integrado Escola Parque, em

parceria com o SBPC vai à Escola e por permitir essa experiência no laboratório sala de aula, em plena transição do ensino presencial para o remoto na perspectiva da pandemia. Agradecida imensamente aos estudantes e famílias, que tornaram realmente possível esse sonho acontecer! É em homenagem a vocês crianças, jovens e seus familiares que apresentamos esse trabalho, e sim, vocês merecem muito mais, um mundo bem melhor no presente e no futuro.

É nesse laboratório vivo que se forma uma rede de aprendizagem, nessa mandala tecida por esse novo tempo e em diferentes dimensões dos territórios de aprendizagens, o lugar onde experimentamos nossas práticas pedagógicas com base em ações e reflexões críticas, construções coletivas de um conhecimento científico e de saberes essenciais.

Os projetos se desdobraram nas escolas e no parque, junto ao projeto SBPC vai à Escola, universidades e outras parcerias nas comunidades escolares, especialmente uma experiência muito significativa em minha trajetória na Educação. O trabalho realizado com as turmas de geografia dos anos finais do Ensino Fundamental, foi atravessado pelo projeto realizado com os anos iniciais na escola, e deu origem a um núcleo de aprendizagem entre famílias e escola, o que marcou o meu percurso como educadora, mãe e professora. Com a Professora Nilceia Kiyzanoski, nossa especialista em Educação pela alma, vivenciamos na prática princípios e valores importantes para a formação de uma comunidade de aprendizagem, um espaço coletivo de autonomia, criatividade e sensibilidade, com o foco no processo educativo, com objetivos claros, responsabilidade e comprometimento. Nesse afloramento no engajamento das famílias em parceria com a escola e a brilhante atuação e mediação da Profe Nil, como é carinhosamente chamada pelas crianças, realizamos um planejamento pedagógico aberto, participativo, com resultados evidentes de aprendizagem nas turmas envolvidas. Isso tudo em meio à pandemia, que fez o ano de 2020 ser um divisor de águas na história da educação em nosso país e no mundo. Trabalhos como esses, realizados nas escolas e ancorados pelo projeto Escolas à Beira Mar, representam o potencial educativo de ações elaboradas em planejamentos coletivos, refletidas e geridas em espaços de educação não formal e sua contribuição na educação formal, visando uma formação integral do ser humano. Seguimos na busca de conexões entre as atividades desenvolvidas nesse programa educativo transversal, interdisciplinar e interinstitucional, e do alinhamento às propostas pedagógicas da comunidade escolar, às proposições da BNCC, da Base Curricular do Território Catarinense e das diretrizes nacionais da educação ambiental em unidades de conservação da natureza.

Gostaria de expressar nesse livro a importância dessa trajetória; vou deixar trechos de minhas impressões e pegadas até aqui, essas reflexões ficarão reverberando ainda dentro de mim, algumas consolidações foram possíveis até o momento, porém, estou diante de uma fonte inesgotável de fazeres e saberes, que podem ainda serem desdobrados por muito tempo.

Finalizamos um ciclo, mas não paramos aqui, apenas começamos, tomamos e tivemos em nossas mãos uma educação de sonhos, experimentamos, vivemos, refletimos, realizamos, compartilhamos e continuamos fazendo, movidos por essa força coletiva, pelo desejo, pela vontade que se produz quando vamos encontrando nossos pares.

É com muita honra que entrego esse convite, para percorrer em algumas páginas uma parte dessa nossa história, de memórias do passado, interpretações do presente e imaginações do futuro, em linhas e entrelinhas de relatos reflexivos e compartilhamentos de experiências.



Atividade de interpretação ambiental e pesquisa.

Djim Francisco Lunardi Conterno: “Olha mãe, duas tartarugas mortas dentro do rio!”.

(Riozinho do Capivari – Praia da Pinheira – Palhoça/Parque Estadual da Serra do Tabuleiro SC, 2020).

PARA AS EDUCADORAS E EDUCADORES QUE AMAM E VENHAM A AMAR O MAR

Por Alessandra Larissa Fonseca

Gosto da ideia do Ailton Krenak, de que o sonho é uma “instituição”, como algo orgânico que pode nos trazer leituras de um inconsciente coletivo, como se abrisse uma fresta entre o mundo espiritual atemporal e a nossa realidade material, inserida na materialidade da natureza. Também gosto do sonho como método do Esperançar de Paulo Freire, que é ação, “que permite ir atrás, construir, (...), juntar-se com outros para fazer de outro modo”.

Desses sonhos se fizeram os encontros com educadoras e educadores também sonhadores, encontros de muita reflexão, de criar possibilidade de aprendizagem, em um período de isolamento trazido pela pandemia do COVID-19. O desafio era enorme, as incertezas dominavam, mas foi no diálogo, com muita escuta, compartilhamento dos anseios, frustrações e alegrias, que conseguimos dar nossos passos, juntamos as mãos e escolhemos um caminho. Adriana, Ana Maria, Bruno, Camila, Larissa, Máira e Paulo – com todas as outras inúmeras forças e pessoas que estão conosco- vimos que a memória, o meio que nos conectamos com o nosso eu e história de vida, poderia ser o caminho para a compreensão dos conceitos de geografia e de ciências.

Vivemos à beira do mar e as memórias vividas por nós, nossos amigos e familiares, no presente ou ao longo de muitas gerações, estão inseridas na paisagem dos ecossistemas costeiros. Praias, dunas, rios e riachos, manguezais, lagoas, trazem na memória o cheiro, os sabores, as cores, a força dos ventos e das águas, as percepções sutis que nos conectam à coletividade, à partilha desses espaços-territórios

onde tecemos nossas vidas. A memória guarda a história da paisagem e dos serviços que os ecossistemas nos oferecem, e pode servir como espaço atemporal, pois está sempre presente, de vivência para a abordagem conceitual e pedagógica. Por ela se pode abordar, de forma unificada, os conceitos das diversas áreas do conhecimento, não somente das ciências e geografia, potencializados por estarem entrelaçados à experiência individual e coletiva, fortalecendo o significado da vivência e do aprendizado. Trabalhar com as memórias também nos exigiu muita atenção, pois nem toda memória é alegria, como nos alertou Maíra. Foi necessário trazer a memória sutil sobre os ecossistemas como o primeiro ponto de uma rede que seria tramada. Para então tecer os conceitos dos temas curriculares, trazendo a visão coletiva como estratégia para refletir em como podemos deixar esse mundo melhor do que o encontramos.

E das intenções, fizemos ações e colhemos histórias. A cada retorno de atividade nos emocionamos muito, confirmou-se que a natureza que nos cerca está na memória de cada um de nós, que podemos interpretá-la em diversas linguagens, abrimos espaço para o diálogo mesmo não podendo fazer uma aula de campo...o sol, o cheiro, os sentimentos de um momento em família durante um passeio de verão, a história dos familiares que vivem na beira do mar e nos contam sobre como esse lugar mudou ao longo das gerações com o crescimento da cidade, a lembrança do banho na água que hoje não é possível devido à poluição, ou do peixe que diminuiu e dificultou a pesca. Está tudo ali – guardado na memória. Lemos poesias, ouvimos músicas e entrevistas com familiares, assistimos aos vídeos elaborados para as atividades. Se a vida é um processo de conhecimento, confirmamos nessa vivência que o conhecimento e o interesse de cada uma e cada um é um potente início de caminho. Essa potência pode ser observada não somente pelos resultados encontrados, mas também pelo aumento da participação dos jovens nas ações escolares, como relatado pelas professoras. Essa potência não está inserida em livros didáticos ou em prática conteudista, está no indivíduo, ligado à sua coletividade e ao seu território. Que possamos compartilhar mais dessas vivências à beira mar: os ecossistemas são laboratórios livres, são cenários de nossas práticas e crenças e estão indissociáveis daquilo que somos.

Querida leitora e querido leitor, que essas páginas encontrem sua inspiração e o esperar para a formação de uma civilização melhor.

Com carinho,

Alessandra.

UM CONVITE À CIÊNCIA CIDADÃ NA ESCOLA E À (RE)CONEXÃO COM O MAR

Por Ana Maria Vasconcelos de Freitas

Olá, me chamo Ana Maria Vasconcelos de Freitas, sou bióloga e há 7 anos leciono na disciplina de ciências naturais. Junto à minha docência resolvi dar continuidade aos meus estudos, e ingressei no programa de pós-graduação do mestrado em perícias ambientais, onde conheci a professora doutora Alessandra Fonseca, que me apresentou o projeto “SBPC vai à Escola”, promovido pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

O projeto em nossa região tem como foco os ecossistemas costeiros, que são muito importantes para o bem-estar humano e global, propiciando a formação cidadã de nossos educandos através do conhecimento científico e tradicional, de forma a participarem nas diferentes instâncias da gestão costeira.

Sempre gostei de trabalhar de forma interdisciplinar em minhas aulas, associando os conteúdos ao contexto em que vivem, para que os estudantes possam entender e atuar dentro deles e conectá-los ao seu ambiente natural. Em minha escola, tive a parceria da professora de geografia e da equipe pedagógica.

A adesão ao projeto não só propiciou uma oportunidade de levar aos estudantes conhecimentos e novas visões do mundo ao seu redor, como possibilitou o convívio com professores maravilhosos, que trouxeram uma linda bagagem para compartilhar com seus pares.

Mesmo sabendo que o resultado certamente seria rico e gratificante, os caminhos que teria que tomar em vista do novo método de aulas online seriam desafiadores, já que o ensino remoto nem sempre atinge os alunos, e o desenvolvimento

de projetos remotos ainda são mais complexos, seja pela falta de ferramentas digitais, dificuldades de acesso à internet, inúmeras distrações no ambiente de casa e questões familiares diversas, trazendo-me a preocupação de como seria o processo, e se eu daria conta de mais essa atribuição.

Os encontros eram realizados através de uma plataforma online, onde trazíamos assuntos do cotidiano ligados aos ecossistemas costeiros, para que eles se sentissem envolvidos, interessados e parte integrantes do meio em que vivem. As interações eram desenvolvidas de forma que eles fossem protagonistas, relatando suas memórias, curiosidades e experiências. Após discussões sobre os assuntos trazidos, eles tinham missões a cumprir.

As missões eram sempre a realização de algum registro relacionado ao que aprenderam e discutiram, que podia ser através de registro escrito ou audiovisual. Grande maioria dos educandos se interessaram em registrar suas memórias em formato de vídeos, que foram transcritos para versão escrita, que aqui neste livro vocês poderão conferir.

Muitos estudantes envolveram a família junto em suas produções, o que deixou ainda mais divertido e participativo. Durante suas produções puderam perceber que todos os ecossistemas costeiros estão interligados, e que nós fazemos parte desses sistemas, assim como todos os problemas também estão associados. Além da reflexão perante aos problemas foi notável a mudança de atitude entre os estudantes e familiares, deixando uma mensagem para toda a comunidade através dos seus produtos audiovisuais.

O resultado me deixou muito realizada como bióloga e professora. De fato, o projeto veio em um momento difícil de pandemia, foram muitos desafios e no fim das contas, o projeto não veio como uma incumbência a mais: foi um prazer. Os alunos conseguiram desenvolver inúmeras competências, como práticas de iniciação científica e construção de argumentos para debater inúmeros problemas pertinentes que devemos dar devida importância.

Fica minha gratidão aos professores parceiros envolvidos, professores coordenadores do projeto: professora Alessandra e professor Paulo, aos alunos que embarcaram nesta proposta e a escola que apoiou a iniciativa do início ao fim.

Muito obrigada!

CARTA – ESCOLAS À BEIRA MAR

Por Bruno Castro

O começo do ano de 2020 foi para mim como o de um outro ano qualquer: alguns sonhos a serem trilhados, várias expectativas e muitas possibilidades. Logo no início do ano um projeto me apareceu do nada, tinha tudo a ver com meus caminhos trilhados dentro da Biologia e minhas vontades naquele momento; ele me encantou os olhos e o coração, e me fez enxergar um caminho bonito e empolgante pro meu último ano de graduação e pra minha possível tese de conclusão de curso. Mas pouco foi o tempo de dar início às movimentações, poder pensar nas atividades que seriam realizadas, organizar saídas de campo, aulas e oficinas, quando os ventos ainda brandos de uma suposta pandemia global começaram a soprar sobre o Brasil e sobre Florianópolis. Quando se anunciou o *lockdown* e a ventania já era visível no horizonte, acho que poucas pessoas tinham alguma ideia de quanto tempo ficaríamos nessa tempestade, mas talvez menos ainda sabiam que seriam mais de 12 longos meses. Um ano inteiro vivendo em *home office*, se adaptando ao ensino remoto e hoje sentindo o peso de mais de 250 mil mortes só no Brasil.

Diante desse cenário assustador, inesperado e complexo, foi necessário mudar o formato e as perspectivas do projeto original, se adequar ao modo remoto e continuar em movimento. Infelizmente para mim, nesse momento não era mais possível enxergar todas aquelas possibilidades do início, e também já não me cabia tentar construir um TCC diante de todas as incertezas e dificuldades agora colocadas sobre mim e sobre todos nós. Mas apesar de todas essas mudanças, transformações e complicações, a construção do projeto foi acontecendo devagarinho, com a formação de um grupo de incríveis professoras que, juntas

neste livro, irão expor um pouco de suas trajetórias e de seus trabalhos durante a pandemia de 2020 nas próximas páginas.

Ao longo dos meses, os encontros virtuais desse grupo foram se tornando espaços de abertura, entrega, reflexão e companheirismo, que serviam não só para discussões específicas sobre o projeto, mas sobre tudo que envolvia essa vivência pesada e difícil que era se adaptar ao “novo normal” – péssimo termo por sinal. Essas reuniões eram um lugar para expor as angústias e as dores, as conquistas e as alegrias da rotina como docente e como indivíduo. A partir dessas trocas o projeto foi tomando corpo; ideias surgiam, reflexões eram construídas e as atividades criadas eram colocadas em prática. Desse processo agradável e repleto de carinho e dedicação surgiram as primeiras formas de relatos, cartas e outros materiais que se juntariam um tempo depois para dar vida a este livro, a junção de uma parte do que foi produzido e vivenciado por essas pessoas que se uniram em um trabalho conjunto para compartilhar, auxiliar e somar às histórias umas das outras e à história desse projeto.

E novamente falando um pouco mais sobre mim, apesar de não ter conseguido realizar minha pesquisa com este projeto e com o que foi vivenciado nele, eu continuei me fazendo presente, participando dos encontros, auxiliando com algumas questões mais práticas aqui e ali, e sempre observando e absorvendo em todos os momentos compartilhados. A partir das experiências, histórias e perspectivas que cada uma delas trazia para os encontros, eu fui capaz de aprender muito não só sobre o ofício da docência, mas também sobre trabalho em grupo, cooperação e sensação de pertencimento. Hoje realizando minha pesquisa em outros espaços posso dizer, com certeza, que todos esses aprendizados e reflexões me acompanham e me dão forças para concluir minha graduação, e seguir em frente na minha formação como professor.

Bruno

QUANDO O COMEÇO SURPREENDE

Por Camila Camargo

A autora Noemi Jaffe diz em seu *Livro dos Começos* que “é bom começar, para o ‘começador’ esperançoso é como se tudo sempre fosse um novo começo: cada nova palavra, cada momento da história”.

Dois mil e vinte começou sendo planejado, construído entre saberes e vivências que estariam presentes em minha vida – e na vida de meus alunos. Com vinte e quatro dias letivos, em uma troca de aulas, soube que aquela poderia ser a última vez que lecionaria no semestre. Alguns termos, que somente se ouvia em filmes de ficção, começaram a ser apresentados em ampla escala – como uma possível solução, que até hoje não veio.

O começar que Jaffe apresenta impõe desafios – que a maioria dos professores não estavam preparados para enfrentar, as barreiras tecnológicas se tornaram físicas e se transformaram em um obstáculo na relação de ensino e aprendizado de diversos alunos (e professores).

A cada aula, sentia que meu repertório estava se distanciando da Geografia que me move – aquela feita de sentimentos, de olho-no-olho e risos frouxos. A ciência geográfica sempre foi, ao meu ver, construída de vivências com o externo, em experiências com os ambientes, em entender que somos natureza em todos os espaços que estamos sendo uma Geografia viva.

O ensino à distância levou meus alunos para longe, em um local de difícil acesso e de fácil distração: a Geografia havia sido deixada de lado.

Em meio a desconfortos, dificuldades e distanciamento surge o projeto Escolas à Beira Mar – que une educadores, que nos dá voz em meio ao silêncio das aulas remotas e possibilidades de ensino ligados aos ambientes marinhos-costeiros, tão relevantes nas questões ambientais atuais.

Nestas páginas encontraremos um compilado de histórias – com começos esperançosos para uma nova possibilidade de ensino, onde cada mediador de conhecimento apresentará sua bagagem neste momento de tantos aprendizados.

Com amor,
Professora Camila

MODOS DE COMEÇAR

Por Larissa Marchesan

*Diego não conhecia o mar.
O pai, Santiago Kovadloff, levou-o
para que descobrisse o mar.
Viajaram para o Sul.
Ele, o mar, estava do outro lado das
dunas altas, esperando.
Quando o menino e o pai enfim alcançaram
aquelas alturas de areia, depois de muito
caminhar, o mar estava na frente de seus olhos.
E foi tanta a imensidão do mar, e tanto fulgor,
que o menino ficou mudo de beleza.
E quando finalmente conseguiu falar, tremendo,
gaguejando, pediu ao pai: Me ajuda a olhar!
(Eduardo Galeano, 2002)*

Começo esta carta com o belo trecho de Eduardo Galeano, pois acredito que os escritos que compõem este livro nos ‘ajudam a olhar’. Levam-nos a um lugar do olhar sensível, um olhar de escuta, uma escuta sensível. Aqui, as narrativas de

professores e estudantes que durante um ano letivo, permanecendo trancafiados em casa devido à pandemia do COVID-19, conseguiram viajar no tempo, voltar ao passado e revisitar suas memórias afetivas, ou ir para o futuro e imaginar o novo mundo. Mesmo engolidos por aulas síncronas, assíncronas, plataformas digitais fantasiadas de sala de aula, impedidos do contato físico que a escola proporciona, das experiências da sala de aula e de saídas de estudos, conseguiram viajar no espaço e recriar paisagens em suas imaginações.

Convido ao leitor para uma experiência: fechar os olhos e relembrar um momento de sua trajetória que envolve algum ambiente ecossistêmico costeiro e marinho. Tente lembrar do cheiro, da temperatura, da cor, de todos os elementos. Essa experiência trata de compor em nossas mentes uma paisagem com (d) as memórias. Mesmo sendo uma memória que é falha, que é invadida por sentimentos, por nostalgia, ela diz muito sobre o meio ambiente que frequentamos, que brincamos, durante a nossa vida, e isso nos faz lembrar os diferentes saberes que ficaram esquecidos. Quando eu acesso minhas memórias, uma imagem nítida se forma: regresso à infância, vou para uma praia de areia bem fina, água do mar gelada e extremamente azul, até se confundir com a cor do céu. Lembro-me que ficava sentada na sombra do guarda-sol, com uma ‘pazinha’ verde e cavava um buraco enorme, o maior possível, ou melhor, o mais profundo que meu braço alcançasse, ao final meu objetivo era chegar na China. Lembro-me de como era o barulho do mar (se podemos chamar de barulho), do cheiro da água salgada e da brisa fresca.

A leitura deste livro, assim como a do pai de Diogo no trecho do Galeano, nos ajuda a ver os diferentes mares.

Com amor,
Larissa Marchesan

DO OUTONO DE 2020 AO OUTONO DE 2021: ENTRE O CUIDAR E O REMEMORAR

Por Maira Almeida

Começo de outono na ilha de Florianópolis, Santa Catarina. Dias de céu azul, dias de chuva serena, noites de céu estrelado, noites de chuva intensa. O elemento água a todo momento se faz sentir e nos lembra de sua essencial presença nas nossas vidas, para haver Vida! Somos feitos de água, ar, terra, fogo, éter, pensamentos, sentimentos, emoções, memórias, sonhos.

A qualquer momento, em qualquer espaço, podemos fechar os olhos, respirar fundo, sentir cada um desses elementos, observar nossos pensamentos atentamente, acolher nossos sentimentos, nossas lembranças, viajar livres por tempos e territórios que acompanham nossas vidas, as vidas de quem amamos e, até mesmo, aonde ainda não fomos, mas podemos ir com nossa imaginação e nosso sentir.

Escrevendo esta carta, recordo de encontros, via plataformas digitais, do Projeto Mundo à Beira Mar ao longo do ano de 2020 com queridas professoras de Escolas de Florianópolis e de Palhoça e colegas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Entre o fim de março de 2020 e janeiro de 2021, do outono ao verão, estava em Minas Gerais, entre o Cerrado e a Mata Atlântica. Por lá, as medidas restritivas de quarentena no enfrentamento à pandemia do covid-19 demandaram que, um pouco diferente do Estado de Santa Catarina, ficássemos em casa o quanto possível. Foi um tempo entoado pelo cuidar. Cuidar dos idosos, da família, dos amigos cachorros, das hortas e dos jardins das casas. Nessa tecitura do cuidar, se deu também o acompanhamento dos professores das Escolas do Mundo à Beira Mar e, embora sem contato direto com os estudantes, com eles e suas

famílias presentes em cada motivação, compartilhamento, diálogo, construção, constante e colaborativa aprendizagem.

Dentre tantas preocupações com as crianças, adolescentes e suas famílias nesses tempos tão desafiadores, o do aconchego e o da saúde na sua dimensão mais abrangente, integral, essencial até mesmo para a viabilidade da continuidade de processos de aprendizagem junto à escola nos contextos de ensino à distância. Na falta de possibilidades de movimentar-se livremente pelos bairros, cidades, praças, parques, praias, na natureza e pela distância do espaço-tempo escola, surgiram e, ainda surgem, diferentes necessidades e percalços, que pedem uma atenção especial na busca de adaptabilidade a tantas mudanças. Durante a quarentena, podem ter surgido momentos de aflição, medo, solidão, sensações de “confinamento”, mas também incontáveis superações, mais tempo com a família, carinho e novas alegrias. Quais os maiores desafios enfrentados? E como as atividades escolares poderiam e podem contribuir para trazer alívio, leveza, segurança, esperança?

Muitas dessas atividades podem ser ressignificadas na abertura ao alento da Natureza, da qual somos parte, na bela teia da interdependência da vida. No reencontro com a natureza, podemos vivenciar belas experiências, buscas, descobertas, surpresas. Nesse sentido, encontramos no trabalho com a memória ambiental, um meio para “viajar” por ecossistemas brasileiros e como fonte de pistas para estudos dos serviços ecossistêmicos e, sobretudo, como um convite rumo à liberdade diante tantas restrições enfrentadas ao longo do ano de 2020. Liberdade alçada na escuta atenta aos relatos das mães, dos pais, das tias, dos tutores, dos anciãos da família, em seu rememorar das vivências com os rios, as cachoeiras, as lagoas, o mar, admirando os bichos, as florestas, cuidando dos jardins, das hortas e, no reencontrar-se na espiral dessas belas lembranças, histórias, paisagens.

A memória relaciona-se com o significado dos sentidos, do vivido e, pela ressignificação do vivido abrem-se infinitas possibilidades de aprendizagem, de conhecer nossos ancestrais, de acessar lugares e tempos “distantes”, de “viajar” pelos ecossistemas sem mesmo sair do lugar, de conhecermos mais ao próximo e a nós mesmos. Podemos nos sentir um só com a água doce, com a água do mar, com a areia da praia, das dunas, com o verde das folhas, com as multicores das flores, dos peixes, dos passarinhos.

O que os estudantes, suas famílias, os educadores envolvidos nessa jornada podem aprender com o acesso às memórias ambientais? Qual a mensagem dos anciões e de pessoas mais “experientes” os jovens? Onde e como o rememorar e os sonhos se encontram? Conhecendo melhor de onde viemos, conhecendo um pouco melhor os ecossistemas que acolheram nossos ancestrais e os que nos

acolhem no momento presente podemos acessar também o mais belo e profundo de nossa essência, podemos compreender a nós mesmos de uma maneira mais profunda e seguirmos mais serenos no presente, dia a dia, rumo ao futuro de tantos sonhos. Mesmo em meio ao sofrimento, tristeza e incerteza nos dias atuais, sempre tempo de sonhar. Como podemos colaborar e, quem sabe, um dia realizar nossos sonhos para um mundo melhor?

Conhecendo melhor de onde viemos.

Conhecendo um pouco melhor os ecossistemas que acolheram nossos ancestrais e os que nos acolhem no momento presente podemos acessar também o mais Belo e profundo de nossa essência, podemos compreender a nós mesmos de uma maneira mais profunda e seguirmos mais serenos no presente, dia a dia, rumo ao futuro de tantos sonhos. Mesmo em meio ao sofrimento, tristeza e incerteza nos dias atuais, é sempre tempo de sonhar. Como podemos colaborar e, quem sabe, um dia realizar nossos sonhos para um mundo melhor?

É sempre tempo de rememorar, de aprender, de sonhar, de ter esperança. É sempre tempo de lembrar que podemos superar qualquer obstáculo, somos também água, terra, vento, luz do sol, sonhos, verde folha, verde esperança.

QUANDO A ESPERANÇA NASCE À BEIRA-MAR

Por Paulo A. Horta Jr.

O tempo. Tempo que mal percebemos, ou que por vezes nos entedia, ou ainda nos agonia, é elemento fundamental de nossa história. Pois é assim falando dele que venho aqui contar a minha perspectiva dos caminhos que nos trouxeram a este grupo maravilhoso, e das nossas Escolas à Beira mar. É difícil pontuar quando, mas sei que não era pandemia, quando aqui no Brasil e no mundo se discutiam as necessidades de avançarmos em uma educação inclusiva e transformadora, que pudesse contribuir para a construção de uma sociedade de bem-estar, que convivesse em harmonia com nossas naturezas. Uma coisa eu lembro.... faz muito tempo. De lá para cá entramos em uma roda-viva, que ao voltar de profundos mergulhos no mundo das ciências do mar encontramos praias sujas, águas poluídas e a vida morrendo. Mas não era para ser assim. Isto não estava planejado. Acreditava que nossa prática educativa era progressista, uma aventura desveladora, uma aventura de desocultação da verdade, como disse Paulo Freire ao falar da *Pedagogia da Esperança*. Acreditava que a sociedade, ao ter ciência das consequências dos modelos dominantes, assumiria seu protagonismo nas revoluções, que dariam vozes para toda a vida ignorada, maltratada, oprimida ou até exterminada, seja ela humana, animal, vegetal ou microscópica. Ao secar os olhos ainda salgados dos anos submersos, cegou ver que pouco tínhamos avançado na promoção de uma sociedade que fosse livre, e tivesse autonomia para construir um caminho seguro responsável e comprometida com a qualidade de vida, assim como com a saúde de todo um planeta.

E aqui estamos. Vivemos dias difíceis, onde os males parecem estar assombrando todos os nossos sentidos. O medo das incertezas cresce, e não raramente vemos atos que nos afastam do pacto civilizatório tão importante, para manter coesa uma sociedade que avança em conquistas sociais por maior igualdade, equidade em cenário de respeito ao meio ambiente e aos povos originários. Hoje mais que nunca a educação precisa ser resgatada e valorizada como a melhor de nossas soluções para a recondução de nosso povo e nação para uma direção de bem-estar socioambiental e resiliência, diante de um cenário global de incertezas, considerando as mudanças climáticas e os avanços de movimentos negacionistas de extrema direita. Como construir a esperança necessária para enfrentarmos inimigos poderosos, aparentemente imbatíveis? Como podemos encarar os desafios de aprimorarmos nossa sociedade e o processo educacional em um cenário tão desfavorável? Ao escrever essa carta em um primeiro momento, pensei serem reflexões de pandemia. Mas não, estas são convicções estruturadas por vivências e saberes, que com um misto de tristeza e coragem me fazem olhar para dentro da minha história, para encontrar nos meus próprios caminhos de professor, de construção empírica, dos processos de ensino de botânica na graduação. Somos todos humanos, com todas as belezas de nossas imperfeições, com todos os acertos de nossos erros. Vejo na minha própria história as motivações para uma busca continuada de um ensino que fosse mais engajador, e indutor das transformações que acredito estar o mundo precisando.

Hoje olhando no retrovisor do tempo lembro das minhas primeiras escapadas da escola. Com genética subversiva, convenci colegas que a escola não ensinava, era um porre. Fizemos uma casa na árvore, eu, Marcelo e Everaldo. Resto de construções foi a matéria prima para erguermos uma espaçonave, que tinha como destino diário planetas jamais visitados, mundos desconhecidos. Para sustentar tardes de atividades não curriculares, criávamos perguntas, debatíamos suas possíveis respostas, fazíamos leituras coletivas, buscando na aventura colaboração para dar mais tempo para a diversão que todos compartilhavam. Tudo ia bem.... até que a mãe do Marcelo encontrou com a professora no supermercado, que perguntou se meu saudoso amigo estava doente. Bom, tivemos uma semana difícil, mas nada apagou aqueles momentos vividos no início dos anos 80.

Esse era um garoto que pescava com o pai, andava no mato do interior. Em viagens de férias na praia se deslumbrou com as belezas e mistérios nos primeiros mergulhos no mundo que temos à beira mar. Estas observações detalhadas foram alimentadas por reflexões derivadas da primeira leitura de um livro que ainda trago comigo, *20.000 léguas submarinas*, de Júlio Verne. Animais colossais, vistos

como monstros, paisagens com cores e cheiros, um mar de sensações diversas, que cultivei por anos, foram confrontadas com realidades que fazem explodir nossos sentidos, com sons molhados. Estas experiências se avolumaram à medida que o tempo passou e tive a oportunidade de experienciar os mais diversos lugares ao longo de um caminhar repleto de altos e baixos, com todos os processos de aprendizados intrínsecos. Nessa jornada coloco em lugar de destaque das minhas memórias a necessidade que seja reconhecido que é certo errar, e que errar me fez acertar.

Avançando em direção ao presente, depois de passar por um período de bitolagem e adestramento, com um ensino médio convencional, serviço militar obrigatório e vestibulares, tenho novamente saudade das minhas primeiras reuniões de trabalho como aluno do curso de ciências biológicas, na Universidade de São Paulo. Era 1993. Formávamos um grupo de graduandos que queriam entender mais sobre golfinhos. Nós fazíamos nossas próprias perguntas e construíamos em conjunto nossas respostas, depois de longos períodos com a companhia da Janete, bibliotecária de quem guardo enorme carinho.

De lá para cá vieram a graduação, um mestrado não concluído, o doutorado e a docência. Foram cerca de 27 anos de um mergulho profundo em teorias diversas e processos complexos que norteiam a vida em nosso planeta. Minha inquietação nos cerca de 20 anos na Universidade Federal de Santa Catarina cresceu com o tempo à medida que ficava mais clara a visão de uma sociedade que se afastava da academia, e neste limbo cresciam sombras escuras que hoje têm grande responsabilidade da tragédia Brasileira que já assassinou centenas, queimou milhares e envenenou milhões. Neste processo clareou a visão de um sistema que verticalizou o processo de ensinar, punindo erros e alimentando uma sociedade competitiva, voltada para o indivíduo. Claramente este modelo de perceber a realidade e de induzir a organização da sociedade tem grande participação nas decisões que tomamos em todos os momentos. Do consumismo ao descompromisso com o voto, são reflexos desta sociedade e de seu processo de formação, que tem nas debilidades do sistema educacional parcela da responsabilidade.

Entretanto, veio a pandemia e nos deparamos com o colapso deste modelo de sociedade como um todo. No caso do Brasil, veio para nosso azar um governo que potencializou nosso sofrimento e acelerou retrocessos. É como se tivéssemos seguido caminhos tortos sem perceber que em nossa rota estava um precipício profundo, escuro, de dores e incertezas. E é diante deste momento, e deste horizonte, que precisamos refletir sobre os modelos vivenciados e aqueles que estão cada vez mais presentes nas rotinas de nossas crianças e realidades de nossas escolas.

Olhando para o meu passado encontrei as explicações do processo de formação de alguém que teve respeitada sua curiosidade e a fome de aprender. Foram estas experiências que me fazem acreditar que podemos fortalecer em nossos alunos e na comunidade escolar a perspectiva de que o aprender é algo de nossa natureza, que nos dará autonomia, liberdade e esperança de vivermos cada vez melhor. Acredito que cada um de nós pode encontrar a motivação na sua própria história, em seu entorno, em sua realidade e que estes venham alimentar nossa insatisfação e a busca por construirmos uma educação indutora de mudanças! E precisamos de mudanças. Precisamos perceber as consequências de nossas ignorâncias. Precisamos nos livrar das vendas que impedem uma visão clara do abismo que se encontra bem à nossa frente. Percebendo os problemas teremos uma sociedade que vai construir de baixo pra cima a escola dos sonhos que indique o caminho das soluções. Essa escola, como nos meus sonhos, seria à beira mar, alimentando ondas de transformação que vão produzir um futuro melhor para tudo que é vivo. Esperamos que as reflexões deste livro alimentem as fomes de um mundo melhor que todos nós temos. Então, que venha o banquete!

Um fraterno abraço, e boa leitura!

Paulo Horta

CAPÍTULO II
Cartas às Escolas

PROCESSOS DE APRENDIZAGEM NO DESENVOLVIMENTO DO PROJETO SBPC VAI À ESCOLA EM PARCERIA COM O PROJETO INTEGRADO ESCOLA-PARQUE

Adriana Guardiola Lunardi

Juliana Roemers Moacyr¹

Alessandra Larissa Fonseca

O trabalho realizado no ano letivo de 2020, com as minhas turmas dos anos finais do Ensino Fundamental no Componente Curricular de Geografia, foi um processo de aprendizagem mútua. Uma oportunidade de experienciar uma prática educativa diferenciada em um momento delicado, quando se instalou de forma abrupta, na educação básica, o ensino remoto, imposto pela realidade adversa da pandemia. Muito feliz em ser convidada a participar do *SBPC vai à escola*, e assim poder integrar nesse processo educativo as duas escolas onde estava lecionando Geografia, a EEB Padre Vicente Ferreira Cordeiro e a EEB José Maria Cardoso

1 Juliana Roemers Moacyr – Formada em Ciências Biológicas pela Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI. Mestre em Agoroecossistemas pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Doutoranda em Educação na Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Educadora Ambiental pelo Instituto Çarakura no Parque Estadual da Serra do Tabuleiro. Colaboradora no projeto SBPC vai a escola, minha parceira atuante no projeto integrado Escola-parque, na elaboração e realização de atividades sobre interpretação ambiental, nas reflexões e consolidações acerca de inovações na educação e na construção de nossa comunidade de aprendizagem no parque, Núcleo Massiambu. Contribuiu com a concepção, escrita e revisão do presente capítulo.

da Veiga, situadas em comunidades no entorno do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro (PAEST), onde sou educadora ambiental. Entrei no parque em 2002, e em 2004 ingressei no curso de Geografia da UDESC; desde 2008, venho desenvolvendo trabalhos de extensão entre o parque e as escolas das comunidades do seu entorno. Com ações pontuais e inserindo as temáticas do parque ao currículo escolar, realizando experiências continuadas, inicialmente com o teatro-educação, e posteriormente de forma transversal nos planos de ensino de Geografia e em projetos interdisciplinares. Esse processo continuado de educação ambiental entre o parque e as escolas vem se consolidando como Projeto Integrado Escola-Parque, e junto com outras frentes é um dos componentes no Programa de Educação Ambiental do PAEST. O Escola-Parque se tornou minha pesquisa de mestrado no PPGE/UDESC, onde estou cartografando sobre o meu percurso formativo, refletindo sobre as experiências nos processos e desdobramentos da educação ambiental realizada entre esses espaços não formais da educação e sua contribuição na educação escolar. A parceria e integração com o SBPC no ano letivo de 2020 me propiciou um aprendizado diferenciado: essa experiência foi muito significativa e gratificante, o que me ajudou a sustentar minha prática pedagógica no ano mais difícil do trabalho docente, atingidos pela crise sanitária do coronavírus. Além das minhas turmas envolvidas diretamente no projeto SBPC, integrado ao projeto Escola-Parque, contempladas no plano de ensino de Geografia de forma transversal, foram incluídas nesse trabalho as turmas dos anos iniciais dos terceiros e quartos anos do Ensino Fundamental, entre as quais faz parte o meu filho Djim Francisco. Com a parceria das Professoras Nilceia Kiyzanoski e Dayane Neckel Tonelli, da EEB Padre Vicente Ferreira Cordeiro, na praia da Pinheira em Palhoça, e a participação de famílias e educadores do parque, foi desenvolvido o projeto *Animais Marinhos e o Lixo nos Oceanos*. Os projetos se desdobraram e foram articulados nas escolas e no parque, com o suporte e apoio do grupo de educadores do *Projeto SBPC vai à escola*, Universidades e outras parcerias da comunidade escolar.

Em meio ao cenário desconhecido e desafiador imposto pelo COVID-19, metodologias alternativas adaptadas para o modo remoto foram desenvolvidas, onde se buscou manter uma proposta pedagógica transversal, sem perder de vista a perspectiva da formação integral do ser humano e uma educação para conservação da natureza, mesmo diante das limitações do ensino remoto na perspectiva pandêmica. Os desdobramentos das ações deflagradas nessa rede de aprendizagem sustentaram o processo de uma prática docente diferenciada, ancorada no fortalecimento e na valorização da atuação da comunidade escolar. Em meio “ao mar revolto” da Educação Básica no modo remoto de ensino, surge um espaço

para o exercício da autonomia, da criatividade, da sensibilidade, com o foco no processo educativo e na superação das dificuldades enfrentadas.

Um adendo sobre a transição para o ensino remoto...

O novo sistema, um modo absorvedor, não deixou em sua implantação abrupta, “nem sombra, nem rastro”, de estar apto a parar para refletir ou ser construído de forma coletiva, veio e chegou na velocidade da nova era digital e na lógica da globalização, instalado às pressas, a duras penas pela pandemia. A autonomia e processos de aprendizagem, que vinham sendo construídos pelos moldes do ensino presenciais, que vigoravam antes da pandemia, foram estancados e desemparelhados por tempos indeterminados e substituídos pelo ensino remoto que, de imediato, anestesiou e enquadrou a prática pedagógica numa enxurrada de burocracias digitalizadas, afetando as propriedades do domínio e da liberdade da ação docente. Decretos sequenciais e muitas vezes contraditórios passaram como rolos compressores pelas imposições do novo modelo remoto de ensino, implantado às amarras pela ordem soberana do Estado, em meio ao pânico e à paranoia da perspectiva pandêmica.

Viagens cibernéticas à parte, nos encontramos isolados, distanciados da realidade presencial, presumindo sobre o que é essencial, e o que não é, para nós (seres humanos) continuarmos existindo em sociedade. A aprendizagem remota incomoda muita gente pelo isolamento em casa; e estar realmente preocupada em acompanhar o processo pedagógico, requer escuta, olhar atento, cuidado, autonomia... isso revela condições de desigualdade e exclusão social acirradas pela nova realidade, que não podem ser classificadas nem como Educação à Distância nem como *Ensinamento em casa (Homeschooling)*, sem falar no ensino híbrido.

Definir o novo modo de ensino em suas diferentes modalidades, situações e condições adversas é uma questão emergente, que afeta a grande área da Educação e atravessa toda a sociedade. No ano letivo de 2020, vários conceitos ressoaram e bateram como teclas insistentes, foram difundidos e incutidos, como por exemplo a palavra “reinventar”, que foi um dos hinos mais tocados e badalados para se referir às novas orientações para a prática pedagógica. As escolas tiveram que reaprender a sua função, os professores precisaram se equipar e aparelhar para enfrentar o desafio das aulas *online* e do *homeoffice*, do atendimento remoto, estudantes e famílias foram obrigados a se adaptar ao novo sistema.

Nesse contexto, parcelas significativas da população ficam às margens de uma Educação de qualidade, afetados pela exclusão digital em vários sentidos e

aspectos. O “novo normal” não vem com a consistência que se almeja das partes envolvidas. As palavras chegam soltas e aceleradas, os conceitos devem ser elaborados rapidamente, atropelados, e se contradizem em meio à confusão dos protocolos de segurança. A vida, a saúde física e a mental ficam em risco eminente pela pandemia.

O território dessa pesquisa atravessa desertos, abismos, cidades interdidas e escolas (físicas) fechadas, as paredes de casa, portões fechados e ambientes virtuais de aprendizagem. O navegador em meio a uma tempestade está sujeito às perdas e danos que não podemos mensurar; entretanto, também há ganhos no percurso árido, sonhos no aqui e agora, sonhos que foram realizados no movimento pulsar da vida e na impermanência imanente no universo.

O campo da educação tem essa dimensão dos sonhos implícita em toda sua extensão, permeando o real, o possível e o impossível, onde aflora a resiliência dos processos que se configuram nos limiares da esperança. Em meio ao caos surgem oportunidades, possibilidades, limites, questões essenciais que valem refletir, quando estamos submersos em um “mar sem fim” e queremos emergir. Entre as perdas, os danos e os ganhos nesse processo de um ano letivo pandêmico, surgem novos desafios em relação à aprendizagem e à comunicação, na produção do conhecimento, nas habilidades, competências e funções de cada um, e nos agrupamentos sociais. O ciberespaço, o mundo real e a realidade possível no dia a dia das famílias em suas casas, em diferentes modos domiciliares, devem ser adaptados à nova e ao mesmo tempo traumática situação. Em minha trajetória virtual, perdidos da pesquisa, tive partes do trabalho involuntariamente deletados, extravios de arquivos enviados, devolutivas dos estudantes com recebimento de materiais avariados, sigo aprendendo a lidar com as perdas e os danos do novo modelo remoto de ensino, nunca antes experimentado. Essas reflexões são essencialmente importantes e, ao olharmos para esse processo como educadores e pesquisadores, encontramos um emaranhado de acontecimentos em um curto período, marcado por muitas mudanças e transformações.

Em busca de inovação nas metodologias para acompanhar os processos de aprendizagem

As turmas envolvidas nesse trabalho foram convidadas a serem protagonistas no seu processo de aprendizado: as atividades foram realizadas pela grande maioria dos estudantes, o que nos indica que houve uma boa recepção ao projeto,

aceitação e aproveitamento das atividades propostas, uns com maior grau de envolvimento, entrega, aprofundamento e dedicação. Basicamente, foi proposto um resgate de memórias do passado, das gerações passadas ou atuais, dos estudantes e seus familiares, interpretações e traduções do momento presente por meio da percepção socioambiental e uma projeção de futuro, despertando a imaginação. Nessa concepção metodológica, transversal e participativa, foram propostas diferentes formas para os estudantes realizarem suas atividades, participarem das oficinas e desenvolverem suas pesquisas. As devolutivas ficaram em aberto para diferentes opções de entrega, como escrita de textos, desenhos, mapas afetivos, por áudios, vídeos, poesias, colagens, etc.

Certamente avaliações diagnósticas exigem um tempo-chave para ocorrerem, aqui estamos apresentando resultados parciais de processos que foram deflagrados e interrompidos, descontinuados por reveses que afetaram as condições de estudo e de trabalho, a saúde física e mental; porém, consideramos e ressaltamos os ganhos do percurso.

Nos planejamentos coletivos, os educadores realizaram continuamente a reflexão crítica sobre a prática pedagógica, na perspectiva da lógica freiriana da ação-reflexão-ação. Foram considerados como indicadores de evidências de aprendizagem a participação ativa e espontânea dos estudantes na troca de saberes, e na comunicação como interlocutores de seus processos. Buscou-se trabalhar as aprendizagens essenciais de forma diversificada, transcendendo uma determinação de conceitos predefinidos ou perguntas com respostas prontas.

Para os estudantes das séries finais, optou-se por trabalhar com roteiros de pesquisa com questões abertas, e as atividades foram propostas em partes, de forma diluída, com o cuidado de serem breves, buscando um caminho diferente de propor exercícios extensos e com excesso de conteúdo. Claro que essa medida não se encontra em receitas prontas; porém o que se intencionou foram formas de provocar uma experiência de aprendizado que atendesse às necessidades do momento de transição que passamos. Os planos de aula foram trabalhados buscando a adaptação das temáticas e conceitos dos projetos parceiros, conectando a unidade de conservação aos conteúdos curriculares e aos PPS das unidades de ensino. Por meio das sequências didáticas elaboradas com as temáticas dos projetos, buscou-se despertar a percepção ambiental e o interesse pelo território.

Os familiares, nas suas diferentes gerações, reforçaram sua relação de lazer e sustento com os ecossistemas costeiros. Praias, dunas e rios fazem parte do cotidiano dessas famílias que vivem próximo ao mar; costões, lagunas, rios e cachoeiras também foram citados por alguns familiares. Imagens e vivências que foram

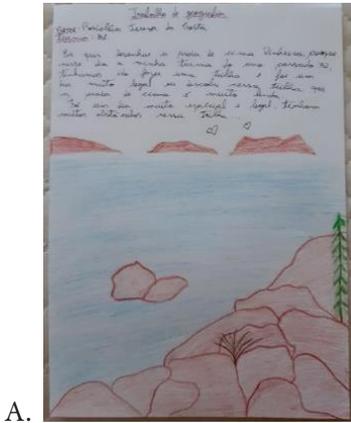
retratadas pelas turmas reforçam essa estreita relação com ecossistemas costeiros, permitindo trabalhar conceitos da geografia e de outras matérias a partir da memória:

“Lembrança boa que eu tinha era da época que eu era...entre 14, 15, por aí. Que eu morava no morro, que como naquela época era difícil ir pra praia, tinha a praia ali, ali do Saco dos Limões. Tinha um cantinho ali que a gente ia ali, pô era bem lega (risada). Tinha umas pedras que a gente mergulhava e tal era um tempo bom. Pô, a gente caminhava à beça, mas era bem divertido. Outro também quando a gente descia do morro também pra ir na costeira, entre a costeira e o Saco dos Limões ali, catar o berbigão. Pô, era bem legal, a gente se sujava todo (risada), que a gente andava um monte ali, que era cheio de lama ali pra catar o berbigão ..., mas era uma época boa, era bem divertido”.

Da memória surgem as lembranças de um tempo vivido:

“O mergulho em mar aberto, eu gostava de fazer isso na infância, enquanto meu avô pescava, eu me divertia no mar; Fui a uma cachoeira com meus familiares, estava um dia de sol intenso e vento fraco, o som d'água batendo dentre as pedras era alto fizemos mergulhos pulos nadamos e também fizemos um piquenique e depois voltamos para casa encharcados, mas felizes; Uma experiência significativa de minha infância foi, quando íamos eu e minha irmã pescar nos costões da Praia de Cima com meu pai, e tomávamos banho nas piscinas naturais que ali existem, era uma sensação de liberdade, inocência e amor ao meio ambiente; Quando era pequena ia com meu pai e meu vô na praia limpar peixe, tinha cheiro de maresia, ouvia as ondas do mar, e eu gostava muito era alegre; Quando a gente veio morar aqui, íamos todos os dias na praia do sonho, com a água limpinha, a areia tinha uma textura mais grossa devias as conchinhas, caminhávamos pela areia e também fazíamos trilhas”.

Figuras 1A-L – Memórias e expressões dos alunos sobre suas relações e de seus familiares com o mar e os ambientes marinhos e costeiros.



Legenda acessível

Trabalho de geografia

Eu quis desenhar a praia de cima Pinheira porque nesse dia a minha turma do ano passado 72, tínhamos ido fazer uma trilha e foi um dia muito legal eu descobri nessa trilha que a praia de cima é muito linda.

Foi um dia muito especial e legal, tinham muitos obstáculos nessa trilha.

Legenda acessível

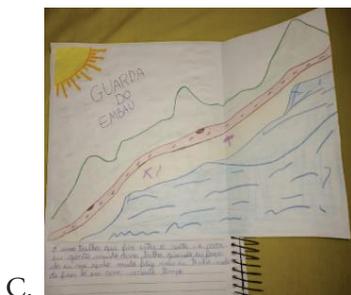
Me sinto feliz e contente esse lugar é respeitado meu sentimento é bom minhas energias são boas.



Legenda acessível

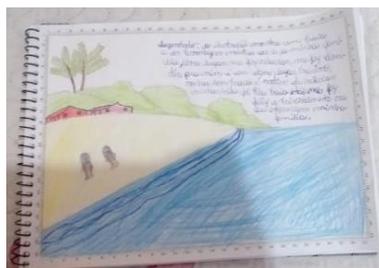
Guarda do Embaú

É uma trilha que fica entre a mata e o mar, eu gosto muito dessa trilha, quando eu faço ela eu me sinto muito feliz mas eu tenho medo de ficar lá em cima muito tempo



Legenda acessível

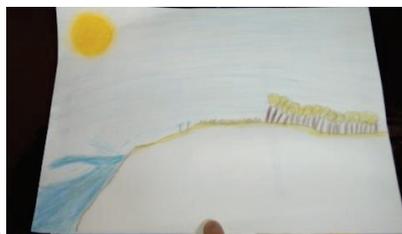
Legenda: a ilustração mostra uma praia e os personagens mostram eu e a minha família, esse lugar nos faz relaxar, me faz divertir, pra mim é um ótimo lugar. Por isso sonhar com praia é motivo de relaxar. Minha vida foi pela praia então me faz feliz e principalmente eu estive com minha família.



D.



E.



F.



G.



H.



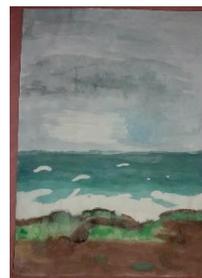
I.



J.



K.



L.

Fonte: Elaborados pelos autores, 2020.

“Uma vez fomos pescar e o mar estava calmo, durante a pesca o tempo mudou e veio um forte vento onde tivemos dificuldade para chegar à praia, após esse ocorrido nunca mais voltei ao mar para pescar”.

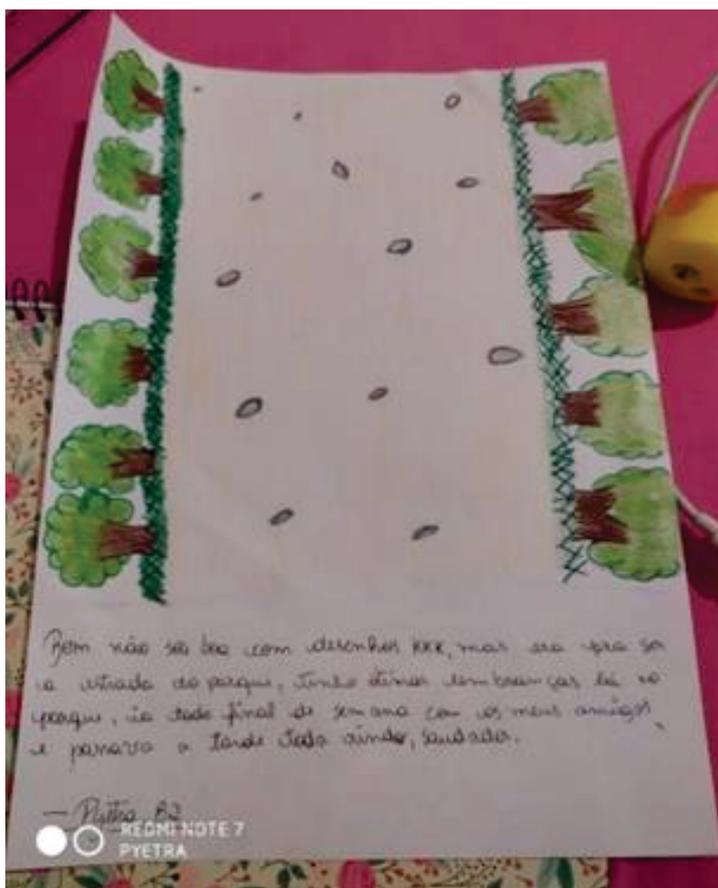
E compreender os impactos ambientais e as modificações dos ecossistemas que ocorreram ao longo dos anos.

“Em 1977 quando eu vim surfar a primeira vez na Guarda do Embaú era uma vila que viviam somente pescadores que viviam da pesca e do cultivo da mandioca, recordo que quando fui atravessar o rio para surfar havia muito siri uns siris grandes que tinham uma garra azul e branca e atacavam as pessoas que entravam no Rio com o passar dos anos, nunca mais vi essa espécie de siri no Rio da Madre, acredito que já esteja extinto”.

A natureza como busca espiritual e religiosidade:

“(…) tive uma experiência maravilhosa eu fui além da minha mente e me encontrei com Deus, senti amor por tudo e depois fui tomar um banho de rio e me transformei em um peixe e me senti como criança de novo”.

Figura 2 – Relato colhido por aluno com seu familiar.



Fonte: Elaborada pelo autor, 2020.

Professores, estudantes e famílias *on e offline*

Djim Frascisco, meu filho, um menino de 9 anos, isolado em casa em nosso ambiente domiciliar e familiar, foi atendido pelo ensino remoto, e juntos atravessamos um túnel num longo percurso formativo no terceiro ano do Ensino Fundamental. De repente sua educação escolar passou a ser mediada por mim, e meu filho teve muita dificuldade em ressignificar a escola, demonstrando muita resistência e falta de interesse em realizar as atividades. Tomar conta da sua educação escolar com o auxílio dos núcleos de aprendizagem que se formaram entre

o *Projeto SBPC* e o *Projeto Integrado Escola-Parque* resultou em uma experiência singular, onde pude me aproximar e me apaixonar novamente pela aprendizagem, depois dos distanciamentos desencadeados pela pandemia e o ensino remoto.

Figura 3 – A. Djim Francisco pesquisando sobre o riozinho que passa perto de casa e deságua no mar. B. Devolutiva da Victoria, que entrevistou seu pai.



Fonte: Elaborada pela autora, 2020.

Os trabalhos e registros que estão apresentados aqui são frutos dos desdobramentos dos projetos, que me ajudaram a fazer essa travessia na prática pedagógica. O trabalho com as minhas turmas de Geografia dos anos finais do Ensino Fundamental se estendeu de forma transversal ao aprendizado junto ao meu filho e sua turma da escola. Nossa casa virou a escola e a escola virou o mundo real e virtual. O espírito de planejar coletivamente as atividades e refletir sobre os processos com o grupo de educadores do SBPC e do parque serviu também de inspiração para dar suporte nas atividades com meu filho. Assim nasceu o *Núcleo de Aprendizagem*, formado inicialmente pelas famílias dos estudantes e professores dos anos iniciais, com os terceiros anos, e em seguida com os segundos anos e os educadores do parque. Nesse aprendizado, experimentamos um princípio de formação de uma comunidade de aprendizagem, com projetos de pesquisas e roteiros de estudos desenvolvidos com as crianças. Com o planejamento participativo, as professoras regentes das turmas desencadearam uma série de atividades e oficinas de acordo com os interesses dos estudantes. Essa trajetória nos trouxe

muita satisfação e esperança de uma educação inovadora, trazendo as experiências de educação ambiental no projeto integrado escola-parque, em parceria com o SBPC, e na perspectiva do paradigma da aprendizagem, ancorados em estudos sobre as metodologias desenvolvidas na Escola da Ponte, em Portugal, pelo Professor José Pacheco.

Conhecer o lugar, o território, saber que aquele lugar tem histórias, culturas, ritos e comemorações que explicam quem somos e por que somos assim. Quando o projeto pedagógico da escola entende que não se aprende apenas na sala de aula, mas que todo o espaço escolar, o bairro, a cidade, o país, o mundo são espaços de conhecer e se saber parte dele, a sensação de pertencimento fortalece a criança e o jovem. A escola que se entende parte da comunidade e nunca “à parte dela” será um território de trocas, saberes e festejos, que, coordenados e orientados pelos profissionais da educação, darão a todas as crianças e jovens, estudantes brasileiros, a oportunidade e a possibilidade de um percurso escolar de sucesso, sem interrupções e exclusões. (APRENDER EM COMUNIDADE, José Pacheco, 2014).

Foi muito bom! [...] a participação das famílias e dos palestrantes, dos alunos. No início se recusavam a participar e depois do projeto, o trabalho de resgate dos alunos, é quando eles começaram a participar, eles se sentiram úteis, importantes e assim despertou a curiosidade e interesse porque o tema estudado foi escolhido em assembleia. Decidiram pelo tema ‘animais marinhos’ (Prof. Nilcéia, 2020).

Durante o processo, os estudantes tiveram diferentes interesses de pesquisa e desenvolvemos juntos seus roteiros de estudos, que envolveram saídas de campo, pesquisas na *web*, em livros físicos e conversas em modo virtual com os colegas e educadores participantes. Foram realizadas diversas *lives* com convidados especiais, oficinas, onde as crianças apresentavam os resultados de suas pesquisas e compartilhavam os aprendizados.

Considerações finais

Os trabalhos realizados nas escolas ancorados pelo projeto *Escolas à Beira Mar (SBPC vai à Escola)*, e integrados com o programa de educação ambiental

do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro representaram um potencial educativo de ações elaboradas e refletidas em planejamentos coletivos, geridas em espaços não formais da educação e sua contribuição na educação formal para a formação integral do ser humano. Nesse sentido, essas ações aproximam a unidade de conservação e as comunidades escolares do seu entorno, e vão ao encontro dos objetivos político-pedagógicos que norteiam a prática da educação ambiental. A parceria entre os projetos Escolas à Beira Mar e Escola-Parque foi um ganho sem igual, que ajudou a superar as perdas e os danos que houveram no ano letivo de 2020. Os planejamentos abertos à toda comunidade escolar com a participação de educadores, familiares e colaboradores contribuíram no aprendizado mútuo e na transformação da prática pedagógica, de forma democrática por meio da reflexão, da pesquisa, da construção coletiva do conhecimento, trocas de saberes e fazeres. Nesse espaço educativo formal (e não formal) insurgem currículos mais autônomos. Desse diálogo emergem propriedades específicas, onde se busca fazer conexões entre as ações desenvolvidas nesse programa educativo transversal e interinstitucional, as propostas pedagógicas da escola, as proposições da Base Curricular do Território Catarinense e da BNCC, em alinhamento com as diretrizes nacionais para a educação ambiental em unidades de conservação da natureza.

Essas reflexões são fontes importantes para uma pesquisa em educação que procura acompanhar os processos deflagrados por meio de ações educativas baseadas em valores de vida e de sustentabilidade socioambiental. As formações continuadas, as paradas pedagógicas, os planejamentos coletivos participativos que envolvem as famílias, os núcleos de aprendizagem e as redes que se formam nesses processos são recursos imprescindíveis para se produzir uma educação integral. Nessa teia de saberes e fazeres em educação, experimentamos uma construção coletiva, criamos um lastro para a sustentabilidade e um território fecundo para o fortalecimento de vínculos socioemocionais que formam essa rede de aprendizagem.

Ao se trabalhar na perspectiva dos Temas Contemporâneos Transversais, como constam na BNCC, buscamos construir pontes entre os planos de ensino escolares e os espaços de educação não formais, como o parque, complementando e enriquecendo as matrizes curriculares do conhecimento formal e contribuindo na prática para uma formação integral do ser humano.

A transversalidade é entendida como uma forma de organizar o trabalho didático-pedagógico em que temas, eixos temáticos são integrados às disciplinas, às áreas ditas convencionais de forma a estarem presentes em

todas elas. A transversalidade difere-se da interdisciplinaridade e complementam-se; ambas rejeitam a concepção de conhecimento que toma a realidade como algo estável, pronto e acabado. A primeira se refere à dimensão didático-pedagógica e a segunda, à abordagem epistemológica dos objetos de conhecimento. A transversalidade orienta para a necessidade de se instituir, na prática educativa, uma analogia entre aprender conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real (aprender na realidade e da realidade). Dentro de uma compreensão interdisciplinar do conhecimento, a transversalidade tem significado, sendo uma proposta didática que possibilita o tratamento dos conhecimentos escolares de forma integrada. Assim, nessa abordagem, a gestão do conhecimento parte do pressuposto de que os sujeitos são agentes da arte de problematizar e interrogar, e buscam procedimentos interdisciplinares capazes de acender a chama do diálogo entre diferentes sujeitos, ciências, saberes e temas (BRASIL, 2013, p. 29).

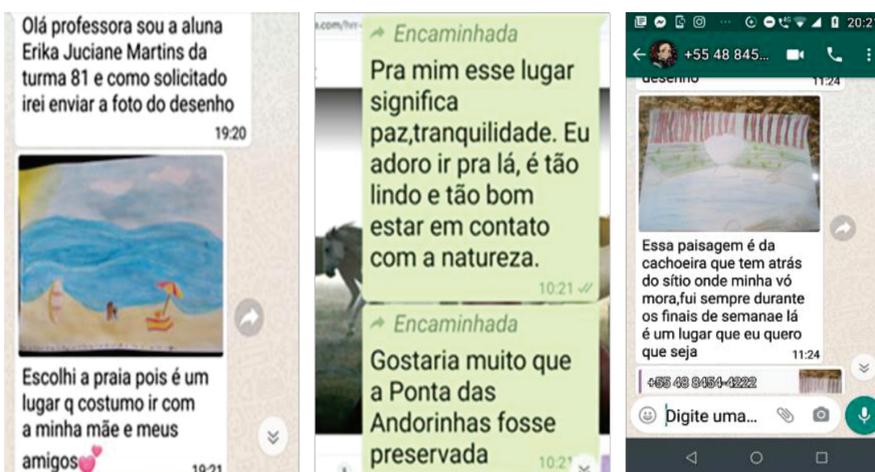
É comum um professor receber um trabalho sem nome do estudante, numa sala de aula geralmente se resolve esse assunto de forma fácil, porém, no ensino remoto, os procedimentos e dinâmicas do tempo revelam outras necessidades, carências, exclusões... Desde um aparelho com a tela trincada e vazado do cristal líquido, até a falta de internet. Os vieses são muitos, então aprendemos a reaprender o que pode ser uma aula, um processo de aprendizagem. As experiências se tornaram individualizadas na turma, mas coletiva no espaço familiar, promovendo especificidades de realidades em contraste; a “recuperação paralela” se tornou um dos caminhos possíveis para se diminuir a velocidade voraz do *cibermundo* dominante. As devolutivas dos trabalhos escolares passaram a ter tempos descompassados demais uns dos outros, e trabalhar de forma transversal foi uma estratégia, com atividades sincronizadas e simplificadas para o melhor acesso e alcance.

Formas de devolutivas dos trabalhos

Seguir a apostila, o manual, os tutoriais, as instruções, ler os textos, responder perguntas, corrigir, avaliar, dar notas, aprovar ou reprovar, julgar... são dispositivos educacionais que se embaralham e se descartam nesse momento, já não servem há um tempo. O aumento do índice de evasão escolar e a dificuldades

de aprendizagem que se agravaram são o reflexo desse modo de educar. Logicamente, dentro da evasão escolar existem situações e condições diversificadas, e a dificuldade de aprendizagem extrapola os limites tangíveis, vai muito além de os estudantes não compreenderem as questões, ou não conseguirem estudar em casa, estão associadas a dificuldades outras que envolvem recursos humanos emocionais, saúde física, mental. Todo um universo de realidades distintas afetadas pela pandemia em cada ambiente doméstico.

Figura 6 – Prints de tela de celular, com mensagens enviadas pelos alunos envolvidos no projeto a respeito dos trabalhos desenvolvidos.



Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

O PROJETO

Por Ana Maria Vasconcelos de Freitas

Os desafios

Ser professora nos coloca em inúmeros desafios, como estarmos sempre em construção e qualificação. A nossa formação acadêmica nos habilita para o exercício da função, mas a nossa busca é constante, seja por novos saberes, ações, estratégias para mediar e possibilitar a construção do conhecimento e as aprendizagens e vivências significativas dos nossos estudantes.

Nós, como professores, somos responsáveis pela construção de sujeitos críticos, transmitindo uma visão sobre as conexões existentes na vida; e para aqueles que escolherem além disso, serem educadores, o desafio ainda é maior.

Segundo Adams (2010),

Para aqueles que um dia, mais do que professores, escolheram ser educadores, esta é uma convocação para o exercício diário da proteção ambiental e da humanidade alinhada com nossos propósitos, sonhos, valores e respeito de um mundo mais justo, que propicie a vida em toda a sua plenitude, que legitime a convivência pelo amor (Adams, 2010).

O ano de 2020 foi atípico, e um ano ainda mais desafiador. Vivemos uma crise sanitária sem precedentes. A imprevisibilidade da COVID 19, o negacionismo, a negligência e a demora do governo brasileiro em assumir um plano emergencial de isolamento sanitário, testagem em massa e vacinação, fazem com que número

de mortes diárias seja alarmante em todas as regiões do país. Tivemos que adaptar nossas formas de aulas, antes olho a olho, para a tela do computador.

O ensino remoto não atingiu todas as famílias, aumentando ainda mais a exclusão social. Muitos estudantes não tinham como acompanhar os encontros síncronos, por não terem internet, celular ou computador. A prática pedagógica foi medida pela aproximação e contato virtual entre docentes e estudantes.

Não se podia considerar que a aprendizagem iria ser atingida, em um espaço no qual a mediação, o contato e a interação social são a base das relações educativas escolares. O contato remoto limitou o processo educativo, e nesse contexto, seguir com os planos de aula e planejamentos tradicionais, cobrando as mesmas habilidades, conteúdos e atividades, já não seria mais viável neste canal remoto de comunicação.

O convite

Diante do contexto de pandemia e ensino remoto, a inserção de novas práticas pedagógicas seria muito necessária. Na busca por novas formas de mediação, fui convidada a participar do projeto *SBPC vai à Escola*.

Dificuldades em iniciar um projeto de forma online certamente haveria. Mas a vontade de colocá-lo em prática era maior. A escola não deve fazer com que os alunos fiquem no seu quadradinho, presos a uma prova de papel, em que depois tudo fica perdido; ela deve transbordar para a comunicação, para o português, para a cultura, para o respeito, para os laços de amizade, para a responsabilidade, de fato, para tudo o que precisa para a nossa vida.

Segundo Morim (2003),

O saber não nos torna melhores nem mais felizes, mas a educação pode ajudar a nos tornarmos melhores, se não mais felizes, e nos ensinar a assumir a parte prosaica e viver a parte poética de nossas vidas (Morim, 2003).

As parcerias

O nosso projeto foi desenvolvido em conjunto com os professores de diversas escolas públicas e privadas, em encontros semanais e quinzenais.

A escola em que apliquei o projeto foi a Escola Básica Municipal Maria Tomázia Coelho, no Bairro Santinho, Litoral Norte da Ilha de Santa Catarina, com os alunos dos oitavos e nonos anos, do período matutino na disciplina de Ciências.

A Escola está inserida numa comunidade que originalmente sobrevivia basicamente da pesca, da renda de bilro e da agricultura e, mesmo com a chegada dos turistas, a pesca continua forte na região. Ainda, a unidade escolar está inserida numa importante área ambiental, onde é presente os ecossistemas de restinga, lagoa e praia. Acompanhando as mudanças estruturais do bairro, a comunidade sofre pressão pela urbanização.

Levando em consideração que precisamos esmiuçar o funcionamento da visão de todo e não fragmentado, formei parceria dentro da escola com a professora de Geografia, para que o projeto fosse ainda mais integrador e interdisciplinar.

Para que os educandos entendam a complexidade de relações que existem no universo, eles precisam entender e se sentir como partes integrantes da natureza, do meio em que vivem. Precisamos levar uma visão ecológica, holística e sistêmica de que tudo está interligado.

O projeto em ação

Vivemos atualmente em uma sociedade individualista, mecanizada, que vive formatada por regras socioculturais, consumistas e gananciosas. Condições que nos levaram ao cenário catastrófico em que vivemos atualmente com a pandemia. Para a mudança que precisamos como civilização devemos entender que a sociedade é reflexo dos indivíduos e que cada organismo é único, cada indivíduo é parte do ambiente e cada indivíduo tem uma história de vida.

Adams (2010) nos aponta que,

Fazendo uma leitura profunda do nosso corpo, das suas marcas, dos seus registros, das suas conexões, estaremos realizando uma leitura da nossa vida, da nossa história, das nossas reais necessidades, e isto possibilitará uma integração maior com o meio que nos possibilita a vida.

A educação ambiental promove transformação social quando se leva em conta os conhecimentos, saberes e percepções das pessoas. E, considerando a década do oceano que está começando, pensamos que primeiramente precisávamos saber o que os estudantes e comunidade escolar sabem sobre a nossa região costeira.

Desta forma, utilizamos as concepções da Cartografia Social, onde a comunidade aponta seus conhecimentos e experiências, ao mesmo tempo em que há troca.

Segundo Costa *et al.* (2016),

A Participação corresponde como processo permanente de construção social em torno dos conhecimentos, experiências e propostas de transformações para o desenvolvimento, fortificando relações de poder local, com a valorização dos aspectos culturais mediante o resgate dos valores, saberes, tradições e identidades comunitárias (Costa et al., 2016).

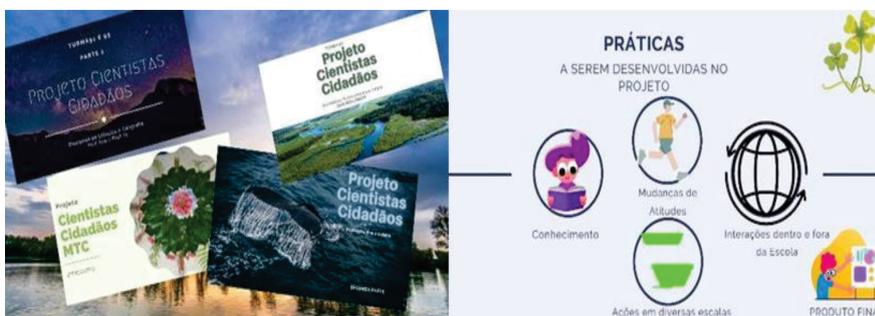
A Cartografia Social privilegia a construção do conhecimento popular, simbólico e cultural, elaborado sob os preceitos da coletividade, buscando registrar relatos, buscando a identificação de situações inerentes a conflitos na forma de uso do território em questão, afirmando identidades coletivas, conservação de práticas e culturas ancestrais (Costa *et al.*, 2016).

A ideia do projeto foi muito bem recebida por todos os estudantes e pela equipe pedagógica, pois estudar os ecossistemas costeiros e fortalecer a cultura oceânica é essencial em uma escola que está inserida em uma área de preservação de restinga, de frente para o mar. Na ideia de que para proteger e cuidar é importante discutirmos com toda a comunidade escolar o quanto os ecossistemas costeiros são importantes para nós, e refletir como as nossas ações podem influenciar nesses ambientes.

Juntamente com a professora de Geografia, renomeamos o projeto dentro da escola para o nome *Cientistas Cidadãos*; Cidadãos, pelo fato de todos nós termos direito e deveres no ambiente em que vivemos, direito ao meio ambiente equilibrado e dever de preservá-lo. Desta forma, devemos utilizar a ciência para implementar a melhoria do nosso meio, para transformar mentes e educar ações.

O projeto iniciou com encontros online de forma síncrona e assíncrona, com apresentação do tema, conceitos básicos, seguindo-se de debates de perguntas enviadas pelos alunos. Todos os encontros continham informações e instruções de práticas voltadas à educação ambiental, buscando um engajamento dos alunos em temas do seu contexto social.

Figura 1 – A. Alguns slides dos encontros virtuais do projeto. B. Slide feito para mostrar aos estudantes as propostas de práticas a serem desenvolvidas no projeto.



Fonte: Elaborada pela autora, 2020.

Figura 2 – Alguns slides de conteúdos trabalhados durante os encontros.



Fonte: Elaborada pela autora, 2020.

O cronograma dos temas e das atividades foi desenvolvido em conjunto com todos os educadores envolvidos no projeto *SBPC vai à Escola*, em encontros semanais, com base em literatura e socializações de experiências e práticas. O

cronograma foi aplicado seguindo um roteiro educacional ambiental, que fosse integrado e interdisciplinar. Nossa programação dentro da escola, onde eu e a professora de Geografia aplicamos o projeto, seguiu os pilares conceituais de educação ambiental propostos por Adams (2003), que se fundamenta em quatro conceitos: **Ambiente, Ecologia, Preservação e Reciclagem.**

A aplicação dos temas, atividades e cronograma dos mesmos na EBM Maria Tomázia Coelho passou sempre por consulta, aprovação e orientação da Equipe Pedagógica da escola. Os produtos resultantes das conversas, discussões, trocas de experiências e atividades realizadas eram trabalhados com as turmas em mais de uma aula, de forma contínua e construtiva, e socializadas no grupo de professores do projeto, a fim de haver uma colaboração mútua e construção conjunta.

Para desenvolver o conceito de Ambiente, tivemos como primeiro objetivo que os educandos percebessem que o ambiente é o local onde a vida deles acontece. Para saber sobre os conhecimentos e vivências dos estudantes e seus familiares nesse ambiente (ecossistemas costeiros), propusemos como primeira atividade que eles realizassem uma entrevista com algum amigo ou familiar sobre suas vivências e memórias neste meio, e que também fizessem o seu relato.

Entendemos, nós professores envolvidos no projeto, que a busca e compartilhamento de suas memórias relacionadas a estes ambientes leva o educando a se questionar acerca de suas escolhas, hábitos, conectando ao seu ambiente natural para que possam atuar dentro dele. Queremos que os educandos compreendam a importância do cuidado com o ambiente local.

Eles elaboraram vídeos relatando as suas memórias e alguns entrevistaram amigos e familiares para que compartilhassem também as suas, a seguir segue seus relatos e entrevistas transcritos dos vídeos:

Figura 3 – Shakira, da turma 91, entrevistou a sua irmã, Rayssa, que contou sua experiência com a praia.

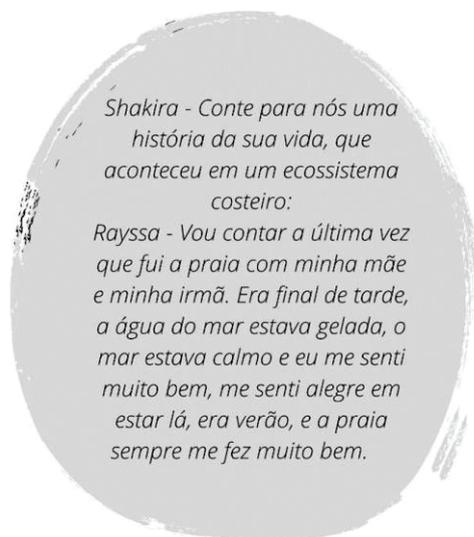


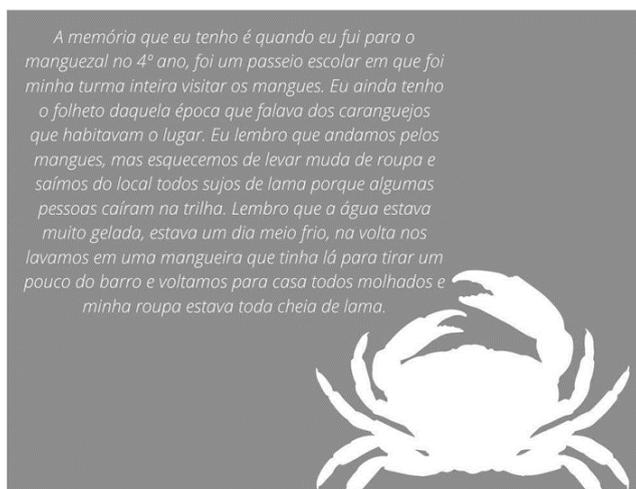
Figura 4 – Letizia, da turma 81, relatou uma experiência que teve a beira da Lagoa no Parque Estadual do Rio Vermelho.



Fonte: Foto: Acervo de Letizia.

Juliana, da turma 91, contou sua memória com o ecossistema de Manguezal.

Figura 5 – Memória da aluna Juliana (turma 91).



Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Júlia, da turma 91, contou sobre o seu amor à Praia.

Figura 6 – Memória da aluna Júlia (turma 91).



Fonte: Elaborada pela autora, com fotos de seu acervo pessoal, 2020.

Elisa, da turma 93, entrevistou sua tia Ana Paula, que compartilha de sua vontade de morar na Praia e de suas lembranças deste ecossistema.

Figura 7 – Entrevista feita pela aluna Elisa (turma 93) com sua tia Ana Paula.



Elisa – Tia Ana, qual seu local de nascimento?

Ana Paula – Eu nasci em Alvorada, no Rio Grande do Sul

Elisa – Há quanto tempo você mora na região litorânea?

Ana Paula – Eu não moro aqui, mas gostaria muito de morar perto do mar.

Elisa – Que tipos de Ecossistemas você costuma visitar?

Ana Paula – Eu costumo visitar muito as Praias

Elisa – Você utiliza desse ecossistema para alimentação, lazer ou sustento econômico?

Ana Paula – Utilizo muito para alimentação, pois costumo comprar com frequência peixes de pescadores. Também utilizo para praticar atividade física, faço caminhadas e ando de bicicleta na beira do mar. Olho para essa maravilha e agradeço a Deus por ter feito este lugar para mim e para nós.

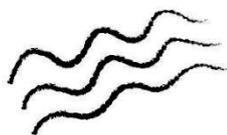
Elisa- Agora me conte uma história da sua vida que ocorreu neste ambiente:

Ana Paula – Eu lembro das vezes que fazíamos churrasco a beira da praia com nossa família e ficávamos o dia todo, brincávamos, íamos para a para água, isto me traz boas memórias!

Fonte: Elaborada pela autora, 2020.

Elisa também fez o seu relato de suas memórias da Praia:

Figura 8 – Memória da aluna Elisa (turma 93).



Minhas memórias são de dias de praia, dia em que ficamos o dia inteiro na Praia com a família, com o mar, com o cheiro do mar, com tudo do mar, com a areia e essa é uma lembrança muito boa que eu tenho.

Fonte: Elaborada pela autora, 2020.

Davi, da turma 91, entrevistou sua irmã, Isadora, que falou sobre o uso do ecossistema marinho para o seu sustento e sustento de seus familiares. E Davi também deu seu depoimento:

Figura 9 – Memória do autor Davi (turma 91).



Eu queria que daqui uns anos os nossos ecossistemas costeiros estivessem bem conservados, nada mudado, nem uma obra a mais do ser humano e continuasse assim do jeito que é.

Fonte: Foto do acervo de Isadora, elaborado pelo autor, 2020.

Anna Júlia, da turma 91, entrevistou a sua mãe Cátia:

Meu nome é Cátia, sou mãe da Anna Júlia, eu sou de Florianópolis, e sempre tive muito contato com a natureza, pois moro na praia do Santinho. Eu também frequentava muito a praia dos Ingleses, pelo fato de serem uma do lado da outra. Lembro que, nos meus 6, 8 anos de idade, nós tínhamos que sair daqui do Santinho e ir a pé até o canto dos Ingleses levar almoço para o meu avô, pois ele pescava nos ranchos de canoa de lá. Aquilo era muito prazeroso, era uma alegria para a gente, pois na época não tínhamos o que brincar, essa era a nossa diversão, nosso entretenimento. Nós chegávamos nas dunas bem alta que tem aqui e nós sentíamos o cheiro da maresia, o cheiro do peixe, sentíamos a água bem geladinha, bem clarinha, a areia bem fofa e quente, aquilo para nós era muito bom. Hoje ainda tem este tipo de prática, da pesca, mas na época em que éramos criança era como uma festa, se juntavam as famílias, amigos, vizinhos, a gente ia naquela turma grande. À noite, nas partes da praia onde não tinha iluminação, íamos com lampião e era muito gostoso.

Anna Júlia também deu o seu relato:



E assim, como minha mãe e meu pai, todo o restante de minha família é nativa daqui, somos todos manezinhos. Eu nasci e estou me criando aqui em Floripa, então tenho uma vida de memórias vividas aqui, como por exemplo as tardes em que eu e minha família passamos nas dunas falando sobre as lembranças do meu pai, dos meus primos, dos meus tios mais velhos, que por serem mais antigos, serem de uma geração anterior, tiveram essa oportunidade de trabalhar com a pesca, com a maricultura. Consigo lembrar dos exercícios a beira da praia, das caminhadas..Até na escola, não tem como se manter longe da natureza, porque nossa escola é de frente para o mar, de frente para um verde lindo que tem ali. Lembro das trilhas que já fiz com meus amigos, todas as vezes que eu e minhas amigas, minha família fomos na praia, são inúmeras memórias, inúmeras lembranças que eu tenho daqui. As vezes não nos damos conta deste valor, por morar na praia, pois está ali pertinho, mas é incrível morar aqui, eu sou muito grata. Floripa é o cartão postal do meu coração. Então por ser uma pessoa nascida e criada aqui, com uma família toda enraizada neste lugar, é muito triste ver a poluição das praias, por exemplo, que é o cartão postal de Floripa, que é o que Floripa tem de melhor. Acabam sendo muito poluídas pela quantidade de hotéis que tem aqui também, que liberam o esgoto no mar, as sujeiras que ficam na areia da praia...eu gostaria que essa poluição estivesse sendo reduzida. Se cada um fizesse sua parte, se cada um for ali e fizer um pouquinho que seja, eu acho que conseguimos essa redução, pois Floripa é uma cidade linda, que assim como qualquer lugar do mundo, deve ser valorizada. Então é um privilégio poder apreciar toda esta beleza de Floripa, abrir a janela e dar de cara com todo este verde, todo este mar. Ter uma vida inteira de lembranças e memórias daqui. Sou muito grata por tudo isso e não tem como, Floripa é a cidade do meu coração.

Amanda, da turma 91, fala de seu amor ao mar:



Eu amo o mar! Desde pequena ir à Praia me traz alegria e paz. Não consigo escolher apenas um dia, pois cada dia na Praia é único.

Fotos: Acervo da Amanda

Com os resultados obtidos das entrevistas, tivemos um diagnóstico sobre a percepção dos estudantes e de seus familiares e amigos sobre o lugar em que vivem, como ele é, o que ele tem, e como a vida deste ambiente está organizada.

O próximo passo foi desenvolver o conceito de Ecologia, no sentido de proporcionar a percepção e a reflexão sobre o ambiente de forma natural e questões que provoquem o seu desequilíbrio.

O primeiro vídeo foi o do Vitor, Turma 91, que nos explicou o conceito de Natureza, e falou que nela acontece a interação entre seres bióticos e abióticos.

O que é a natureza?
A natureza se consiste nas interações que ocorrem entre elementos que estão em um mesmo local, um mesmo ecossistema.



Foto: Acervo Vitor, Turma 91.

Seguindo, Amanda da Turma 91, nos mostra a natureza linda da Praia e diz que ela ama o mar. Desde pequena ir à praia traz para ela muita paz e alegria. Ela não consegue escolher apenas um momento na praia, pois cada dia para ela é único.

Figura 10 – Memória da aluna Amanda (turma 91).



Foto: Acervo Amanda, Turma 91.

A Laura Rodrigues Lima, da Turma 81, falou dos manguezais e disse que eles são muito importantes, pois formam uma barreira contra o avanço do mar e é um ecossistema onde vivem muitos animais como caranguejos e muitos pássaros. Ela diz que na sua visão, não poderiam desmatar e nem fazer qualquer mudança nos manguezais. Laura, também fala da importância das praias, onde abriga corujas e ninhos de pássaros.

A próxima etapa foi desenvolver o conceito de Preservação, no sentido de desenvolver uma relação acerca da preservação da vida, destacando os problemas oriundos da interferência humana, formas de remediação, mitigação dos impactos e formas de evitar os danos ambientais.

Raíssa Muller, da turma 93, destaca o problema da poluição dos mares:

Um dos principais fatores de preocupação da poluição dos mares é a contaminação de rios por despejo de esgotos. Muitas pessoas jogam lixo também nas ruas achando que não vai dar em nada, sendo que muitas vezes, entope bueiros e alaga toda a cidade, além de poluir os rios e mares com os resíduos. A água da chuva carrega esses contaminantes também para nossos rios e mares. Hoje mesmo, fui na praia com meus pais e tios e havia pescadores na praia que tinham acabado de pescar e vi um descuido deles em relação ao meio ambiente, deixando pedaços de redes na areia e sujeiras. Acho que devemos cuidar mais disso porque a praia é pública. Eu quando vou à praia, recolho meu lixo, pois é um lugar que todo mundo usa e todo mundo deve cuidar.

Vitor, da turma 91, explica que:



Foto: Acervo Vitor, Turma 91

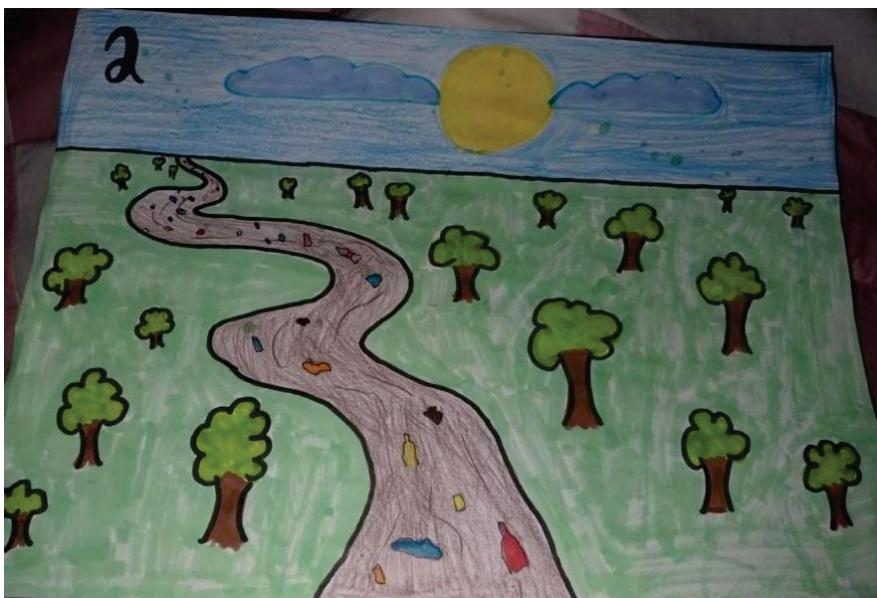
O despejo indevido do esgoto acarreta em diversos problemas para a saúde humana e para o ecossistema aonde é despejado, o que é muito triste, tendo em vista de que temos meios de impedir isso. No bairro Santinho, em Florianópolis, não temos tratamento adequado do esgoto e eles são despejados principalmente para as fossas sépticas. E o que esse despejo pode acarretar para nós? Ele pode acarretar diversos problemas para a saúde humana e para o ecossistema onde é despejado. O esgoto pode infertilizar o solo do local onde foi despejado efluentes, intoxicar lavouras e danificar o lençol freático da região. O ideal é que o efluente que vem de nossas casas fosse direcionado para uma estação de tratamento de esgoto, onde ele passaria por vários processos para remover as substâncias prejudiciais contidas nele.

Sofia Felomeno, da turma 91, também fala sobre a contaminação dos rios:

Eu pesquisei que rios poluídos são os mananciais que recebem em suas águas todo o tipo de resíduos e poluentes, químicos, físicos e biológicos. Eles são prejudiciais ao solo, à fauna, à flora e às atividades humanas. Pessoas e empresas não devem jogar os resíduos dentro dos rios, deve haver investimento do setor público no tratamento do esgoto e maior fiscalização de pessoas e empresas que poluem os rios.

Ana Clara, da turma 91, fala sobre o problema da contaminação de nossas águas pelo esgoto e resíduos sólidos:

Figura 11 – Ilustração feita por Ana Clara (turma 91).



Fonte: Elaborada pela autora, 2020.

Laura Lima, da turma 81, fala também sobre a sua preocupação com a contaminação das águas por esgoto e resíduos sólidos:

Floripa como é uma ilha, deveria ter muito mais tratamento de esgoto, pois se ele cai no rio de forma incorreta, afeta o mar, a qualidade de vida de todo mundo, afeta os animais e as plantas. Além do governo investir em saneamento básico, a comunidade também deveria ajudar, parando por exemplo, de jogar lixo nas ruas.

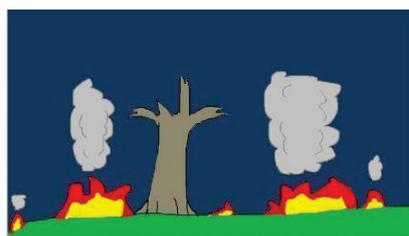
Sofia Felomeno, da turma 91 diz:

Vocês não fazem ideia do estrago que estão causando para o nosso planeta, sem a consciência do que estão deixando para o nosso futuro, com as queimadas, destruindo nossas matas e matando nossos animais. Nossas praias sujas, não estão cuidando do lixo e nossos governantes deixando os esgotos fluírem para nossas praias e rios.

Figura 12 – Desenhos sobre desmatamento feitos por Ana Clara (turma 91) e Bruno (turma 93).



Desenho de Ana Clara, turma 91



Desenho de Bruno Gabriel Viana, turma 93

Fonte: Elaborados pelos autores, 2020.

Heloisa Cauduro, da turma 93 falou que:



Heloisa Cauduro, Turma 93

Mal lembramos que a água é o bem mais precioso que temos. Nós passamos por secas, águas poluídas e impróprias para banho, isto tudo é consequência da falta de cuidado que nós temos com a água. Acho que poderíamos ter mais cuidado com a nossa água, pois a água não é para sempre, temos que cuidar dela.

E a última etapa foi desenvolver o conceito de Reciclagem, no sentido de promover a reflexão dos hábitos e atitudes prejudiciais ao meio ambiente e formas de evitar essas atitudes.

Nesta etapa, a estudante Juliana Almeida da Silva, da turma 91, conseguiu mudas de árvores frutíferas e deixou na escola para que os colegas pegassem e plantassem em suas casas. A ideia era o plantio de mudas como forma de amenizar o problema do desmatamento em nossa região.

Abaixo segue imagens das mudas:

Figura 13 – Elaboração de mudas pelos alunos da turma 91.



Juliana Almeida da Silva, Turma 91



Juliana Almeida da Silva, Turma 91



Juliana Almeida da Silva, Turma 91



Juliana Almeida da Silva, Turma 91

Fonte: Fotos tiradas pelos alunos, 2020.

Muitos estudantes nesta etapa realizaram também confecção de produtos recicláveis e objetos feitos de materiais naturais:

Figura 14 – Criação de objetos de arte com elementos naturais.



Mandala feita com folhas e flores por Sofia Felomeno, Turma 91

Figura 15 – Objetos decorativos elaborados com materiais reciclados.



Enfeites de natal feito com materiais recicláveis por Sofia Felomeno, Turma 91

Figura 16 – Objeto decorativo elaborado com material reciclado.



Enfeites de natal feito com materiais recicláveis por Sofia Felomeno, Turma 91

Figura 17 – Brinquedo elaborado com material reciclado.



Brinquedo imitando computador feito com material reciclável feito por Moisés Aguiar, Turma 91

Assim, podemos pensar novas maneiras de apresentar a cultura oceânica para estas pessoas, pois se queremos um futuro diferente devemos agir agora, para que na próxima década, tenhamos uma sociedade consciente e crítica sobre a natureza e da forma como impactamos o meio natural.

(RE)COMEÇAR

Camila Camargo



Nos encontrarmos em uma nova realidade – em uma nova natureza, não é algo tão simples. Quando estamos habituados a uma organização de sociedade pautada naquilo que conhecemos, seguimos nossos passos normalmente – como o sistema nos impõe, em gaiolas que limitam o nosso ir e vir.

O ano de dois mil e vinte era para ter sido desta forma, mas o invisível se fez ver. Quando o invisível chega ele assusta, ele nos dá uma nova perspectiva de como lidar com as situações e transformá-las em algo que não havíamos pensado, assim foi com a educação no mundo pandêmico da COVID-19.

Para Larrosa, “o ofício de professor tem que ver com o amor. Com o amor ao mundo e com o amor à infância, entendendo essa última como uma “novidade no mundo” e como “capacidade de começar” (2018, p. 38). Esta aptidão ao começar, ao meu ver, é a mais complexa em nosso mundo pautado pela lógica $24/7^2$, que

2 Jonathan Crary, em *Capitalismo tardio, e os fins do sono*.

prioriza sistemas econômicos ao invés da subjetividade humana e das condições básicas de nossa sociedade.

Termos que antes não nos eram comuns passaram a ser vistos pelos donos deste sistema como um rompimento no lucro – e por consequência de uma exploração vendida como forma de liberdade, ao ter seu “livre arbítrio” para pagar contas e sobreviver em meio ao capitalismo cruel.

Quando penso em educação, surge a clássica liberdade e autonomia no aprender que Freire sabiamente nos ensinou; mas todo este movimento se perdeu solitariamente em telas de computador e *smartphones*, em um mundo extremamente globalizado, e que se diz unificado.

Milton Santos já apontava que esta dita globalização – perversa a seus olhos – havia de ser mais humana, mais capaz de compreender os sujeitos, sua subjetividade e de valorização dos homens onde “podemos alcançar a ideia de homem integral e cidadão. Essa valorização radical do indivíduo contribuirá para a renovação quantitativa da espécie humana, servindo de alicerce a uma nova civilização” (SANTOS, 2003, p. 169).

A escola de dois mil e vinte necessitava compreender mais estes autores, e se pôr em discussão. Viver trancado em ideais ultrapassadas rompe com necessidade de transformar os aprendizados em prática, em verdade na sua realidade e de transformar o mundo.

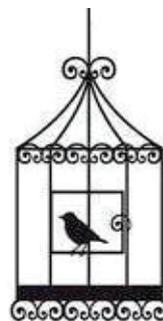
A escola de dois mil e vinte retratou a gaiola, fechada a sete chaves.

Como transformar a educação? Como abrir a gaiola e fazer meus alunos voarem livremente pela Geografia que nos cerca?

Em várias conversas comigo mesma, olho fitado no espelho de meu banheiro, eu me pus a criar maneiras de transformar a escola – agora, em casa: de levar a sala de aula para a sala de casa, de modificar a paisagem natural em uma humanizada – e de fácil acesso a meus alunos, de fazer os espaços se tornarem lugares.

O universo que circunda a Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC's) é vasto e claro quando explorado e conhecido, mas extremamente ofuscado quando, em uma rotação terrestre, precisamos compreendê-la sem ao menos termos tido uma troca de saberes.

Em meio a tantas dificuldades é necessário recomençar, reinventar. E assim foi quando, em junho de dois mil e vinte, tive contato com educadores que



vivenciavam as angústias do ensino remoto, o esquecimento dos alunos e a tentativa incansável de criar, assim surgiu o grupo Escolas à Beira-mar.

Tendo como base os estudos voltados aos ecossistemas costeiros, o grupo foi ancoradouro de minhas atividades no sétimo ano na escola que leciono e, a partir dos diálogos iniciais, as ideias surgiram e passaram a revigorar as possibilidades educacionais que já estavam estacionadas.

A partir de um questionário inicial, poderíamos partir para um contato mais aprofundado com nossos alunos sobre a importância dos ambientes marinhos costeiros. Neste momento, tentei perceber se este questionário fazia sentido, em termos metodológicos. Para explicitar, trago novamente Larrosa, onde temos a ideia de que “um professor, creio, não aplica uma metodologia, mas ao longo do exercício de seu ofício vai configurando maneiras próprias de fazer as coisas” (2018, p. 301); e assim surgiu a atividade Memórias Hídricas.

Nossa intenção inicial era mapear as possíveis histórias que os ambientes hídricos possuem. Cada um de nós carrega consigo o cheiro, a brisa, o movimento e lembranças de ambientes onde os recursos hídricos estejam presentes e, neste primeiro momento, quis que meus alunos representassem através da arte, a sua Memória Hídrica.

O mais importante desta atividade estava voltado a se reconhecer como ser que habita e vive estes espaços, que os transforma e os reconhece mesmo estando isolado, distanciado deste ambiente. As memórias surgem para aproximar.

Desta atividade surgem afetos, sorrisos, religiosidades, aconchegos que retratam a necessidade que os alunos possuem pelo externo. Estávamos em setembro, primavera se aproximando e a vontade de se expor em meio aos ambientes que nos fazem bem voltando com tudo; uma pena somente seguirmos em pandemia, com as escolas fechadas, os espaços que antes nos traziam sorrisos agora não nos trazem nada.

Para tentar compreender estas memórias, solicitei aos alunos que continuássemos a pensar sobre os ambientes, dessa vez trazendo as Histórias das Memórias Hídricas.

Nossas atividades eram dadas sempre às terças-feiras e o prazo de entrega delas era até o próximo domingo; eu me recordo que nesta semana ansiei pelo retorno das atividades, já que suas memórias estavam tão intensas.

Figura 1 – Memórias dos alunos sobre o mundo à beira mar.

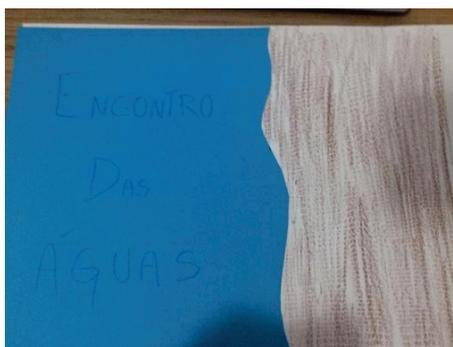
*As ondas batem nos meus pés,
Minha família feliz
Vejo através
Um sorriso que contradiz.
A Guarda do Embaú
Praia bonita
Tem mais riquezas que um baú
Com uma beleza infinita.
O rio da madre
Fica na guarda
Já encontrei minha comadre,
Eduarda.*



*A Pinheira é uma praia
Muito bonita
Lá só tem paz e alegria
Ninguém se evita.*

*Cachoeira albardão,
Tem sua água cristalina
Lá não tem nenhuma multidão,
Tem muita adrenalina.*

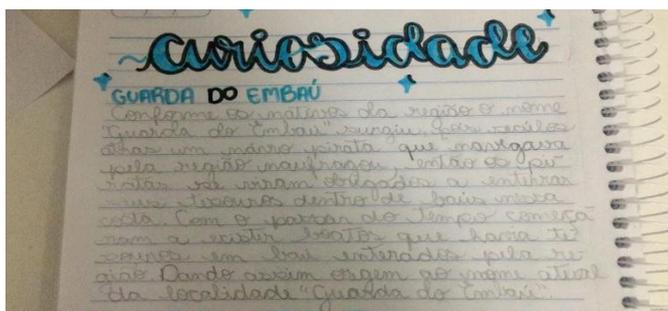
*Esse foi meu poema,
Espero que tenha gostado
Água era o tema
Beijo e obrigado.*



Viagem pra cachoeira

Eu e minha família a gente foi no finalzinho do ano em uma cachoeira para fazer um ritual de agradecimento para alguns santos da minha religião. Dia foi incrível porque em quanto os adultos ficavam fazendo as macumbas lá eu e meus irmãos ficamos nadando com as outras crianças, comemos sanduíche, corremos, brincamos e etc. Quando acabou eu acho que já era tarde então eu e minha família fomos embora.

Essa foi minha história!



Quando as recebi, a emoção aflorou. Dentro das Histórias das Memórias, encontrei batizados em cachoeiras, encontrei dias felizes, viagens, amor e toda a afetividade que durante todo o ano busquei. A Geografia – ao meu ver – sempre se fez de mundo, de natureza, de espaços onde possa me conectar e vivenciá-la, foi lindo perceber que aos meus alunos essa máxima também se valia.

Estávamos todos com sede de Geografia.

E para “matar a sede” os recursos hídricos se seguem presentes: na terceira e última parte de nossa atividade havia solicitado que pensássemos na Geografia das Memórias Hídricas, justamente para compreendermos estes distintos ambientes e suas importâncias perante nossa sociedade

Características:

Localiza-se em Palhoça - SC, entre a praia do Sonho e a praia da Pinheira.

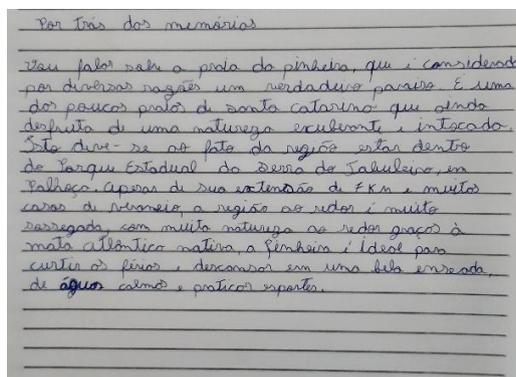
Ponta do Papagaio Latitude: -27,8454

Ponta do Papagaio Longitude: -48,5891

Oferece uma larga faixa de areia e uma orla com 6 km de extensão.

Própria para caminhadas, pescarias e vários esportes: jogos futebol e vôlei, vela, windsurfe, surf, caiaque.

Eu adorava passar os fins de semana naquela praia, brincando com meus primos de pegar "jacaré" de jogar bola e depois de tudo fazer uma pausa para o lanche.



Cabe refletirmos que o ano de dois mil e vinte foi muito sofrido também à natureza presente em nosso país: o Pantanal passou por muitas dores em agosto, a Floresta Amazônica vem sendo desmatada hora-a-hora para a ampliação da soja, a Mata Atlântica sofre com a expansão e urbanização em massa, os Mangues passam de berçários a lixões. Ser favorável à natureza e lutar pelos ecossistemas

em dois mil e vinte, em meio a um desgoverno cuja prioridade é matar, é um ato de resistência.

Ensinar as crianças sobre a relevância destes espaços em meio à nossa sociedade, em meio à crueldade que estes ambientes passam, é renovação, é a transformação.

Quando solicitei aos meus alunos as Geografias das Memórias sabia que eles carregariam consigo a ideia de que necessitamos cada vez mais atuarmos para uma sociedade que se eduque ambientalmente, que perceba a pertinência desta temática em meio as pequenas atitudes que tomamos em nosso cotidiano.

Estarmos conectados à natureza é fundamental para construirmos uma sociedade mais justa, igualitária e harmoniosa.

E as respostas que encontrei foram justamente as que apresentavam a caracterização mais relevante destes ambientes. Não era o relevo por si só, mas, o que este relevo representa para aquele local, não foi a lagoa pela beleza, mas pela relevância que ela causa àquele espaço.

Nesta atividade percebi que a natureza possui um valor inestimado aos meus educandos, que em meio à leveza das memórias e à rigidez de termos técnicos eles compreenderam a necessidade de se envolver e entender que – no fim – todos somos natureza.

As Memórias-Histórias-Geografias Hídricas estavam presentes, e haviam feito mais por eles do que imaginei³: a gaiola se abriu. Me lembrei das horas que me pus a refletir, em cada canto da casa, sobre como ser mais atuante no conhecimento geográfico e, a partir das construções feitas no projeto Escolas à Beira-mar, este movimento foi possível.



O fim de dois mil e vinte se aproximava, a vontade de cantarolar pelo dezembro a clássica canção de final de ano “adeus ano velho, feliz ano novo” era fatídica e precisávamos encontrar a esperança no novo ciclo que se iniciaria a poucos dias, para finalizarmos nosso movimento geográfico naquele ano nos pusemos a refletir sobre o futuro através de cartas que explanassem seus sonhos, seus anseios e suas possibilidades para o ano que virá.

Assim surgiram as cartas para o futuro.

Os voos foram alçados e nenhuma gaiola mais surgirá para aprisioná-los.

3 No começo do ano de 2021, em um movimento de sondagem dos conteúdos ministrados no ano anterior, questionei aos educandos quais atividades mais as tinham marcado no ano anterior e as atividades ligadas as Memórias-Histórias-Geografias Hídricas foram as mais citadas.

REMEMORAR PAISAGENS, RECRIAR ESPAÇOS

Larissa Marchesan

Para iniciar este escrito, trago uma bela citação de Paulo Freire (2018, p. 45), que diz “há uma pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço”; ou seja, o espaço nos ensina. Essa percepção atravessa minhas práticas como professora de geografia. Penso que proporcionar aos estudantes experiências em diferentes espaços é essencial para compreender a ciência geográfica. Sendo assim, as saídas de campo são indispensáveis nas minhas aulas.

No ano de 2020 o mundo foi surpreendido por um vírus que deixou marcas em várias famílias. A pandemia do COVID-19 colocou o mundo de ponta cabeça. A sociedade, com uma rotina quase ininterrupta de ações em que a obsessão por não perder tempo nos leva a não mais ter tempo, como a rotina que aponta Crary (2014) em seu livro “24/7: Capitalismo tardio e fins do sono”, na qual se trabalha 24 horas, 7 dias por semana sem parar. Com a pandemia, tudo parou. Essa sociedade foi obrigada a desacelerar; com isso a escola foi obrigada a se adaptar, a resistir. Esse ato de desacelerar ou parar em uma escola, que possui uma grade definida, um tempo escolar desenhado, estruturado, é um verdadeiro desafio. Nesse sentido, é quase impossível parar para as contemplações, para as experimentações, para as observações, para o estudo de outra coisa que “fuja” das grades escolares. Se torna evidente que a ausência de aula impede que os estudantes tenham contato com essa rotina escolar, com os colegas, com os professores, prejudicando o processo do aprender e as redes de conhecimento que se estabelecem.

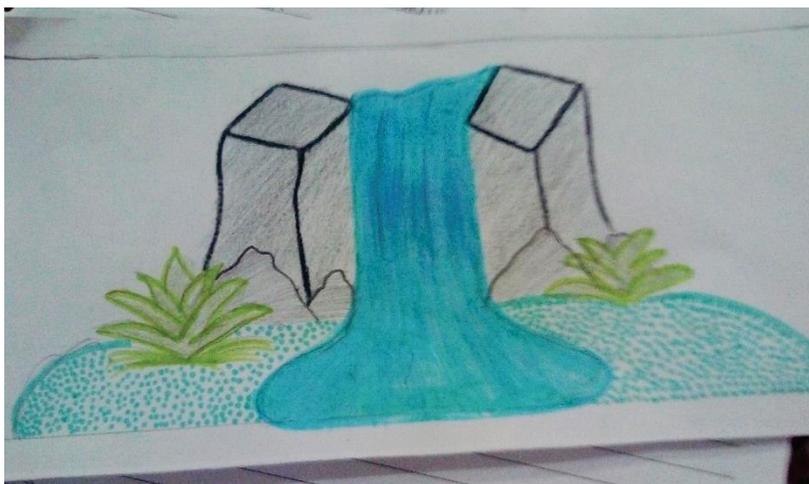
Não sou a favor de dizer que a escola teve que reinventar, visto que isso denota que a escola antiga não existirá mais e, parece, que os professores não fizeram

parte deste processo. Na minha opinião, os professores e os estudantes tiveram que se adaptar, que se acostumar com aulas virtuais síncronas, e/ou atividades assíncronas. Para mim, uma aula de qualquer matéria é um encontro. É o espaço-tempo do encontro, da construção coletiva, da conversa, do olhar, do sentir. A sala de aula durante a pandemia está suspensa, transformada em telas de computador e celular. Com isso, devemos pensar sobre como criar possibilidades para sua própria produção e construção do conhecimento, como nos diz Paulo Freire, e como acompanhar o processo de ensino-aprendizagem de maneira coletiva e singular na educação remota. Sobre os conteúdos que “devem” ser aprendidos, seguimos o currículo ou propor práticas que estejam ligadas ao momento atual? Se o encontro só ocorre através do diálogo, do olho no olho, da escuta sensível, do prestar atenção nos gestos. Mas, como proporcionar esse encontro mediado por telas? Como escutar as vozes dos estudantes com o microfone da plataforma de videoconferência desligado? Como prestar atenção nos gestos com a câmara desligada? E com os estudantes sem acesso à *internet*, como se comunicar com alguém só enviando atividade e corrigindo suas respostas?

Nós, professores, tivemos que repensar nosso planejamento e nosso modo de ser professor. As saídas de campo abriram espaço para outras práticas. Este texto é sobre isso. Sobre começar, recomeçar, retornar e relembrar. É sobre outras formas de criar geografias. Aqui, descrevo duas práticas educativas que tentaram amenizar os efeitos da pandemia sob os professores e, principalmente, os estudantes. A primeira intitula-se “Paisagens das memórias hídricas”, e seu objetivo foi aproximar os estudantes e suas famílias de recordações com o meio ambiente, ao recriar as paisagens desses momentos. A segunda prática é a “Carta para o futuro”, onde cada estudante escreveu uma carta sobre como imaginam o mundo e como podemos chegar nesse futuro esperado.

As turmas que participaram do projeto foram do sexto e do sétimo ano do Ensino Fundamental II, de uma escola da rede particular de São José/SC. O município localiza-se na Grande Florianópolis, e faz fronteira com quatro municípios, sendo eles: Palhoça, Biguaçu, São Pedro de Alcântara e Florianópolis. Uma região conurbada, sendo difícil, em alguns lugares, distinguir cada município. Os recursos hídricos de São José sofrem com a poluição crescente, intensa e desorganizada da urbanização. Os serviços ecossistêmicos costeiros não poluídos do município são reduzidos. Por isso, a população josefense, em busca de lazer, se move até outros municípios, como Florianópolis e Palhoça. Isso reflete diretamente nos relatos das atividades detalhadas a seguir.

Figura 1 – Recursos hídricos pelos olhares dos alunos.



Fonte: Elaborada pelos autores, 2020.

Paisagens das memórias hídricas

A primeira experiência trata-se de relembrar as memórias vividas em ecossistemas marinhos costeiros, com objetivo de reaproximar as conexões dos estudantes e com suas famílias através do exercício de relembrar bons momentos. Memórias misturadas com nostalgia. Lembranças com saudade. Voltar ao passado e lembrar da viagem em família, de alguém que não está mais presente. Tentar recordar do cheiro do bolo da casa da avó, onde passávamos as férias. Lembrar do barulho do mar no fundo da brincadeira de pega-pega na areia.

Para realizar esta atividade, encaminhei aos estudantes um documento com alguns questionamentos e exercícios de escrita e de pensamento. Cada um, deveria escolher um membro de sua família ou alguma pessoa que tenha afeto, e aplicar este questionário. Sendo assim, o primeiro item do questionário era uma entrevista simples, onde deveriam colocar as informações pessoais do entrevistado, como idade, parentesco, local de nascimento, local em que passou a infância e a juventude, e quantos anos mora em São José ou em região litorânea. A partir deste primeiro momento, iniciava as perguntas que deveriam ser respondidas em conjunto. O documento orientava que deveriam escolher um dos ecossistemas costeiros (podendo ser praias, manguezais, restingas, dunas costeiras, costões rochosos, recifes, lagoas, baías, rios, banhados, alagados, lagoas, ilhas) e relembrar

como esses ecossistemas foram e são importantes na vida deles e das pessoas próximas. Após a escolha, deveriam identificar quais dos ecossistemas costumam visitar e qual é a finalidade, por exemplo, se é para sua alimentação, sustento econômico, lazer ou atividades religiosas. Ao finalizar as respostas, havia três exercícios. O primeiro, era para contar uma história de suas vidas que ocorreu em um ambiente natural/ecossistema, tentando lembrar dos elementos como eram (por exemplo, a temperatura da água, cheiro de maresia, som de ondas, presença de lama...) e das sensações que tinham (alegria, medo, bem-estar, etc.). O segundo, era para desenhar uma memória sua sobre um ambiente natural/ecossistema que fosse marcante para eles (podendo separar fotos ou outras informações que ajudassem a descrever a memória). A última, era para lembrar as brincadeiras ou atividades que costumavam fazer nesses ambientes, e tentar reproduzir em suas casas (se fosse possível).

O questionário serviu para identificar e qualificar os serviços ecossistêmicos frequentados pelos estudantes e suas famílias. Os resultados foram diversos e cheios de criatividade. Um exemplo: uma estudante do sétimo ano, devido à pandemia do COVID-19, teve que retornar à casa de sua família, residente em Manaus/AM, onde ela vivia durante sua infância. Como as aulas eram virtuais, a estudante continuou na escola em Santa Catarina. Para responder o questionário, ela e sua mãe foram até a margem de um rio gravar um vídeo, para mostrar onde costumavam fazer piquenique e pescar (sendo o sustento da família). No vídeo é possível ver a abundância de água (tão forte que em alguns trechos da filmagem impossibilita ouvir as falas) e a vegetação exuberante. Outro exemplo, é o da imagem a seguir, no qual o estudante, utilizando pedaços de papéis coloridos recriou a paisagem da praia que frequentava na infância.

A paisagem se transforma, os elementos reais misturam-se com as lembranças, com os sentimentos. O azul do mar fica mais intenso. A brisa é mais fresca. A vegetação é mais exuberante. Isso me lembra de um poema no livro “Meu quintal é maior que o mundo” de Manoel de Barros (2015, p. 124) que diz

Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade.

Figura 2 – Memórias dos alunos feitas com papel.



Fonte: Elaborada pelos autores, 2020.

A intimidade que temos com os elementos mundanos se dá pelas vivências durante nossa infância. É essa intimidade com a natureza, ecossistemas, que proporciona a base para as experiências, como os detalhados neste livro. O autor Yi-fu Tuan (1974) define o conceito “topofilia” onde ele diz que a percepção dos indivíduos é referente aos sentimentos em um determinado lugar e que as características dos espaços interferem nas relações afetivas.

O termo topofilia associa sentimento com lugar. [...] O meio ambiente pode não ser a causa direta da topofilia, mas fornece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideias. Os estímulos sensoriais são potencialmente infinitos: aquilo a que decidimos prestar atenção (valorizar ou amar) é um acidente do temperamento individual, do propósito e das forças culturais que atuam (TUAN, 1974, p.129).

Cartas para o futuro

A segunda experiência é a carta para o futuro. O objetivo desta atividade é, além da prática da escrita, proporcionar aos estudantes um momento de pausa,

de parar e pensar, de associar seus conhecimentos geográficos com seus desejos e vontade para com o planeta Terra. Esta atividade ocorreu em parceria com a professora de Língua Portuguesa, Amanda Caroline Lopes Pereira, que explicou para os estudantes as regras sobre a escrita da carta e ensinou sobre a técnica de envelhecer o papel utilizando café. Sendo assim, a carta serviu como avaliação para o encerramento do quarto bimestre para as duas disciplinas.

Especificamente no sexto ano do Ensino Fundamental II, trabalhamos as questões relativas à poluição atmosférica e os biomas, suas características, uso e impactos ambientais que sofrem. Sendo assim, a atividade da carta era uma oportunidade de relacionar os conteúdos vistos e sua opinião própria. A carta deveria conter como os estudantes imaginavam e o que desejavam para o futuro do planeta Terra, bem como poderíamos chegar nesse cenário deles. Além disso, existia uma orientação de que as cartas deveriam ser manuscritas. Pois, acredito que o ato de escrever com a própria mão “com a própria letra, no próprio caderno, o texto é, de alguma maneira, apropriado, mas não no sentido de fazê-lo próprio, mas no de isolá-lo com certa solenidade para consideração posterior mais detalhada. [...] é dar-lhe uma importância especial.” (LARROSA, RECHIA, 2018, p. 92). Com isso, os estudantes puderam imaginar seus mundos futuros e deixar marcado em seus cadernos. Ao escrever o tornamos real. Ao escrever, de certa forma, esse futuro já existe. Ao escrever liberamos nosso pensamento para o mundo. Tornamos público nossos pensamentos, e neste caso, nosso desejo para o mundo.

As cartas que recebi podem ser organizadas em duas categorias, os otimistas e os pessimistas. Alguns estudantes pensam que o planeta Terra caminha por trilhas tenebrosas, outros acreditam que o ser humano está evoluindo e cuidando mais do meio ambiente. Um tema que atravessa a maior parte das cartas é a esperança de que a pandemia do COVID-19 acabe, que as pessoas se recuperem, que as feridas se curem. As cartas, na íntegra, estão no capítulo seguinte deste livro.

Com a turma do sétimo ano do Ensino Fundamental II, a dinâmica diferiu, pois, estávamos trabalhando o conteúdo de urbanização e problemas urbanos. Para eles, solicitei que pesquisassem sobre os serviços ecossistêmicos e os problemas ambientais de algum município brasileiro (de livre escolha). Após a pesquisa, deveriam se imaginar prefeitos desse município e propor soluções reais e possíveis de serem aplicadas para solucionar os problemas e ameaças ambientais. Cada estudante deveria entrar no papel de prefeito e gravar um vídeo curto falando sobre essas soluções para incentivar a população local a fazer parte desse movimento. Os resultados foram surpreendentes e muito criativos. Um estudante imaginou-se prefeito de São José e sua proposta de intervenção era fiscalizar

todas as residências da população e verificar se o esgoto estava conectado com a rede de saneamento de forma irregular ou regular. Sua sugestão finaliza dizendo que as residências com esgoto regular ganhariam um sistema de aproveitamento da água da chuva como forma de prêmio pelo exemplo positivo. Seu objetivo no vídeo era despoluir a beira-mar de São José para não ter que ir até outros municípios para tomar banho de mar.

Reflexões

Comecei o texto com uma bela citação de Paulo Freire e vou concluir com outra. Ele diz que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou construção” (FREIRE, 2018, p. 24). As possibilidades de vivências decorridas pelas práticas pedagógicas desenvolvidas e detalhadas nestes escritos são formas de criar diferentes geografias, de criar matéria de estudo com a imaginação e de aprender com os elementos do mundo. As narrativas deste livro mostram maneiras de amenizar os efeitos do distanciamento social dos nossos estudantes, fazendo que viajassem no espaço-tempo sem sair de casa. No impedimento de saídas de estudo, as memórias são perfeitas disparadores de práticas pedagógicas. Segundo Ana Godoy (2008, p.13)

Isto é, como experimentações liberadoras e afirmativas da potência de desmanchamento de amarras condicionantes – cuja expressão maior é o senso comum –, potencializando as sensibilidades diversas e as existências singulares em proveito da intensificação e expansão da vida, e não de sua mera conservação. Como desmanchar essas amarras? Produzindo desvios, utilizando os materiais para produzir outra coisa, produzir de outro modo, exercitando uma escuta da diferença que se faz no encontro com as intensidades, e que nos chegam como perturbação, mal-estar ou inquietação, permitindo-nos sermos arrancados de nossos territórios para experimentar paisagens até então desconhecidas, paisagens que permanecem encobertas pelos clichês.

Um ponto muito importante a ser analisado aqui são os resultados, tanto das entrevistas (os relatos das memórias hídricas), como das cartas para o futuro. Com isso, conseguimos imaginar como os estudantes se relacionavam com o espaço e os serviços ecossistêmicos. A imagem de meio ambiente que está presente

na mente dos educandos e, com isso, em sua escrita, diz muito sobre suas vivências com a natureza e a forma de experimentar o período da infância, principalmente atravessado pelo brincar. Sendo assim, desde criança, no ato de brincar livre com a natureza, estamos criando e aprendendo sobre a ciência geográfica, mesmo sem querer. As atividades descritas são uma tentativa de reviver esse aprendizado. Fazer brotar uma geografia que está enraizada em nós.

Para finalizar, gostaria de agradecer ao grupo de professores que fizeram parte deste processo e criaram este material tão bonito. Esses são professores se encaixam na definição de ‘professor’ apontado no livro “Em defesa da escola”, pelos autores Jan Masschelein e Maarten Simons (2013, p.77), no qual dizem que um professor “é alguém que ama seu tema ou matéria, que se preocupa com ela e presta atenção a ela. Ao lado do amor pelo assunto, e talvez por causa disso, também ensina por amor ao aluno”. Essa rede criada por professores através do projeto ‘SBPC vai à escola’ serviu como amparo e refúgio para atravessar os dias difíceis enfrentados devido ao isolamento social da pandemia do COVID-19. Além disso, foi fonte de inspiração para pensar modos de superar os obstáculos do ensino remoto, de cumprir um currículo de outra forma e de ressignificar as práticas pedagógicas. Nós, professores, seguimos resistindo e lutando por uma educação de qualidade que chegue a todos os estudantes.

Gostaria de finalizar agradecendo as professoras que, mesmo em meio à pandemia, se reinventaram para que todos os estudantes tivessem acesso a uma educação de qualidade e que fizeram parte desta história. Trabalhamos e caminhamos juntas. Agradeço à Amanda Caroline Lopes Pereira, Isabel Cristina Lucas, Saionara Aparecida da Silva e Janine Rosa de Souza.

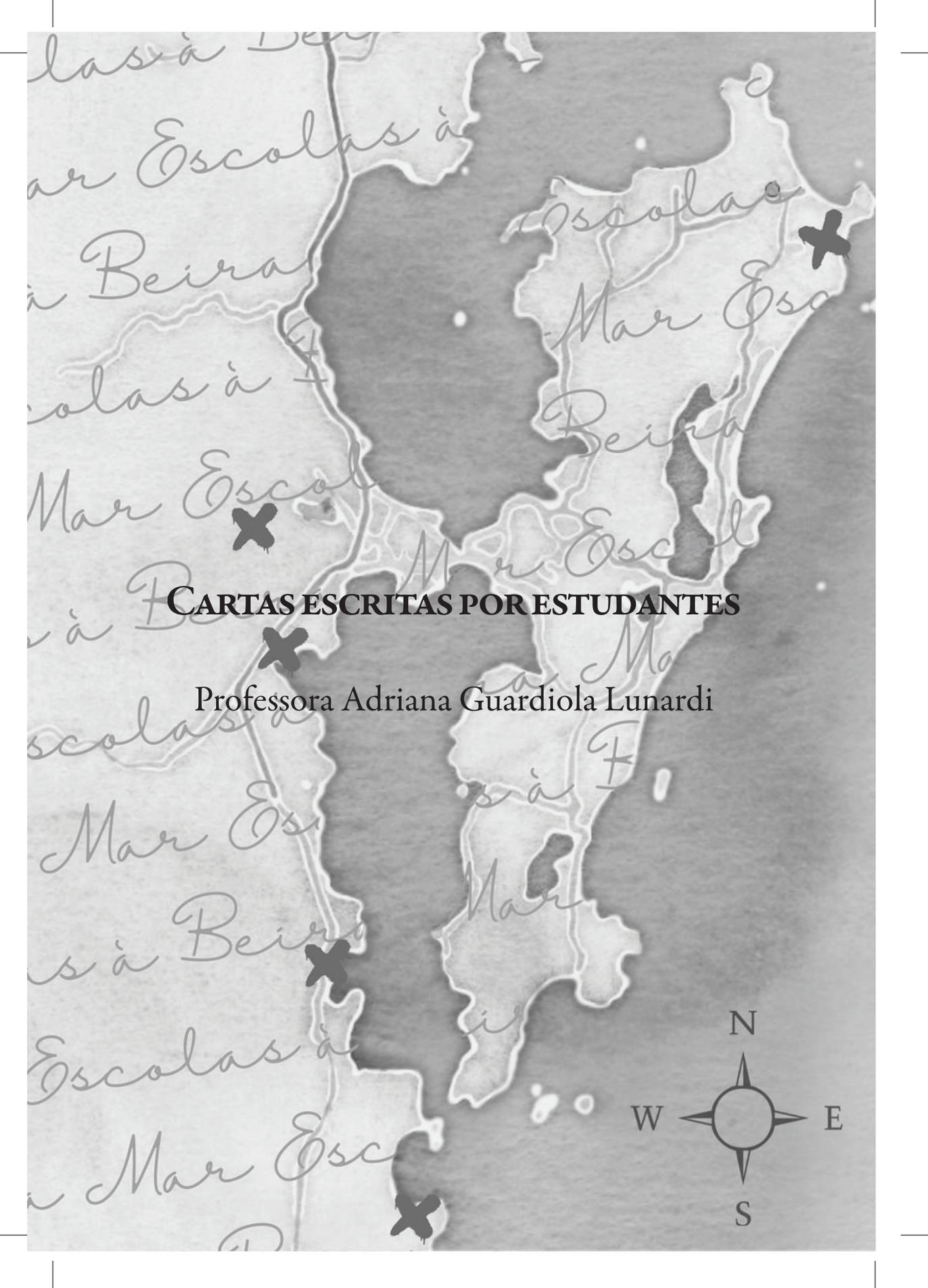
Capítulo III

Cartas para o Futuro

Nas próximas páginas você irá encontrar relatos manuscritos, elaborados por estudantes nos projetos desenvolvidos. Por favor, note que algumas imagens apresentam a transcrição de conteúdo em quadros descritivos, para facilitação de leitura e inclusão para todos, sem prejuízo à exposição da obra original.

Desejamos que tenha uma boa leitura!

Autores e estudantes



CARTAS ESCRITAS POR ESTUDANTES

Professora Adriana Guardiola Lunardi

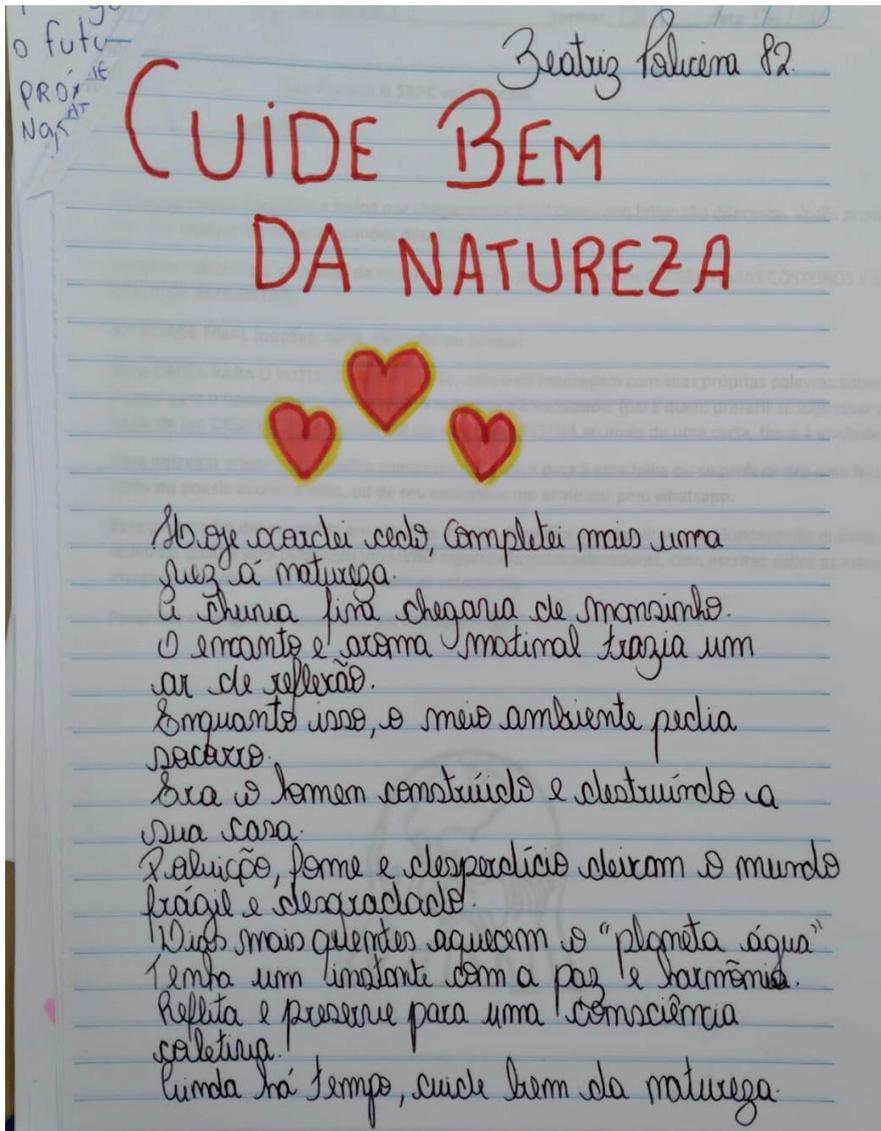


Nome: Maria Luisa Olimpo Diniz
Turma: 9^o
Data: 23/11/2020

Luto por
Igualdade



Vidas Negras
Importam!!



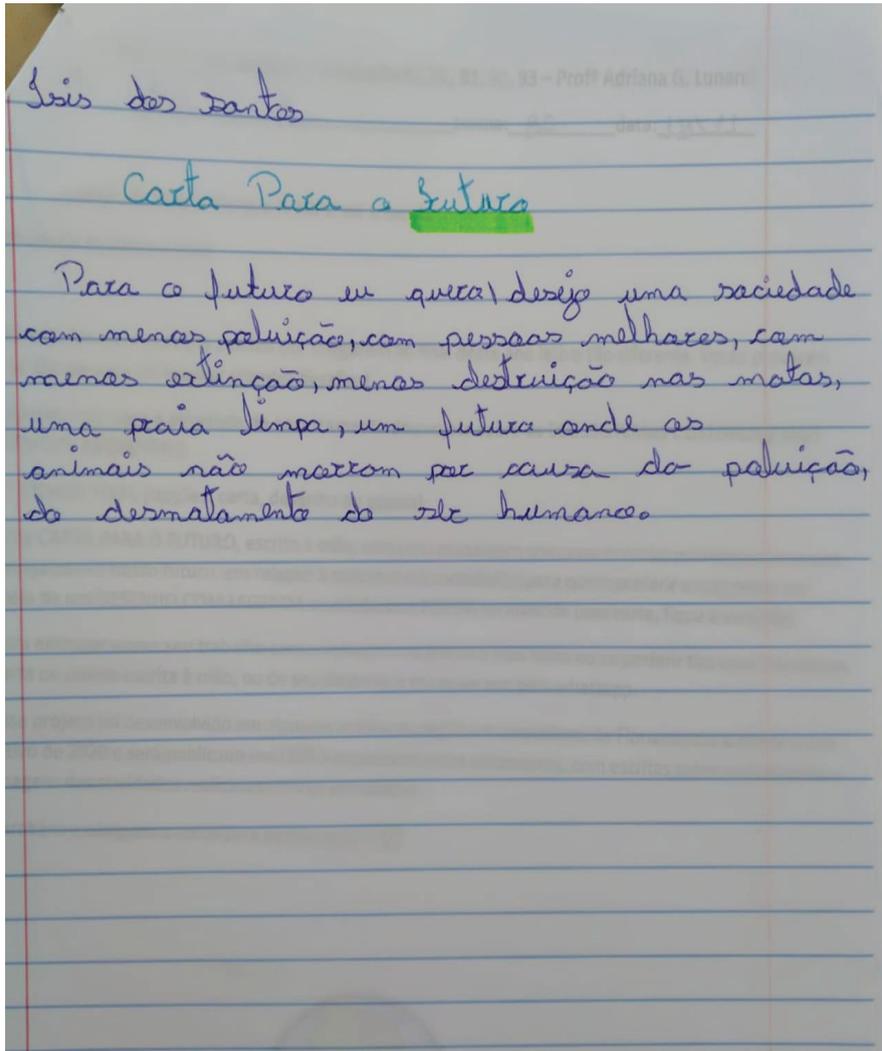
28/11/20
Maria Luiza

Olá, sou apenas eu, Maria, procurando palavras para escrever essa carta.

Alfinal, o que eu quero para o futuro? Eu não sei. Nunca fui muito de pensar sobre isso. Acho que, tem uma coisa que todos queremos né... a cura para o Covid-19. Esse vírus foi passado por conta desse vírus, e ainda tá vendo né, apenas quero prestar meus pêsames por todas as famílias que foram afetadas até demais por conta disso.

Acho que eu também quero, e algo como simpatia das pessoas, que elas respitem a hora épica que estamos vivendo...

Espero que todos passemos aí isso, não ficar tudo bem!



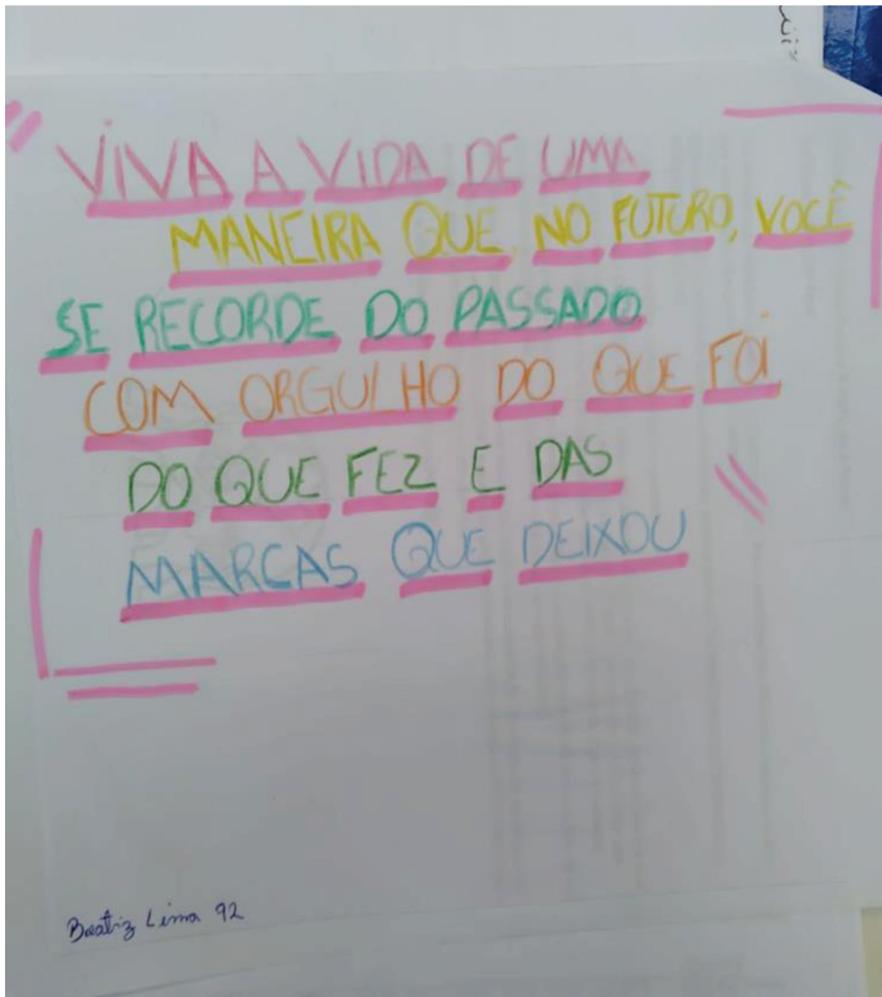
A verdade é que tem uma parte de mim que gostaria de dizer coisas boas sobre o futuro, ou talvez só perguntar para as próximas gerações como se encontra a nossa situação naquele momento, mas uma parte de mim tem medo da resposta.

Não é de hoje que as pessoas vêm nos alertando sobre nossa situação com o meio ambiente. Queimadas, poluição, desperdícios, e todos esses desastres causados unicamente pela nossa espécie.

Se eu pudesse dizer algo para essas pessoas futuramente, é que cuidassem e respeitassem a natureza, porque todos os desastres que a gente causa, afeta inteiramente sob nós mesmos, e outras espécies indefesas que acabam em extinção.

Além de um grupo social, nós devemos entender que sempre seremos somente um, com as mesmas necessidades básicas. A natureza nos proporciona uma das nossas principais necessidades para sobreviver: o próprio ar que respiramos diariamente, então eu acho que isso já é o suficiente para enxergamos o desastre que seríamos sem os benefícios dela.

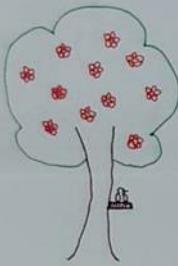
Uma grande mudança começa sempre por pequenos passos, acho que isso é minha fonte de esperança para acreditar que ainda podemos melhorar, porque afinal, nosso futuro só depende de nós mesmos.



Nome: Rosicleia Souza de Souza
Turma: 81
Data: 11/11/2020

Carta para o futuro

O que desejo para o nosso futuro é um lugar mais limpo e organizado, que as pessoas deixem as diferenças de lado, que possam se jogar lixo nos pontos e na rua...
Uma sociedade mais unida, mais dedicada e que todos juntos façam mundo ser melhor.
Então o melhor para o futuro tanto ambiental quanto o futuro da nossa sociedade é que se mudem, pois quando ajudar, o mundo será melhor!



VAMOS ACABAR COM AS QUEIMADAS

Com a sociedade unida o planeta será mais sustentável e mantido.

Para com as queimadas, para de jogar lixo no chão, um dia você não se arrependerá de mantê-lo.

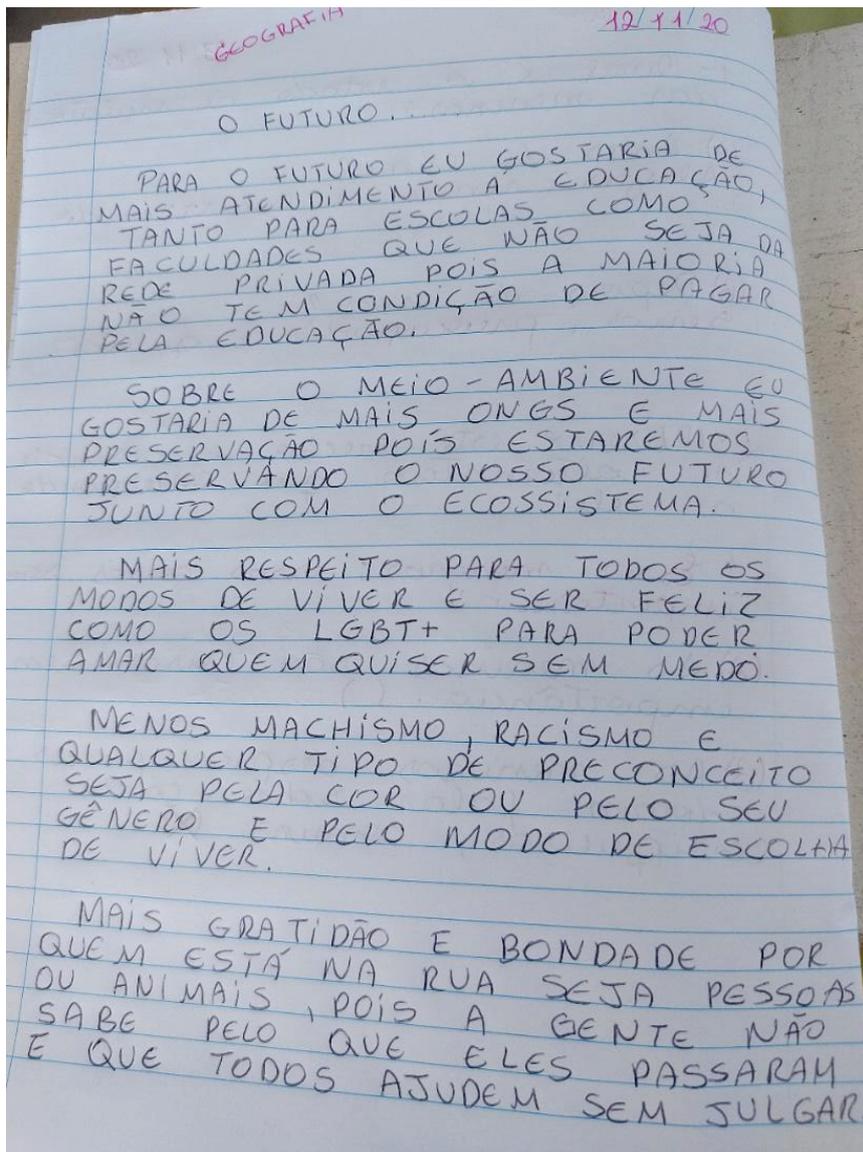
Folhas verdes, mas azul, pessoas sorrindo, animais felizes isso sim é um mundo ecológico.

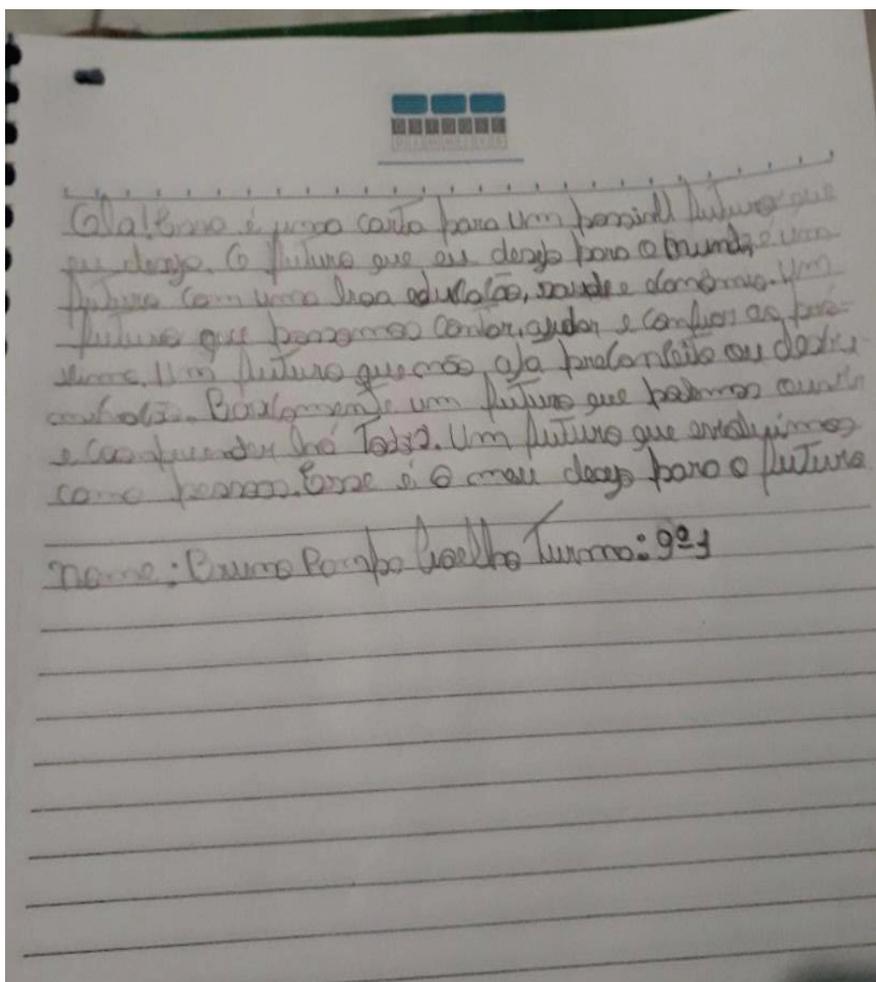
CARTA PARA O FUTURO



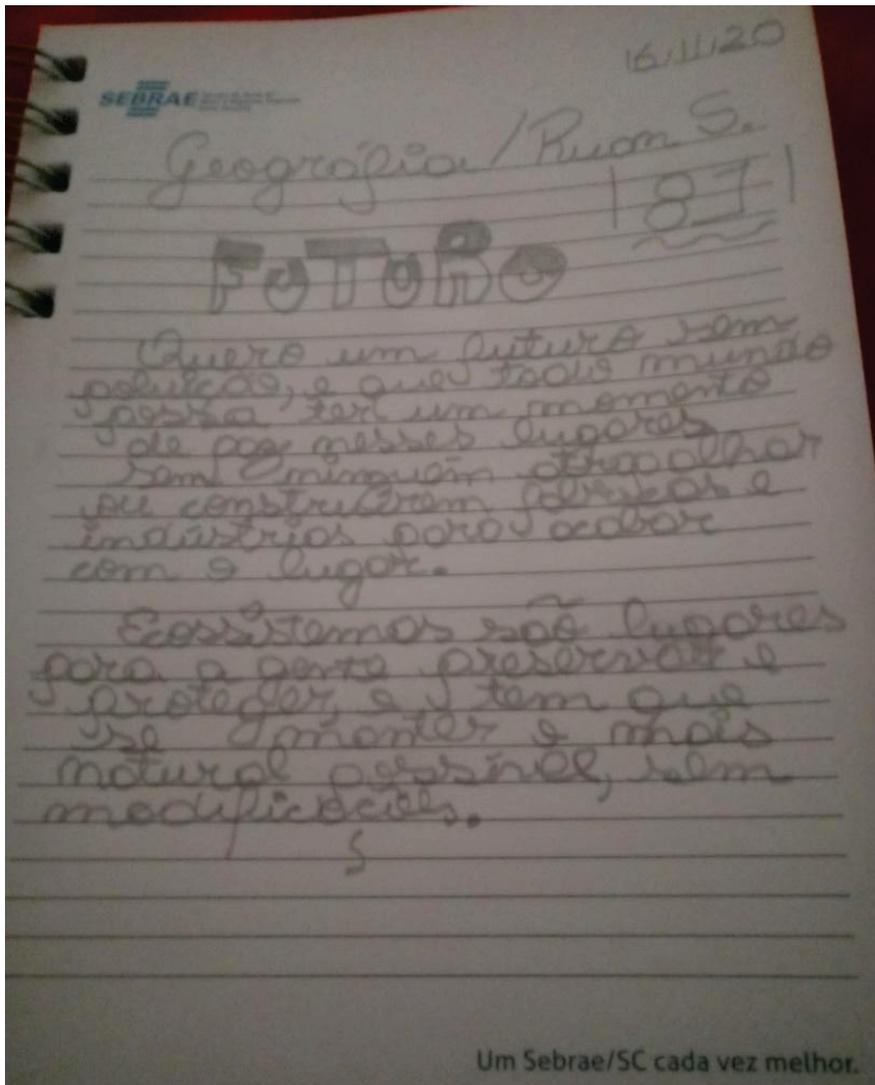
que eu desejo para o futuro é uma vida boa, longa e feliz, me divertir com família e amigos, ter muita paz e empatia, ir em algum campeonato, desejo também que todos ajudem a cuidar do meio-ambiente e preservar a natureza, que todos sejam respeitosos uns com os outros e muita compaixão.



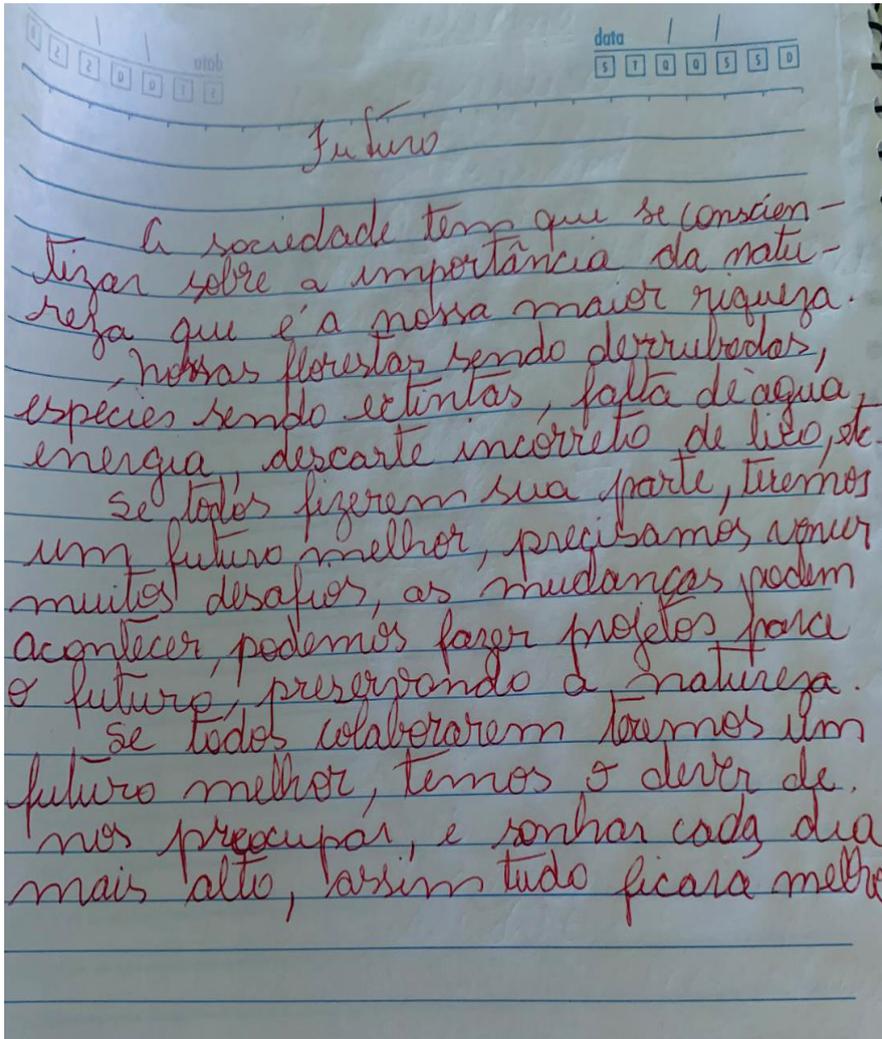


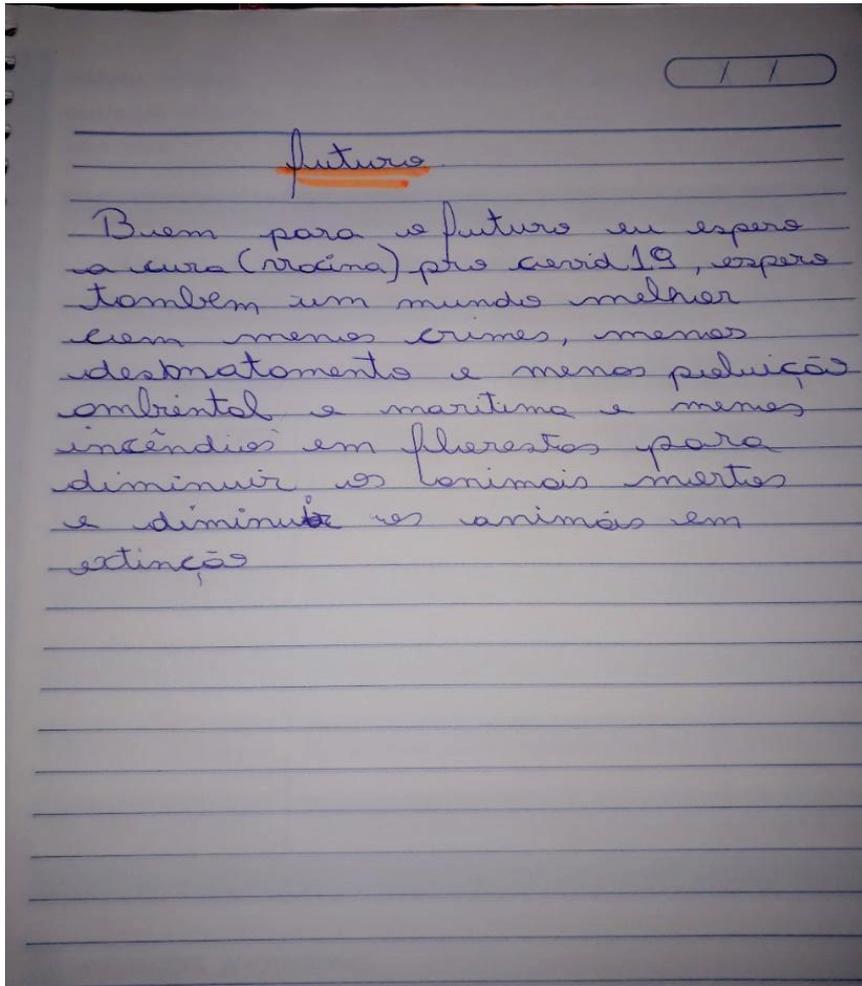


“Ola! Essa é uma carta para um possível futuro que desejo. O futuro que eu desejo para o mundo é um futuro com uma boa educação, saúde e economia. Um futuro que possamos cantar, ajudar e confiar ao próximo. Um futuro que não aja preconceito ou discriminação. Basicamente um futuro que possamos ouvir e compreender há todos. Um futuro que evoluímos como pessoas. Esse é o meu desejo para o futuro.”



“Quero um futuro sem poluição, e que todo mundo possa ter um momento de paz nesses lugares, sem ninguém atrapalhar ou construir fábricas e indústrias para acabar com o lugar. Ecosistemas são lugares para a gente preservar e proteger, e tem que se manter o mais natural possível, sem modificação.”





Bom, diferente do que se espera, para o futuro, eu não quero carros voadores ou o avanço acelerado da tecnologia. Na realidade, gostaria que nós melhorássemos como sociedade, não apenas quanto ao meio-ambiente, mas quanto a nós mesmos também. Acredito que nenhum "supercomputador" nos ajudaria, genuinamente, a ter: maturidade emocional, se importar com as causas de outras pessoas, salvar o meio-ambiente, dentre outros.

Espero que, no futuro, nós conseguíssemos enxergar além de nossos próprios umbigos, que possamos olhar por novas perspectivas e que possamos enxergar as pessoas; não digo, apenas que seja um "Você está bem?" de forma superficial, digo se interessar pelo outro, verdadeira mente. A humanidade nós é tão horrível como acreditamos ser, apenas estamos presos numa sociedade que nos "força" a ser individualista quando, na verdade, somos dependentes uns dos outros.

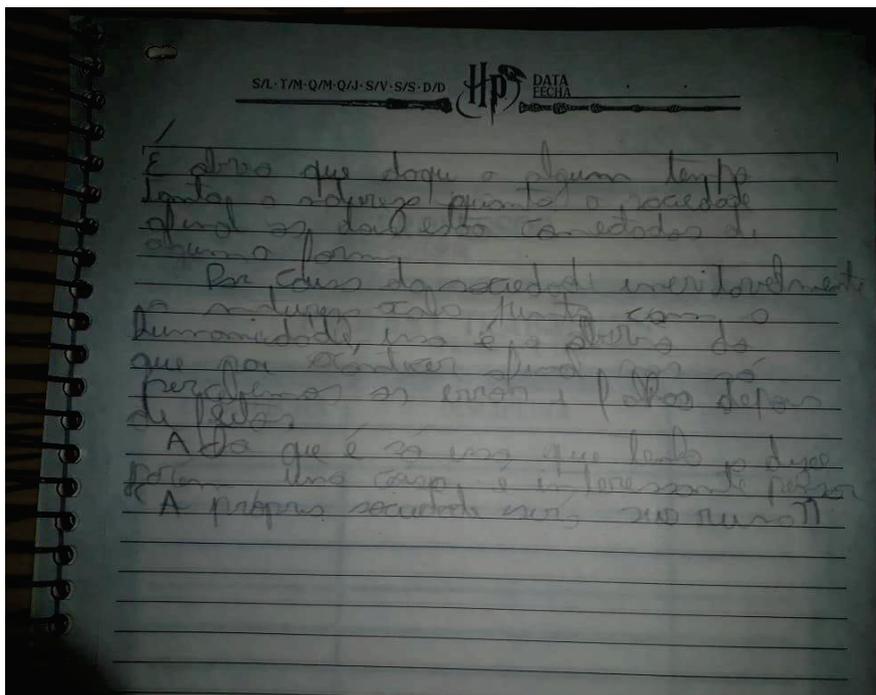
Sinceramente, eu tenho esperanças boas para o futuro. Acredito que, com tudo isso acontecendo, as pessoas possam enxergar os horizontes que necessitam de sua ajuda. É esta é minha "carta" para o futuro.

Edilaine Nunes, 9º2 Data: 20/11/2020.

Data / /
S T Q Q S S D

Oi eu me chamo anônimo. O futuro que eu desejo é que primeiro acabe de vez esse covid-19 porque essa pandemia não está fácil pra ninguém, segunda coisa é que ser humano muda muito em relação a natureza porque agente não está nem na metade do que a natureza realmente precisa pra continuar viver ou pra crescer cada vez mais, esse mundo não precisa ser mundo tecnológico e sim mundo natural.

Obrigado pela atenção



Transcrição inclusiva

“É óbvio que daqui a algum tempo tanto a natureza quanto a sociedade, afinal os dois estão conectados de alguma forma. Por causa da sociedade a natureza inevitavelmente a natureza acaba junto com a humanidade, isso é o óbvio do que já acontece afinal nós só percebemos os erros e falhas depois de feitos. Acho que é só isso que eu tenho para dizer, porém uma coisa é interessante pensar. A própria sociedade será sua ruína.”

Como eu quero meu (nosso) futuro seja.

Maria Rafaelly - 81.

Como eu quero que o mundo seja no futuro?

É uma boa pergunta, em 2020 as coisas não saíram muito como se esperados. Como imagina um mundo daqui a 10 ou 20 anos se estamos tendo uma previsão em 1 ano?

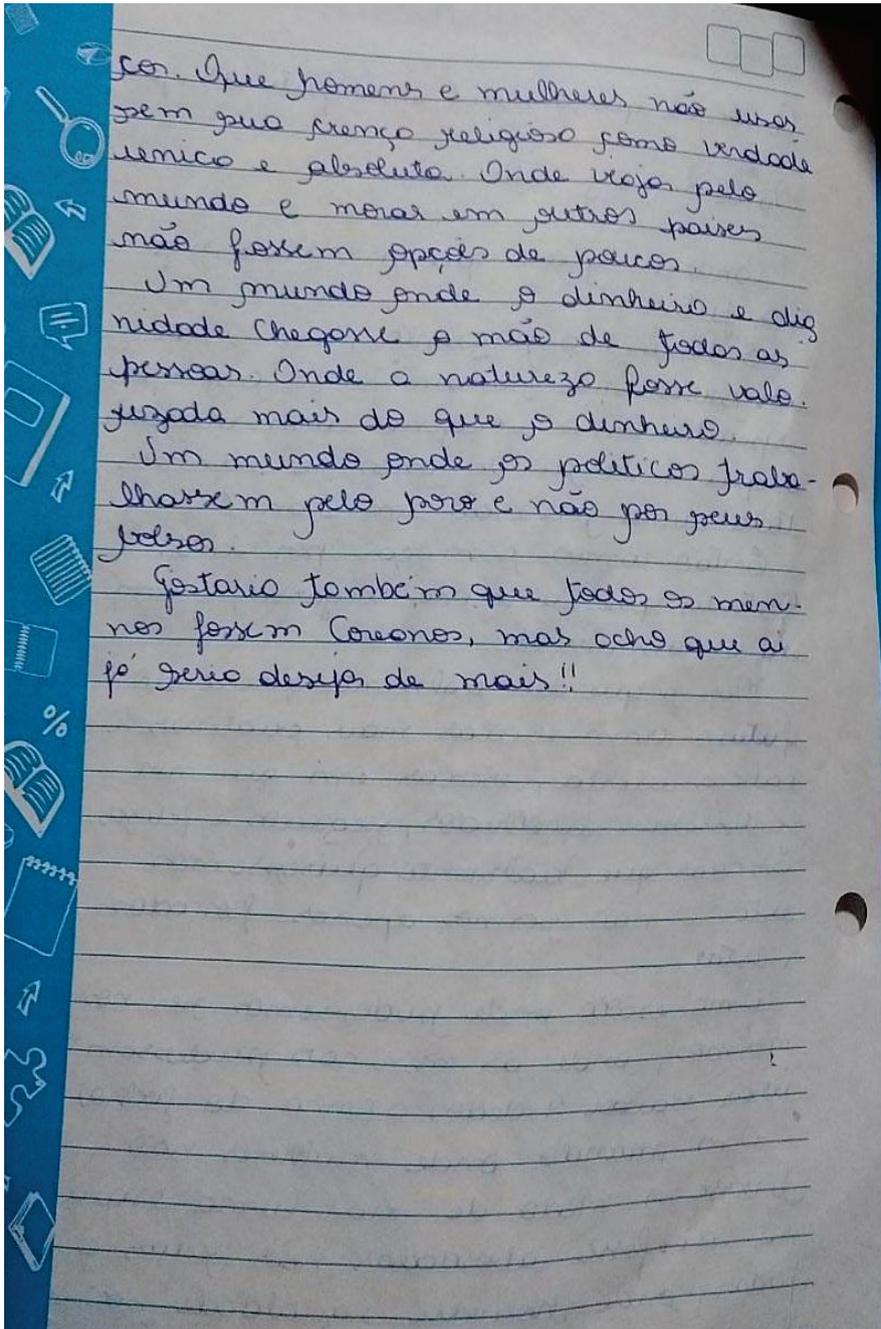
Então vamos começar por 2021. Gostaria que a vacina chegasse, e com ela a normalidade.

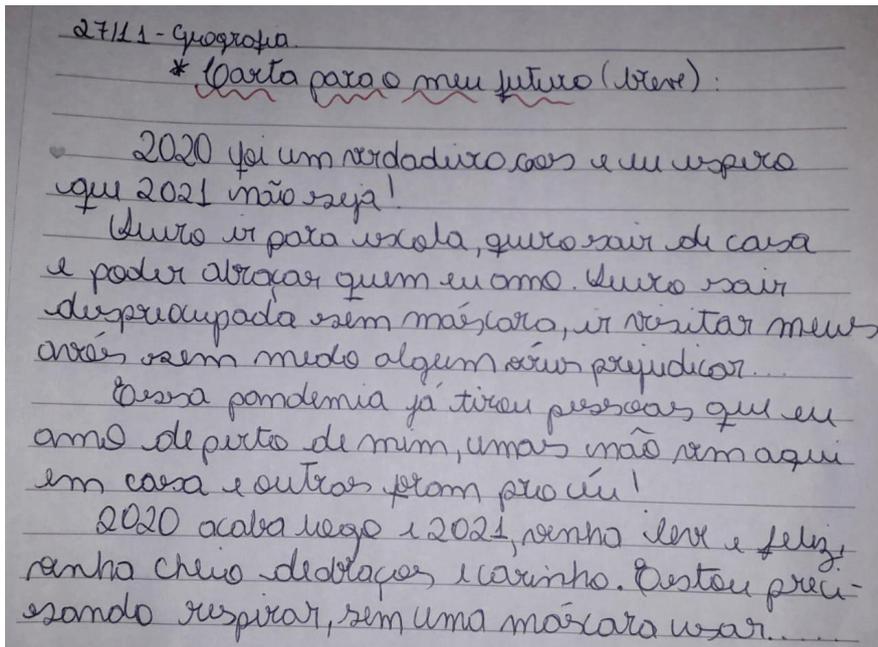
Mas é que eu realmente quero do futuro escolas mais justas e cabeça aberta, escolas em que não sentíssemos acolhidos, seguros e felizes. Escolas que realmente quisessemos estar e não fossemos apenas forçados a estar.

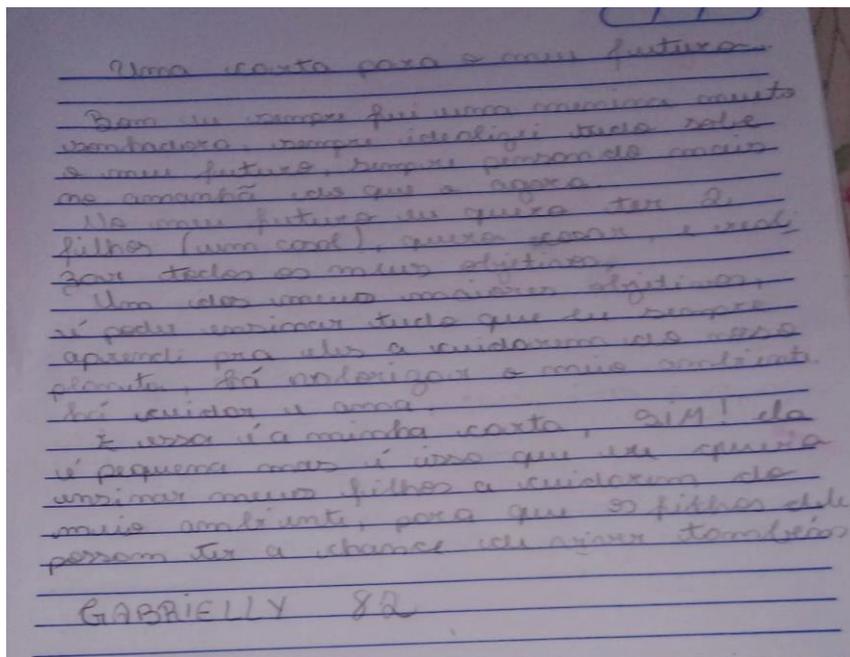
Uma escola onde poderíamos ser nós mesmos, onde as meninas pudessem usar saia (4 dedos a cima do joelho).

Um mundo onde mulheres não tivessem medo de ir a uma esquina ou fosse abendadas nas ruas e festas, onde houvesse igualdade racial e de gêneros. Onde pessoas negros fossem respeitados por sua capacidade e não (pre)juizados por sua

credeal







Transcrição inclusiva

“Uma carta para o meu futuro”

“Bom eu sempre fui uma menina muito sonhadora, e sempre idealizei tudo sobre o meu futuro, sempre pensando mais no amanhã do que no agora.

No meu futuro eu quero ter 2 filhos (um casal), quero casar e realizar todos os meus objetivos.

Um dos meus maiores objetivos é poder ensinar tudo que eu sempre aprendi pra eles a cuidarem do nosso planeta, a valorizar o meio ambiente, a cuidar e amar.

E essa é minha carta, SIM! Ela é pequena, mas era isso que eu queria, ensinar meus filhos a cuidarem do meio ambiente, para que os filhos deles possam ter a chance de viver também.”

Gabrielly 82

Carta para o Futuro

Olá futuro meio-ambiente... eu sei como foi difícil oq, vc, passou no meu tempo, mas espero q vc esteja bem, sem nenhum desmatamento desnecessário, sem queimadas...

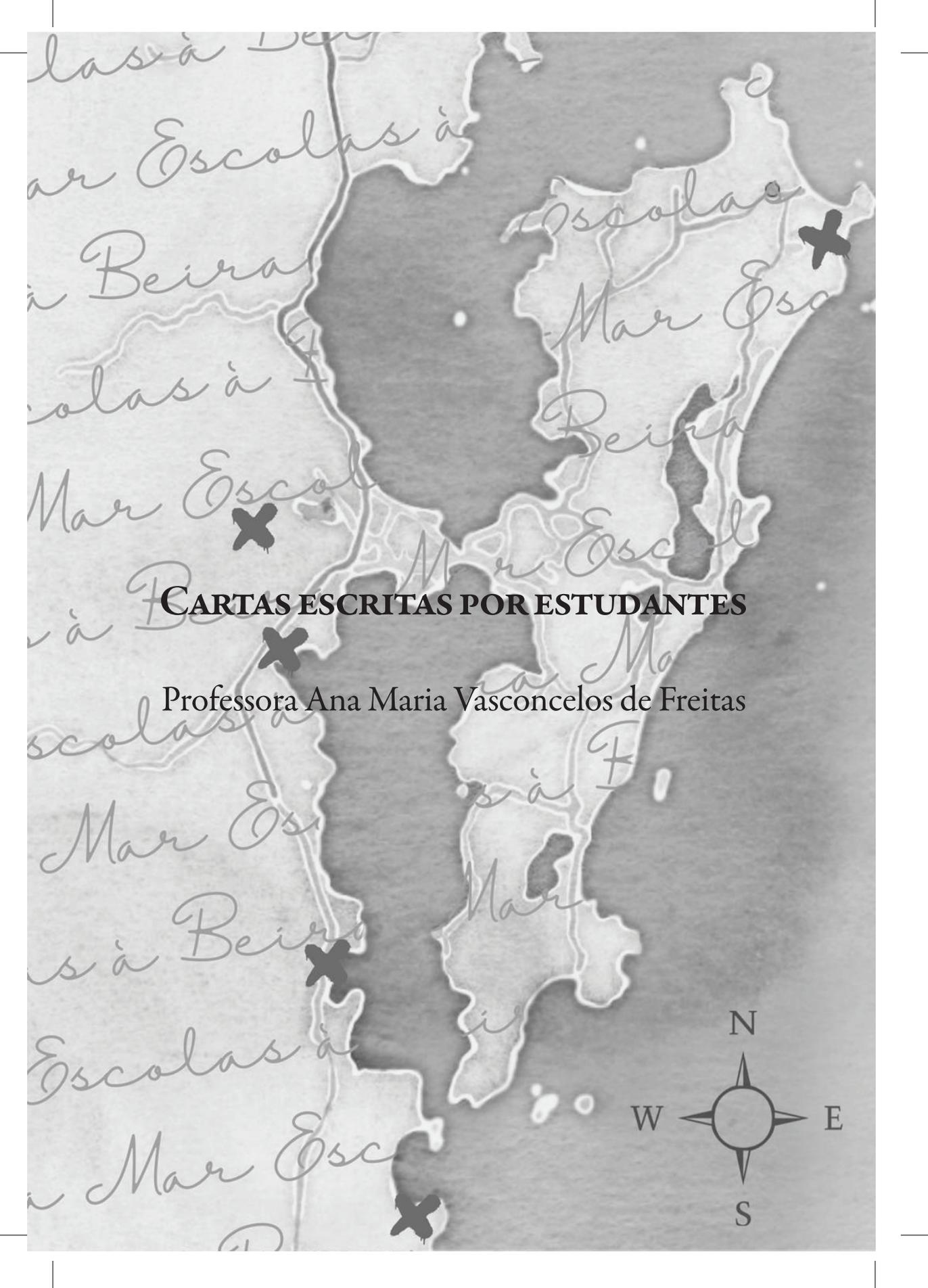
Gostaria de dizer que se hj, eu pudesse fazer alguma coisa por você... eu faria qualquer coisa.

Não sei como hoje e no passado, os seres humanos te maltrataram tanto, mesmo sabendo q vc é a coisa mais importante desse planeta.. você é a vida, você é o nosso sustento, tenho vergonha de me chamar de ser humano, sabendo tudo que eles fizeram pra vc, e fazem hj...

Eu daria a minha vida para salvar tudo que vc perdeu, tanto animais, quanto as matas queimadas e exterminadas sem dó alguma...

Davi Marcelo da Cunha, 2020

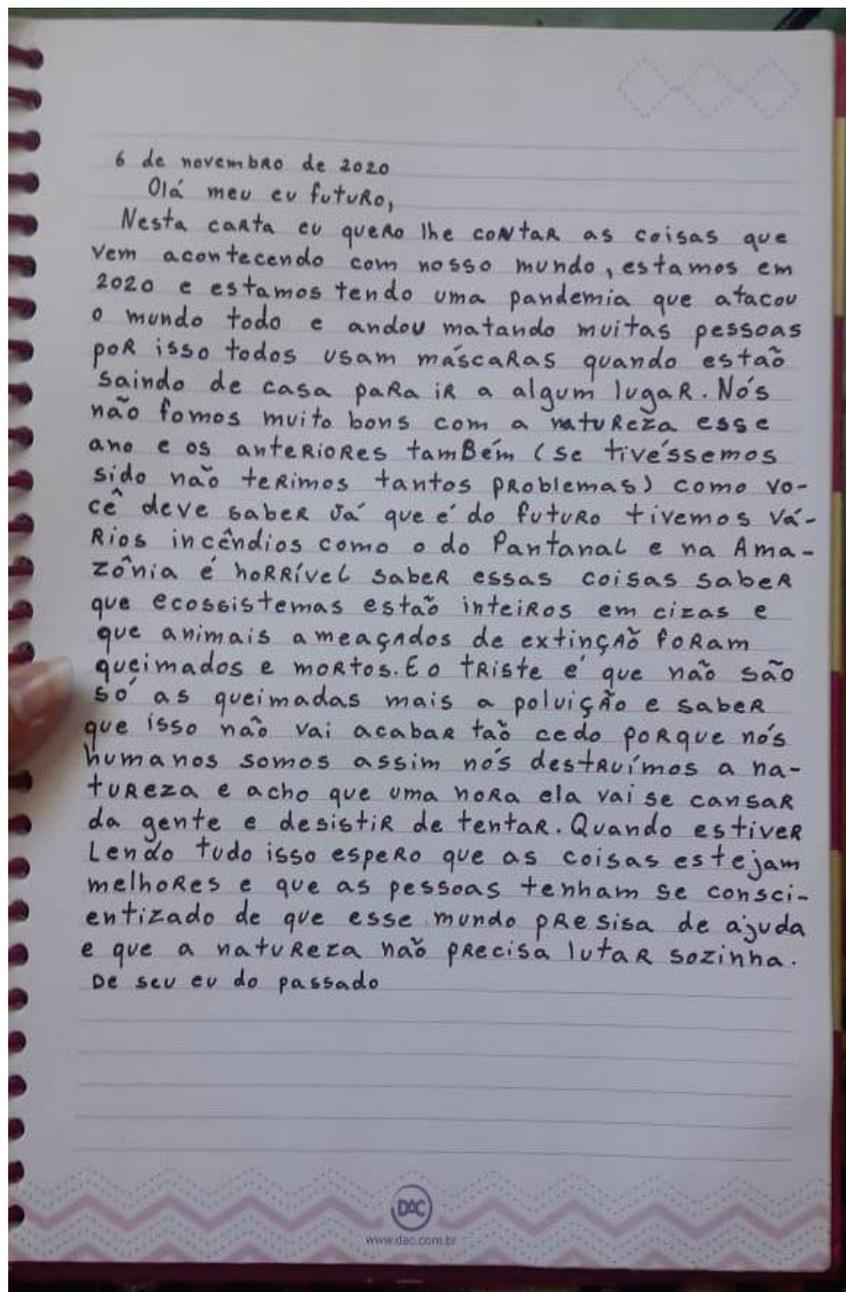
O bosque é cheio de passarinhos
O bosque é cheio de borboletas
Precisamos preservar a natureza.
Pois sem ela o ar fica mais
poluído para a respiração fica
mais ofegante, os animais morrem
por falta de alimento, o calor
aumenta O desmatamento aumenta.
Para que tudo isso venha acontecer
precisamos preservar o meio ambiente.



CARTAS ESCRITAS POR ESTUDANTES

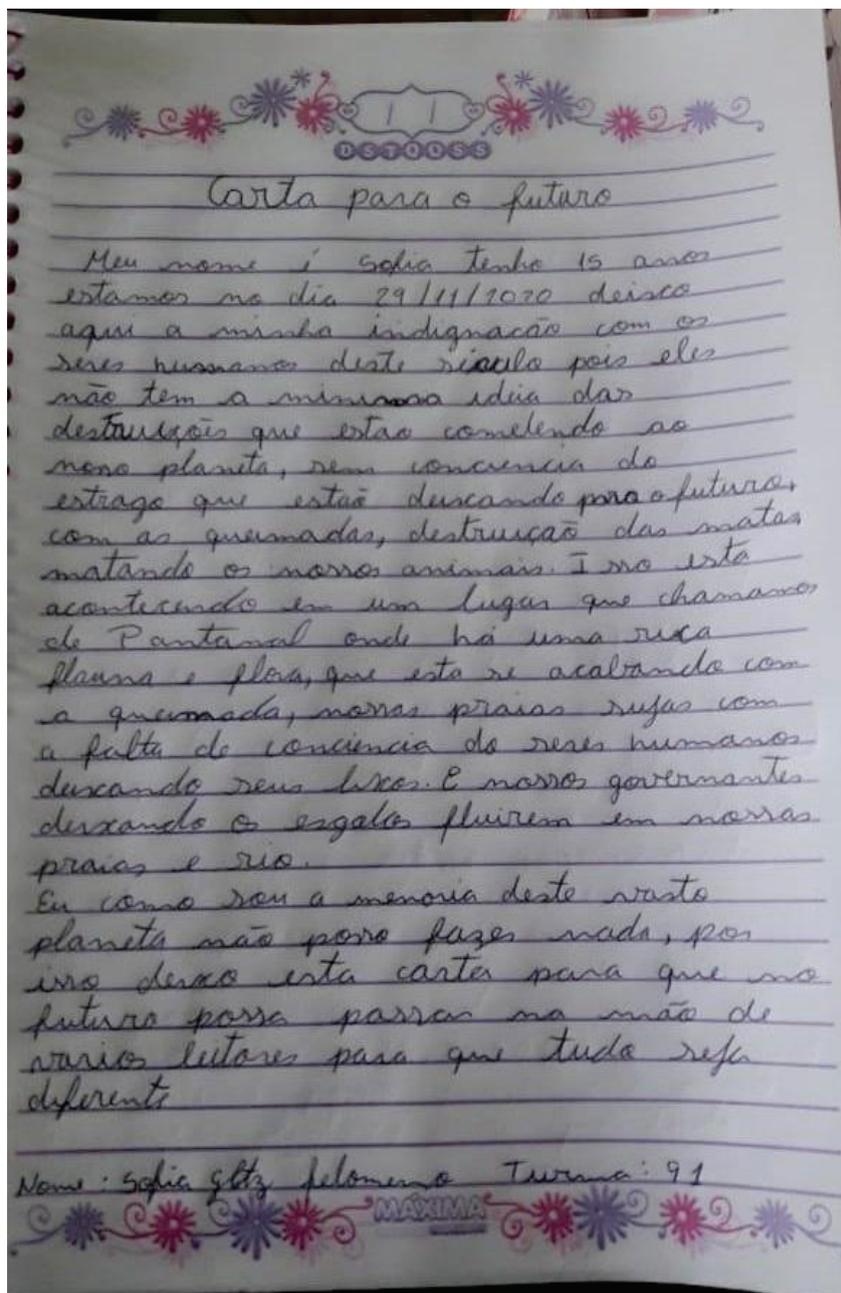
Professora Ana Maria Vasconcelos de Freitas

Autora – Flávia (Turma 93)
EBM Maria Tomázia Coelho



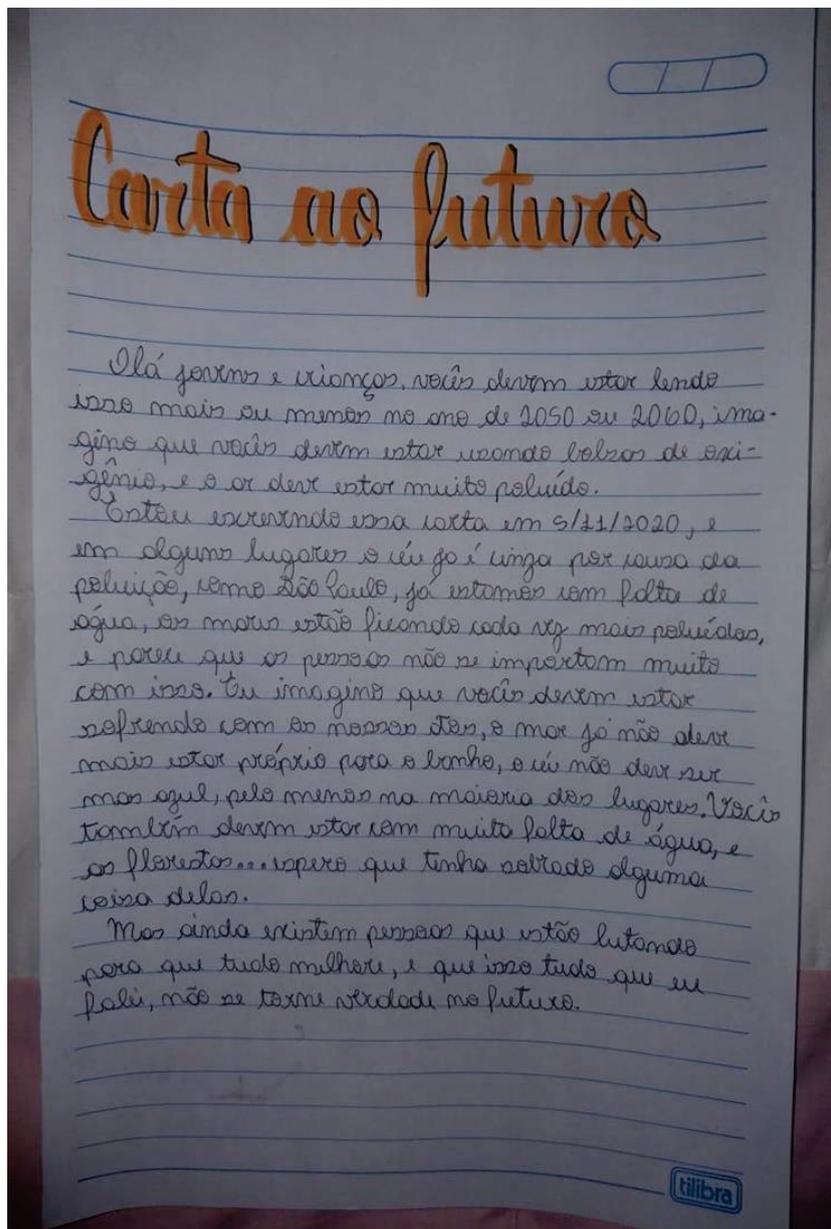
Autora – Sofia (Turma 91)

EBM Maria Tomázia Coelho



Autora – Ana Clara (Turma 91)

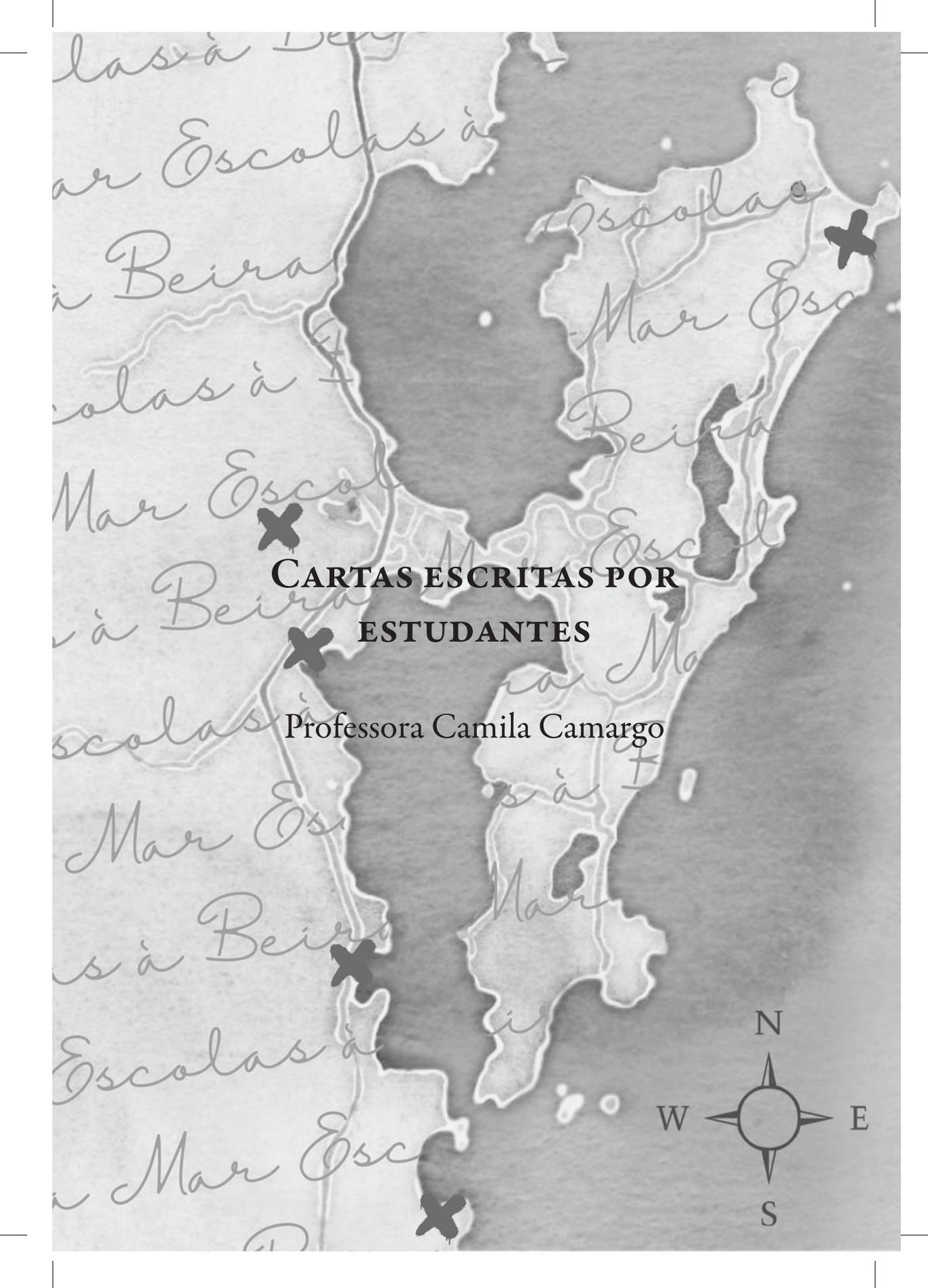
EBM Maria Tomázia Coelho



Autor – Vitor (Turma 91, carta transcrita de vídeo)

EBM Maria Tomázia Coelho

Aqui onde eu moro, em Florianópolis, alguns bairros não possuem sistema de tratamento de esgoto ou possui um tratamento ineficiente. O esgoto tratado é despejado muitas vezes em rios ou em fossas, o que acaba contaminando a água e o solo. Outro grande problema é a poluição atmosférica, que ocorre na maioria das cidades grandes, já que nelas, temos muitas fábricas e a utilização de carros é massiva, o que gera muita poluição. Hoje em dia no Brasil, além desses problemas, temos outros problemas bem grandes como o desmatamento na Amazônia e no Pantanal, que vem se agravando cada vez mais, e isto é muito grave, pois está perdendo a biodiversidade encontrada nestes biomas que é muito rica. E como já é de se imaginar, a razão pelo qual fazem isso é pelo dinheiro, para poder gerar mais gado e lavouras e assim lucrar mais. Se continuar assim, em breve não teremos mais natureza e o dinheiro não poderá reverter isso.



**CARTAS ESCRITAS POR
ESTUDANTES**

Professora Camila Camargo





Carta ao futuro

Querido eu, Faltam exatas 3 semanas para acabar o ano e seu duvidos foi um ano muito complicado.

Tudo começou dia 1 de dezembro de 2019, quando divulgaram a primeira caso do Covid-19. Ninguém sabia o que eu era, esse tipo que tinha, forma de contágio, era uma coisa nova para todos! O número de *Casos só aumentava em todo o mundo, então os países pararam e todos entravam em quarentena, onde só se podia sair para ir ao mercado. Foi muito assustador pois não tínhamos contato com mais ninguém a não ser a família... Nesse modo algumas pessoas desenvolveram ansiedade, depressão, entre outros.

Acredito que aos poucos tudo vai melhorar e vamos poder nos ver, vermos, abraçarmos e curtirnos juntos!

Foi um ano de muita reflexão para todos, acredito que as pessoas passaram a dar mais valor aos pequenos momentos e pequenas coisas, e que quando tudo isso passar será um momento de muita gratidão.

★





Dom, 06/12/20,

Uma das coisas que mais auri nesse tempo é que o futuro é incerto e a ele não nos pertence. Nos sentimos ansiosas por não saber nada. Acredito que podemos definir ele pelas nossas atuais atitudes. Quero tudo de bom para o futuro, então, peço que reflitam o hoje, o agora, o presente.

Quero e espero que sejamos menos ignorantes, não deixemos nos dividir cada vez mais, rotular cada pessoa e julgá-la.

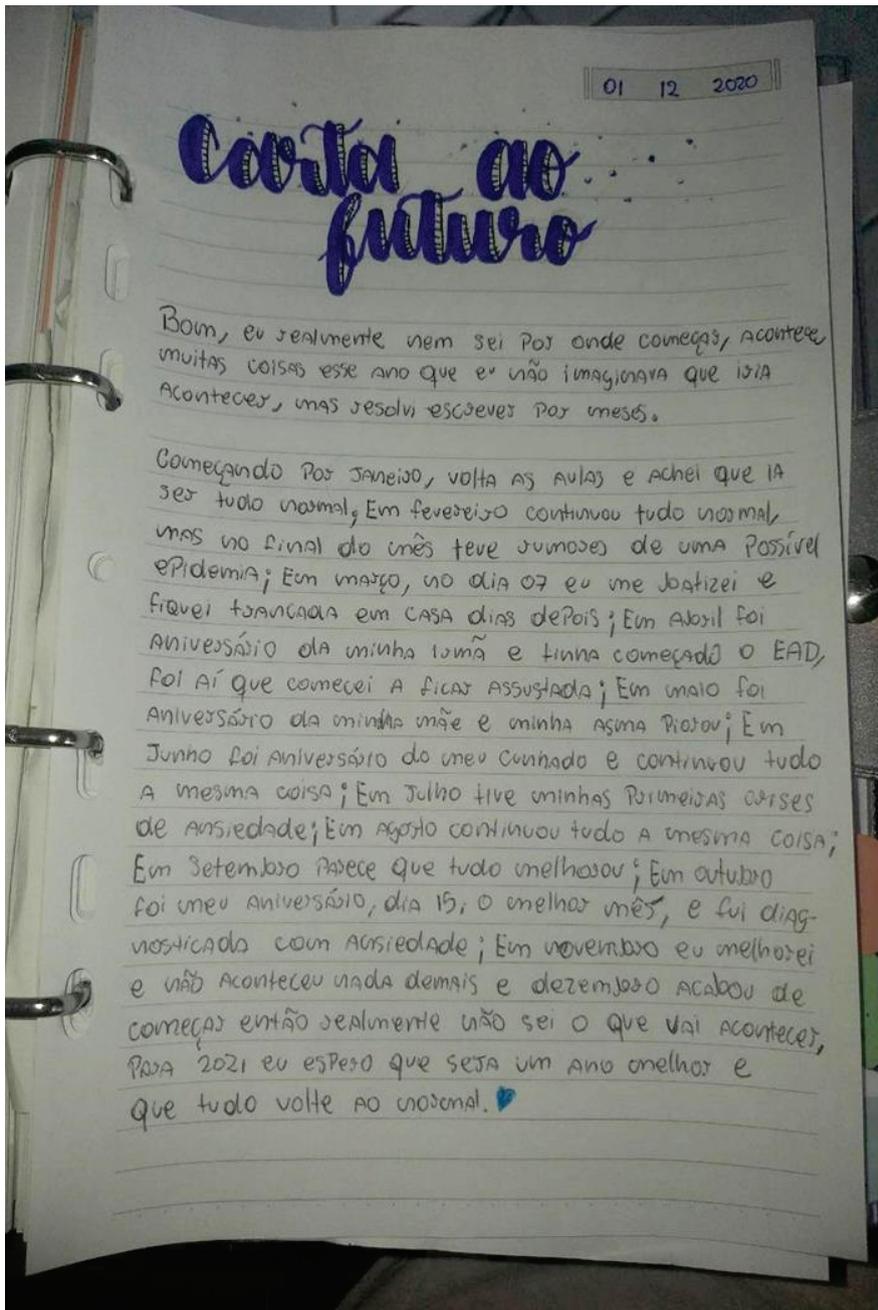
É direito de uma pessoa viver como ela quiser e como ela é, sem ser oprimida.

Etnias, raças, culturas e religiões sendo respeitadas e não julgadas.

Somos livres para buscar informações e com isso não nos tornamos negligentes perante nossas morimentas na sociedade.

Que a mãe natureza esteja em Paz e harmonia.

Com certeza nós fomos podemos mudar o mundo se quisermos e termos vontade. Nascermos e crescermos em tempos e circunstâncias totalmente diferente de antigamente.



Carta para o futuro

Pensando em futuro a primeira coisa que vem na mente é que nosso mundo possa voltar ao normal, ~~isso seria bom~~ essa pandemia, mas em normal muito melhor do que o que tinha.

Um futuro com muito mais respeito, mais amor, mais dignidade e também com menos, menos egoísmo, menos fome, menos miséria.

Eu quero lá na frente ver que muita coisa boa foram tiradas, dessa tristeza toda que nem nos hospitais mas preparados e prevenções mais doenças.

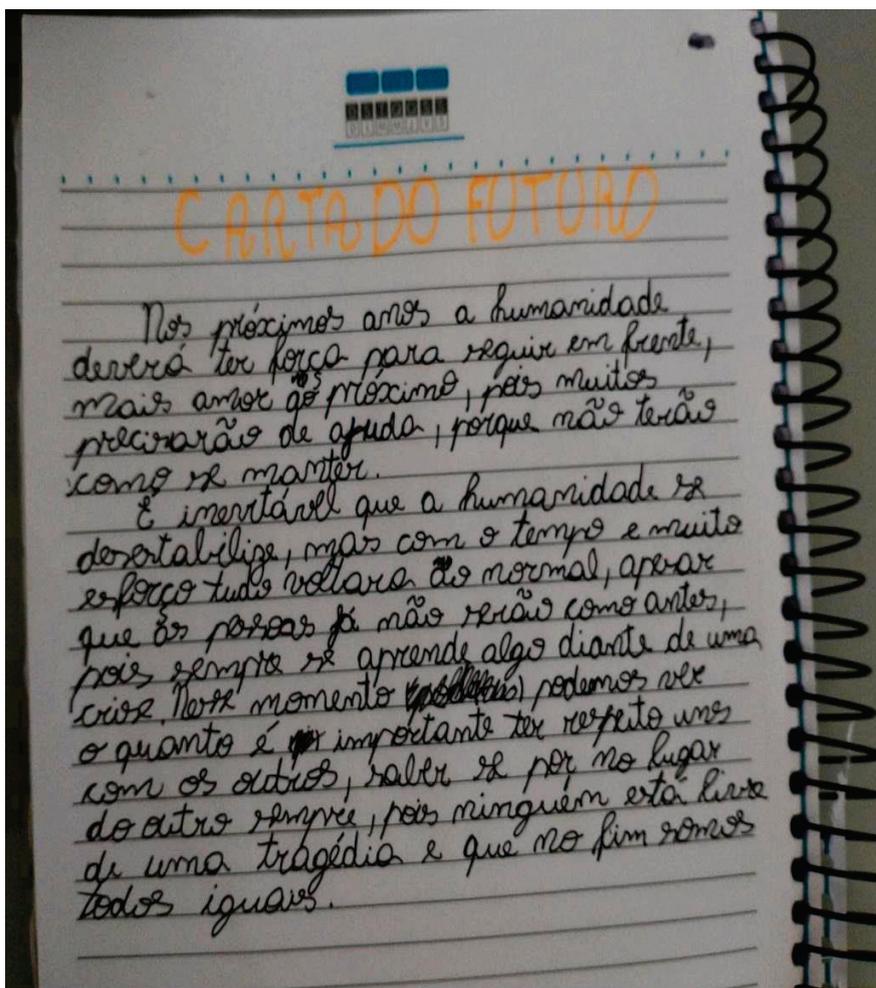
Que a esperança de um futuro melhor nunca seja dos nossos corações e que todo mundo possa ter força para superar as dificuldades e o que eu desejo para o mundo inteiro.

— ♥ — ♥ —

futuro

♥

Futuro, posso dizer que no ano de 2020, ano que escrevo esta carta, perdi varias as vezes as esperanças de ter um futuro, mas em outras, foi plazer desabalantes de que fazer da minha vida nos próximos anos. Esperança, talvez essa palavra defina muita coisa, digem que até é a última que mece, gratidão, essa também é uma palavra importante, afinal após isso tudo, eu ainda estou viva, minha família está viva, meus amigos estão vivos, mas não só por isso, gratidão pelos pessoas que me fizeram quem eu sou hoje, meus professores também, eles são foda, eu espero que as coisas melhorem, que eu melhore, que eu aprenda sobre o mundo cada vez mais e o que eu posso fazer para que minha trajetória aqui, seja gratificante.



Carta ao futuro:

Olá futuro!!! Como está o mundo aí em 2020?
Quando escrevi esta carta em maio de 2020, estávamos passando por uma pandemia mundial e muitas pessoas haviam morrido por causa desse vírus, COVID-19.

Vindo passamos por muitas situações horríveis, crises, racismos, preconceitos, desigualdade ao próximo e discriminações.

Esperar de tantos progressos, ainda perdemos atitudes de respeito com a natureza e com o ser humano.

Então futuro!!! Espero que depois de tantos anos as pessoas tenham tomado consciência e que o mundo aí seja bem melhor, que o mundo que eu sei.

Espero que os meus filhos ainda estejam por aí, aproveitando as belezas naturais junto com meus netos. Que a água seja apropriada e abundante.

Desejo que no futuro, esteja melhor e aproveitando com consciência e gratidão, tudo que foi dado de presente.

STAR
WARSDATA/FECHA / /
S/L · T/M · O/M · O/J · S/V · S/S · D/D

CARTA AO FUTURO

Eu espero que no futuro as pessoas vivam em paz e harmonia, respeitando uns aos outros independente da cor da pele, onde moram e suas opiniões. Também espero que encontrem uma vacina para a COVID-19 e que a medicina tenha evoluído muito, assim as pessoas irão viver mais tempo. Torço para que não tenha nenhum guerra. O mundo que eu vejo para o futuro é um mundo cheio de tecnologias inovadoras nas casas das pessoas e elas vivendo felizes com as suas famílias. Torço também para que as pessoas sejam mais conscientes para que o planeta Terra não fique mais poluído do que agora.

Um mundo Removido

O palavra que deve representar o nosso futuro é a esperança alcançando um futuro melhor. Por isso precisamos agir para alcançá-lo.

Não podemos desanimar, temos que ser otimistas, mesmo que falamos por um momento de um lado onde o mundo está em crise, temos nos concentrar nos pontos positivos, pois sabemos que mesmo nos dificuldades existe o lado produtivo, ficamos mais fortes quando superamos as dificuldades.

Temos mais fortes do pensamos, acreditar em nós mesmos quando paremos não podemos não quando falamos nos já fizemos ultrapassadas e estamos aqui intactos em quanto houver forças dentro lutamos e acreditamos em nós.

FORONI

05.12.20

Brasil, 05 de dezembro de 2020.

Às futuras,

cuideis da Terra e não pratiquem o ódio. Espero que futuramente não aja tantas mortes, crimes, desrespeitos, inveja e que as pessoas pratiquem amor e respeito.

Tenho esperança que a sociedade tenha repensado a ideia do capitalismo e tenha divulgado mais sobre

Também espero que tenhamos diminuído o consumo de plástico, vidro, combustíveis fósseis, entre outros...

Tenho fé que não houve uma terceira guerra mundial. Ainda que os estudos sobre o universo tenham se estendido, ou pelo menos assim espero...

Pense o mesmo sobre o mar, será que descobriram alguma raça aquática diferente? E a tecnologia? Bom, espero que tenhamos avançado e evoluído em nossos estudos.

Sobre o convívio uns com os outros, respeitem o próximo independente de suas diferenças. Vivam ao máximo e pensem nas gerações futuras as suas. Amem o meu ambiente e cuideis dele!

Olá futuro, eu sei o passado e vim fazer umas perguntas e falar um pouco sobre o passado, e o futuro que eu penso que será.

No futuro...

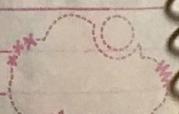
Ainda existe o COVID-19?

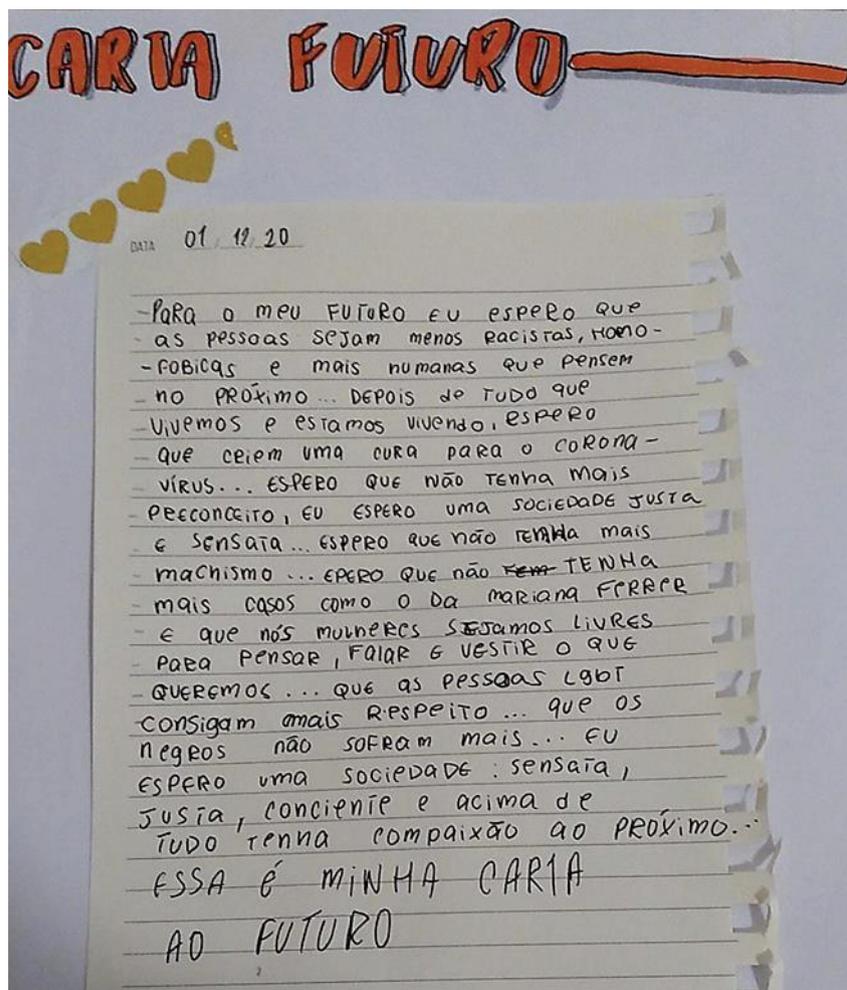
Ainda estão de quarentena?

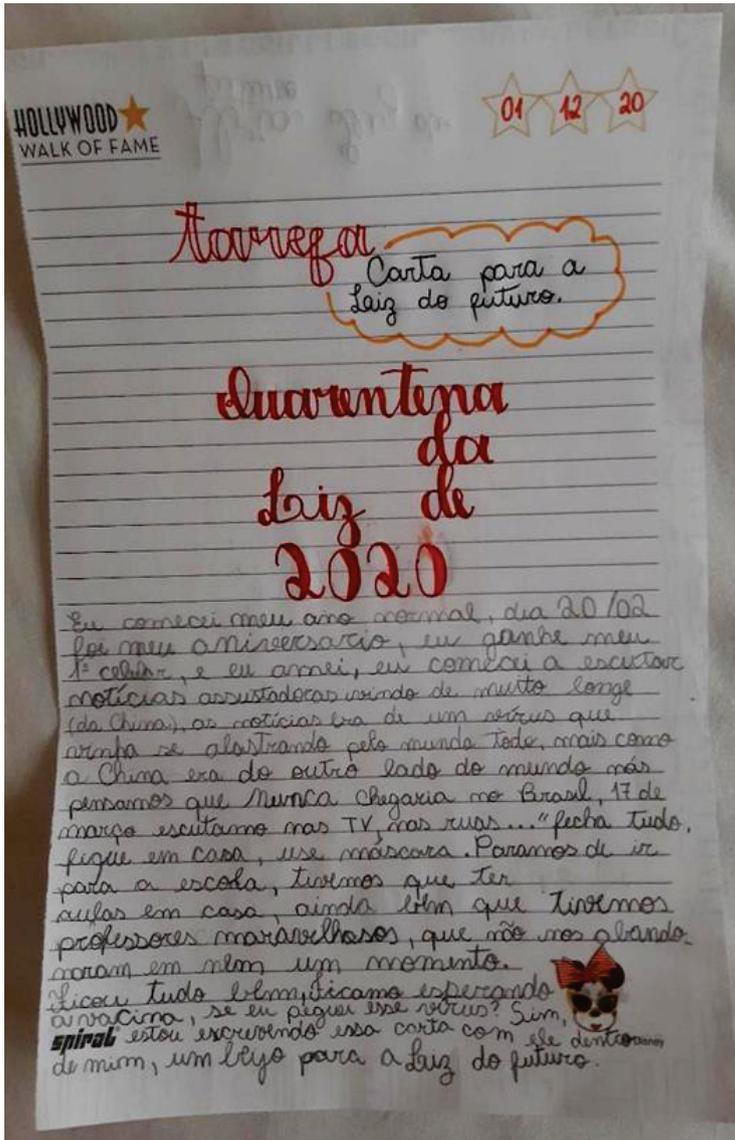
As pessoas respeitam o próximo, contando com a cor da pessoa ou a sexualidade das pessoas?

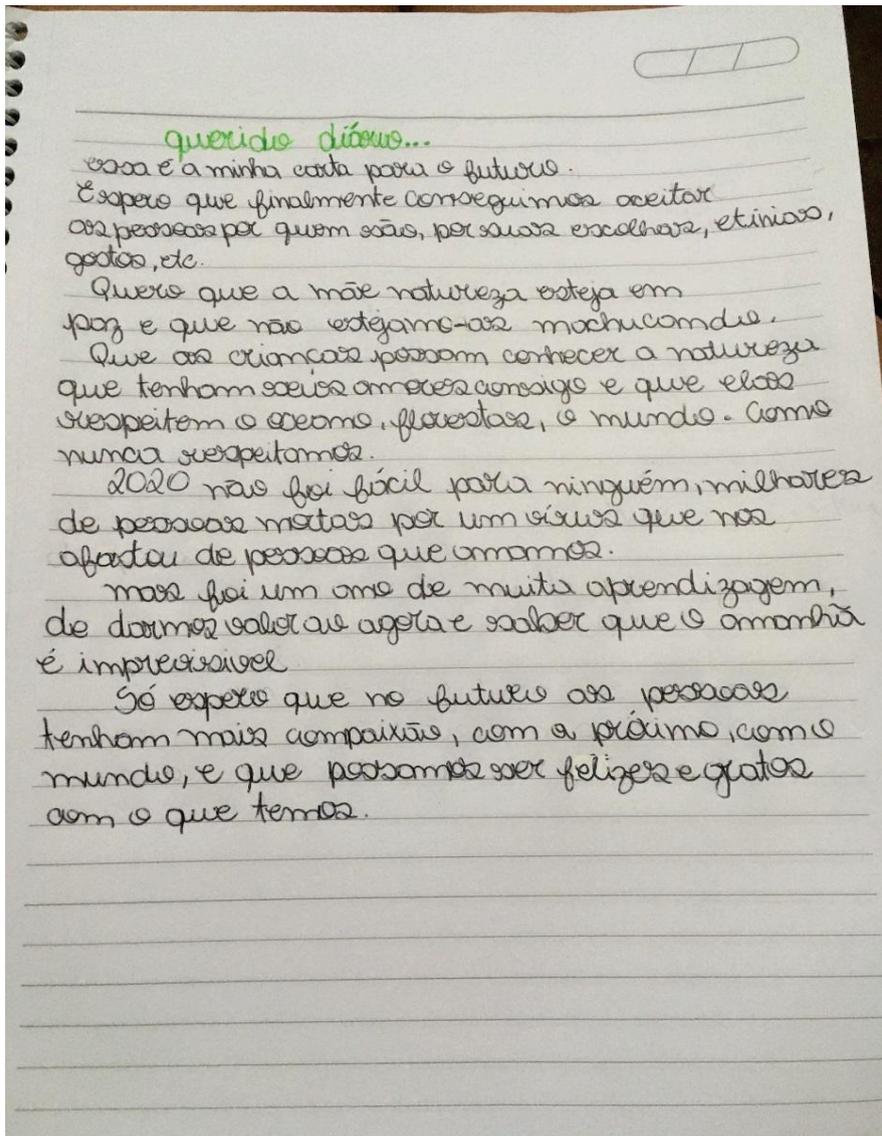
As pessoas estão respeitando a quarentena, sem sair muito, usando álcool, máscara, distanciamento?

Bem, eu espero que sim, porque respeito e **M**aidade é o mínimo que temos que fazer com o próximo, e aqui no passado não está muito presente isso, e não sei como está o futuro, mas gostaria de falar para as pessoas que estão lendo essa carta... para respeitar e cuidar do seu povo essa é a hora para fazer a diferença, que cada pessoa respeite o próximo, e assim teremos um mundo melhor, acredito em você!



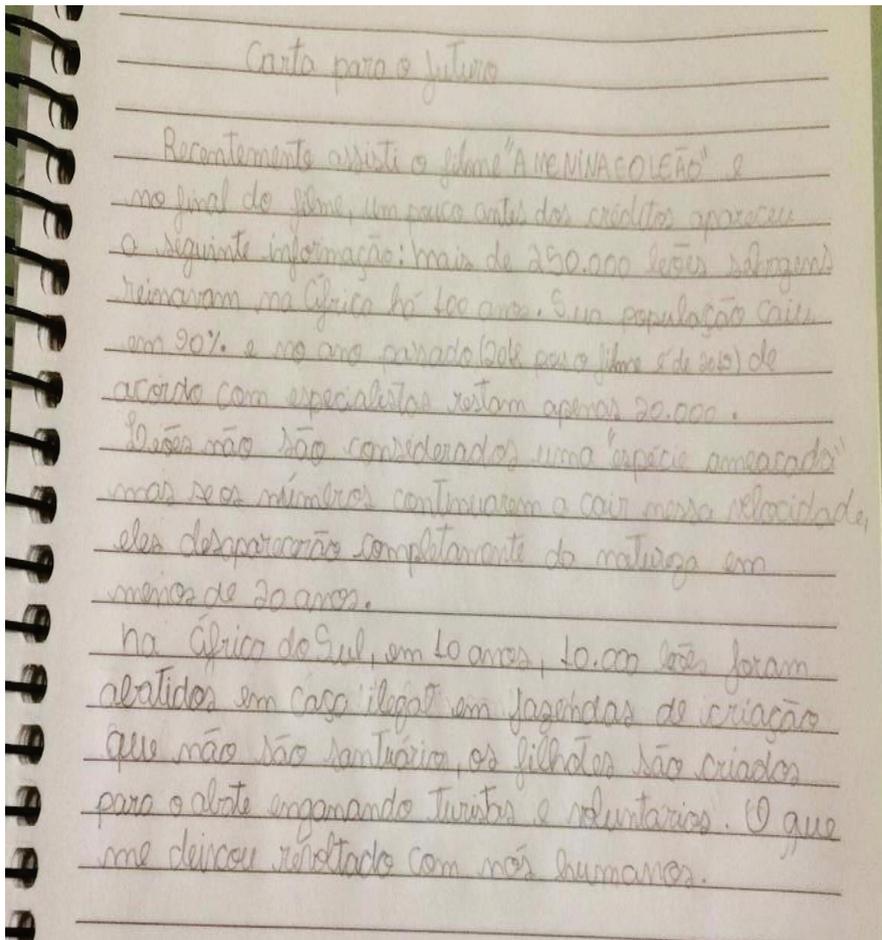




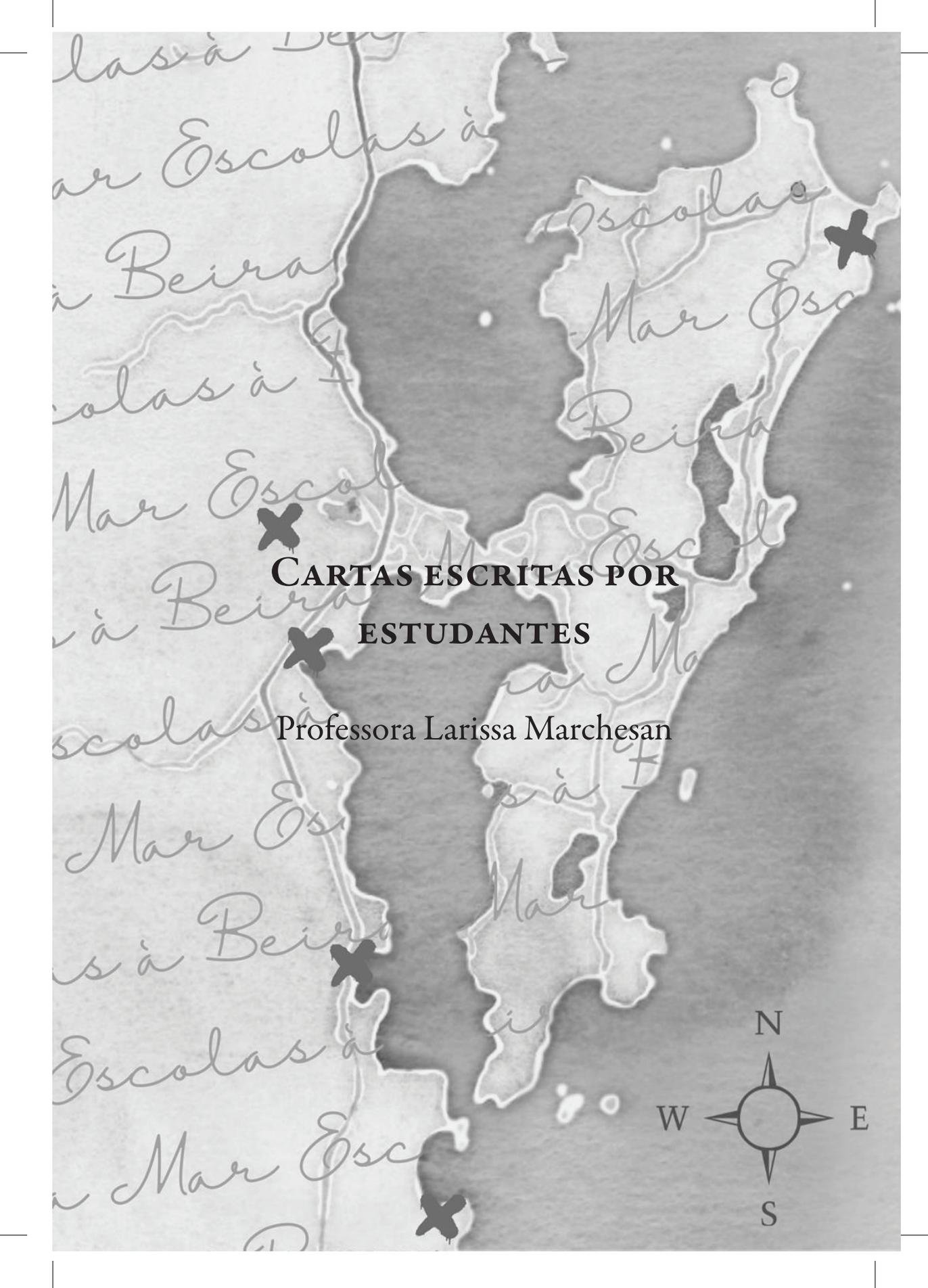


Carta

Eu gostaria de tentar expressar por meio desta carta a minha imensa e infinita gratidão por estarem se expondo todos os dias para salvar vidas e cuidar daqueles que mais precisam. Obrigado por serem moços anjos e heróis não somente neste momento terrível, mas em todos os outros momentos em que tiveram que colocar a vida dos outros antes mesmo das suas próprias prioridades. Obrigado, de coração, por estarem se dedicando e cuidando de toda a população da melhor maneira possível. Uns com mais ferramentas e outros com menos, mas todos com as mesmas boas intenções e esforços para superar essa pandemia da melhor maneira.

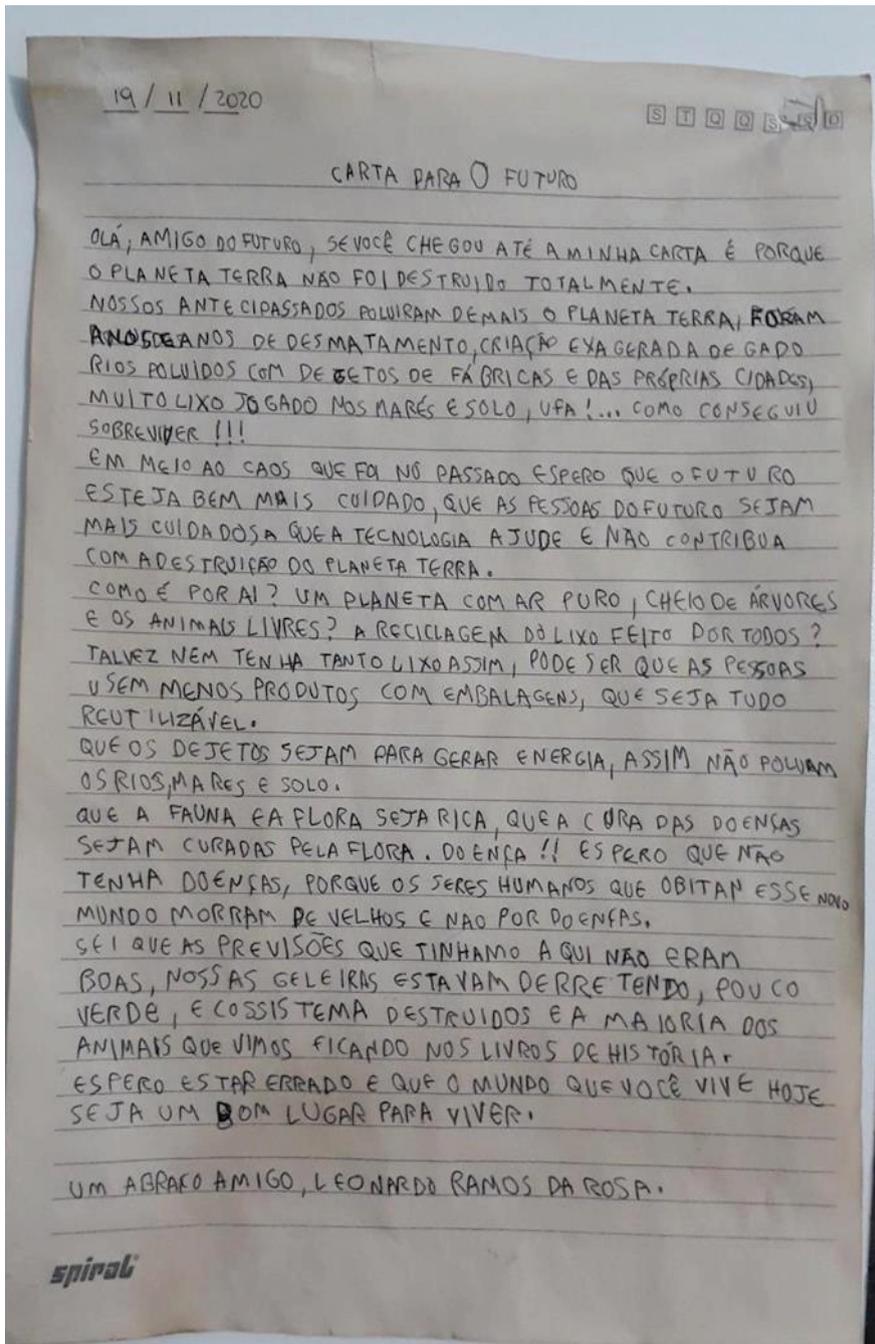


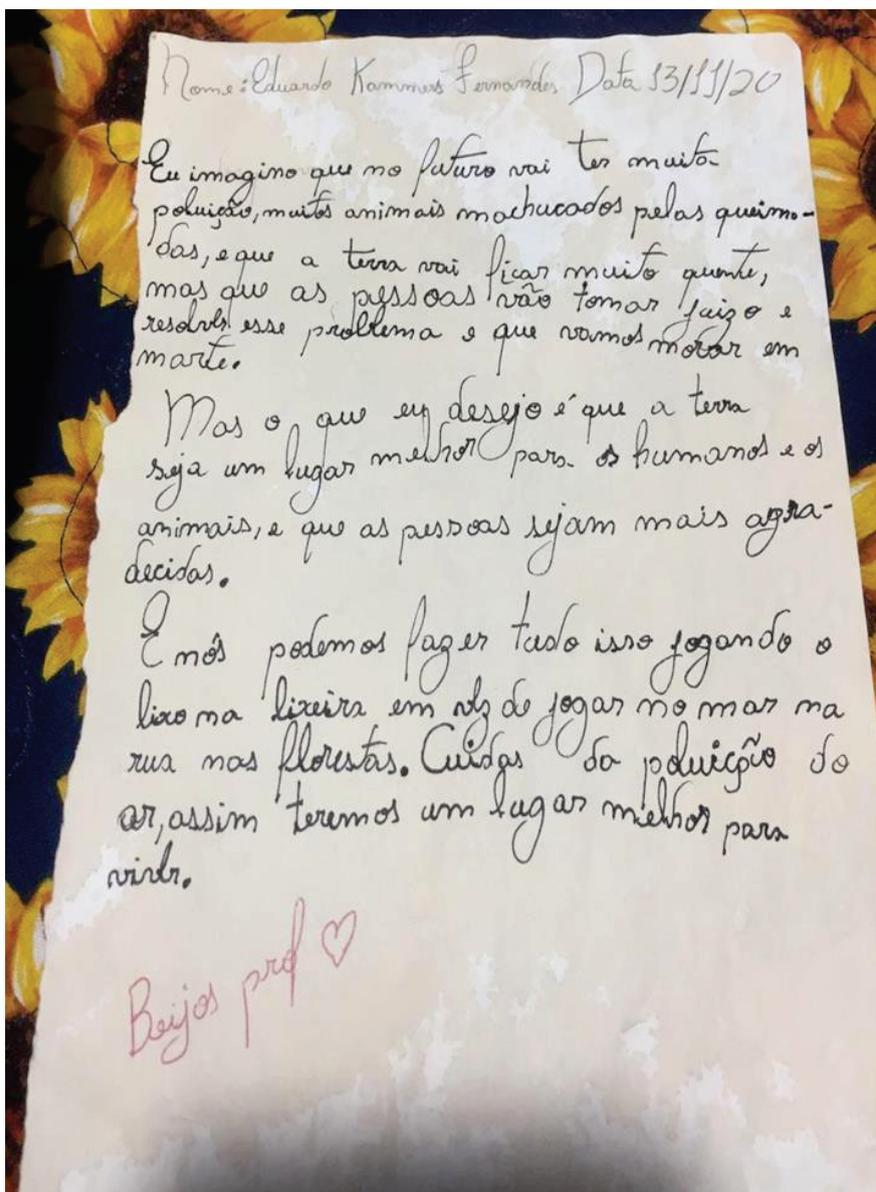
Carta ao futuro.
(Aqui se do futuro, cuide bem do meio ambiente)
Respeite seus pais sempre ok!!! Lembra-se
que quando você era pequeno você era meio bagunceiro
e que sua letra era horrível espero que eu
ou melhor digamos você, more em um lugar bonito
se você tiver filhos cuide bem deles. Não goste
muito água, seu dinheiro que você tenha pelo menos
nos falar inglês e espanhol.
Quero que você aprenda a parar de fazer coisas
que possam irritar as pessoas.
Espero que você consiga ler esta carta.
com abraços/você do passado/♡

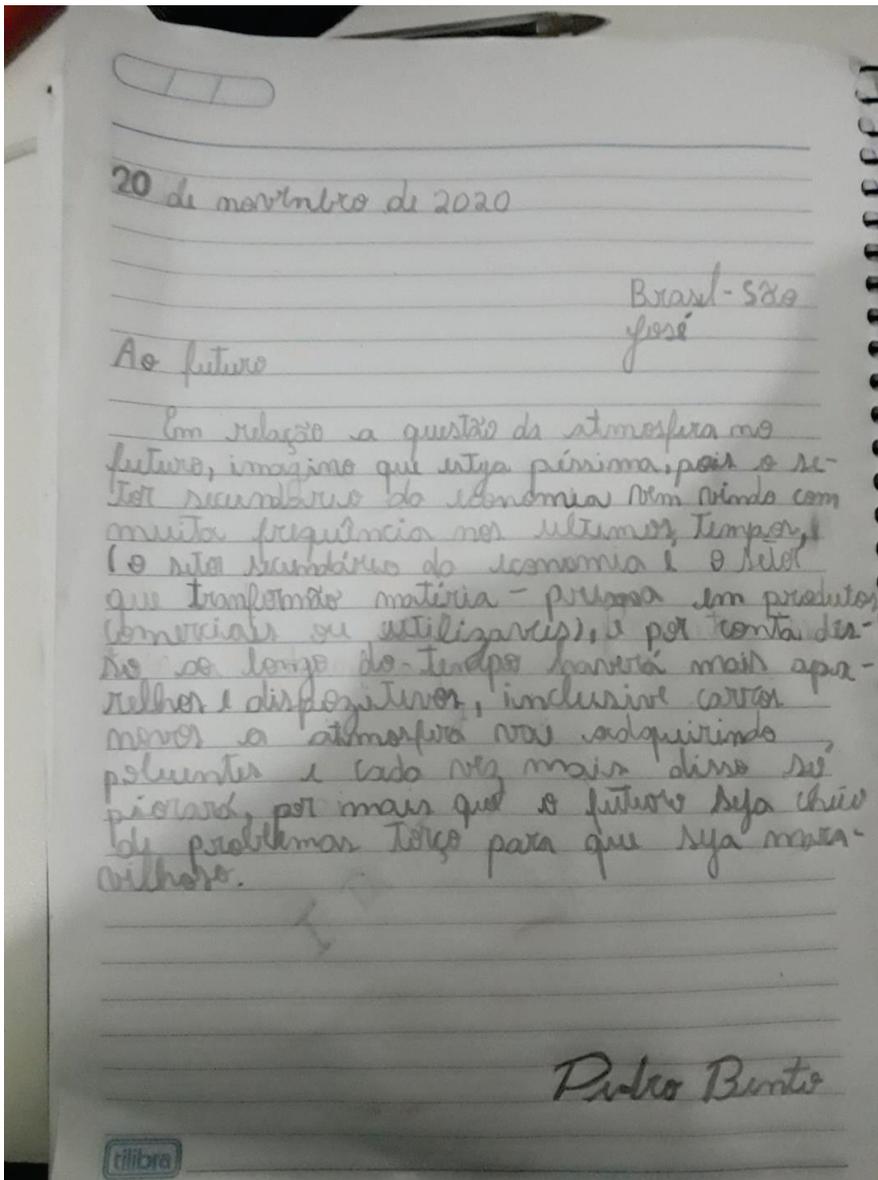


**CARTAS ESCRITAS POR
ESTUDANTES**

Professora Larissa Marchesan







São José, 17 de novembro de 2020

Cara eu do futuro

Eu imagino o planeta feliz, sem poluição, todos mundo respeitando as leis de trânsito, utilizando menos os veículos, parada com o desmatamento e etc.

E eu quero que no futuro todos sejam felizes e que nada aconteça com o planeta.

E para chegar nesse futuro que eu tanto fala basta parar com o desmatamento, com a poluição, utilizar menos veículos motorizados e etc, mas fazendo isso o mesmo planeta agradecerá.

Abraços

Cosinada: Felipe Ricardo de Sousa

CARTA PARA O FUTURO

NOME: Vitor
TURMA: 6º ano

Ola, eu me chamo Vitor e tenho 12 anos de idade. É hoje eu falei sobre a minha opinião e futuro do nosso planeta, envolvendo poluição.

Podemos iniciar esse assunto, falando sobre o tipo de poluição, consequências e locais poluídos, de ar; uma poluição ocasiona em vários tipos de consequências como: imundez, zoonose, Chuva Ácida, ilhas de calor, aquecimento global, efeito estufa, destruição da camada de ozônio e etc. Esses fatores são ocasionados de acordo com a poluição que nós próprios fizemos como a fumaça jogada pela indústria que contém vários gases nocivos para nós e para a atmosfera e também pela fumaça distribuída por abate de animais e etc.

Esses fatores se ocasionarão mais no futuro, pois utilizará muito mais combustíveis, depois mais para produção de acordo com pesquisas, em minha opinião, como o mundo estará mais avançado nas grandes tecnologias, mas precisamos de mais materiais de natureza, mas até lá a natureza estará totalmente destruída, porque nenhum ser humano sabe preservar uma belíssima geodiversidade natural que se tem hoje né?!

Mas temos uma pequena vantagem, pois usamos fatores que utilizamos a biomassa mais em cidades grandes como São Paulo, Rio de Janeiro e etc. Em cidades pequenas também sim, mas não tão grande como nas cidades grandes, mas ocorrerá em minha opinião uma pequena destruição, se não houver de acordo com que eu acho é em minha opinião né?

Então eu acho que só como dizer isso, pois não tem mais nada na minha cabeça então espero a opinião de quem falar. Espero que isso sirva para as pessoas para elas serem conscientes do que fazer no futuro, para não fazer coisas ruins e erradas... Então é isso espero que tenha gostado do meu cartão. Obrigado, com carinho, Vitor de... .. Tomem muita água, saúde, saúde.

São José, 25 de novembro de 2020

Casa eu do futuro

eu imagino o mar sem planta feliz,
sem palmeiras, sem queimadas. Todos
se respeitamos, utilizando menos os plásticos.

Mas a população tem que compreender
e colaborar para ter um mundo melhor.

A população poderia ajudar
tomando banho rápido, quando
for escovar os dentes deixar a
torneira desligada, separar o lixo
reciclável da orgânica.

Abraços

ass: Estefany Matra

Caro Professora, eu imagino o nosso futuro com uma população muito maior, segundo estudos em 2050 a população mundial irá chegar a aproximadamente a 9,8 bilhões de pessoas também acredito que haverá robôs, carros elétricos e a expectativa de vida dos seres humanos irá aumentar graças a órgãos artificiais e cura de doença.

Mas para isto acontecer temos que cuidar do nosso planeta economizando água, energia, reciclando o lixo preservando a natureza e deste modo nós mesmos conseguiremos ter o futuro dos robôs atenciosamente. Raphael Semos Ubyceichoski.

Raphael Semos Ubyceichoski

23/11/2020

Olá, eu do futuro,

Aposta que você já deve estar bem mais velha desde que eu escrevi esta carta.

Queria saber qual faculdade você decidiu fazer em esta fazenda? Agora tenho 13 anos e quero ser veterinária.

Hoje eu sou apaixonada por gatos e espero que no futuro ainda seja ha ha ha.

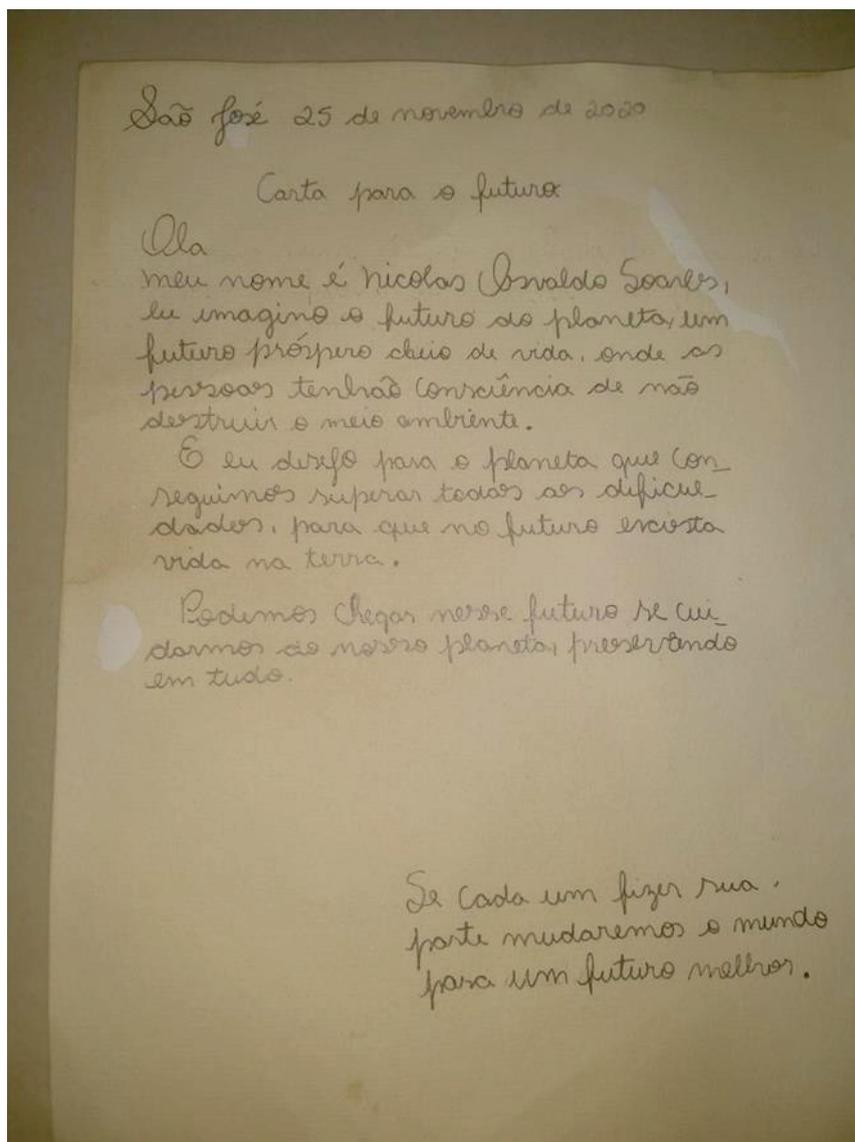
O meu maior sonho hoje em dia é no futuro abrir um abrigo para cães e gatos, e ter uma ong para ajudar os cães e gatos.

Agora eu quero saber algumas coisas: você ainda conversa com os seus amigos do 6º ano e do condomínio?

Você ainda mora no condomínio?

Eu espero que você (eu do futuro) esteja bem e que o COVID-19 já esteja passado.

Beijos.



São José 25 de novembro de 2020

Carta para o futuro:

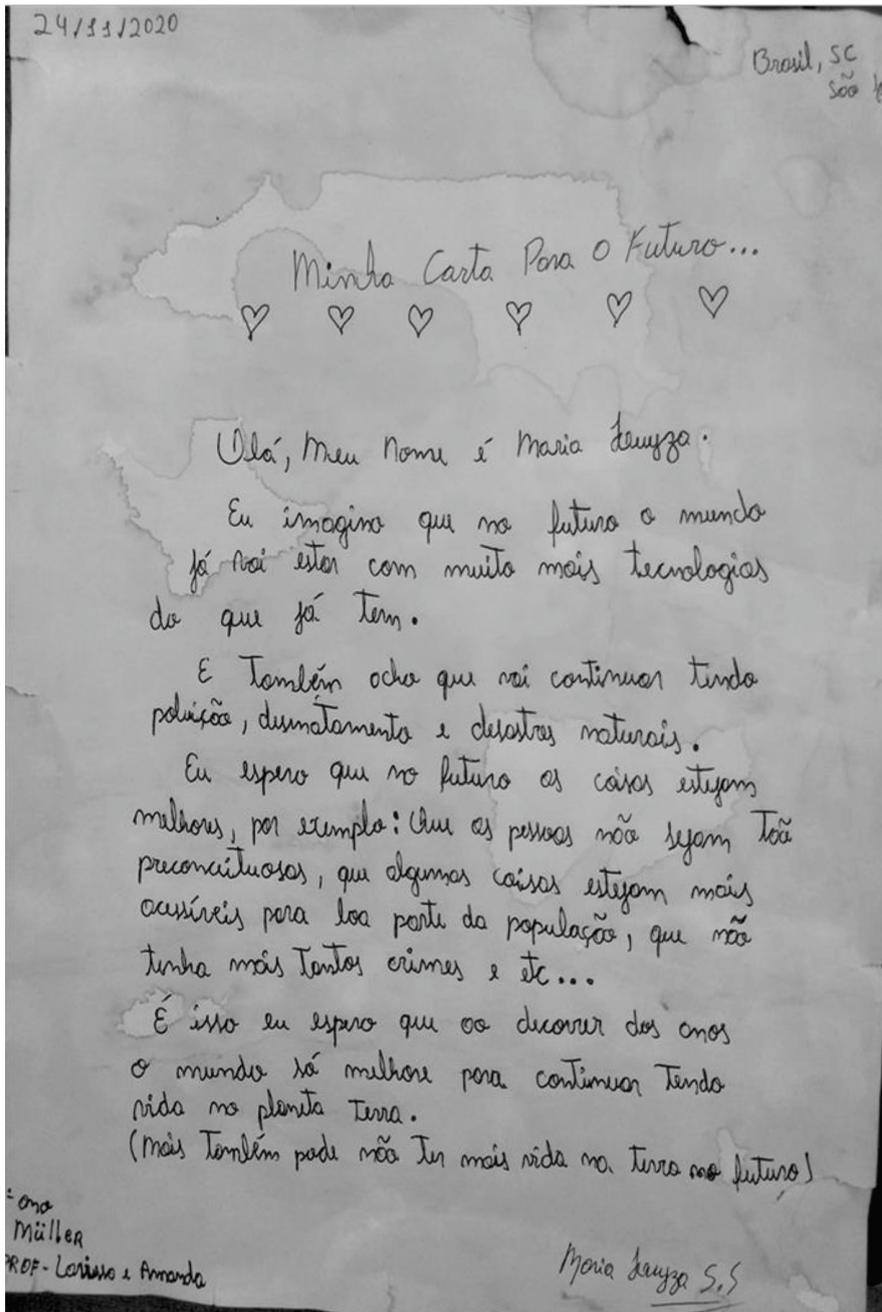
Ola

meu nome é nicolas (Orvaldo Soares),
eu imagino o futuro do planeta, um
futuro próspero cheio de vida, onde as
pessoas tenham consciência de não
destruir o meio ambiente.

É eu desejo para o planeta que con-
sequimos superar todas as dificul-
dades, para que no futuro exista
vida na terra.

Podemos chegar nesse futuro se cui-
darmos do nosso planeta, preservando
em tudo.

Se cada um fizer sua
parte mudaremos o mundo
para um futuro melhor.



24/11/2020

Prof: Larissa / Amanda

Imagine que o futuro vai ser ótimo vão
achar uma cura pro cov-19 e também
eu sempre quis fazer uma viagem pra
china pra USA espero que eu faça essas
viagens e que vão converter água salgada
em doce no Brasil também espero que tudo
lique em paz também que a sociedade sócio
econômica vai melhorar e também vão
conseguir melhorar a camada de Ozônio

Tenho um bom dia tchau

As Gustavo

São João, 17 de novembro de 2020.

Assunto: eu do futuro!

Como está o planeta? Aqui no passado as pessoas não tinham o hábito de cuidar dele, jogavam lixo em lugares inadequados, as folhas e caixas poluíam o ar e muito mais!!

Imagino que o planeta esteja um pouco "cansado", não é mesmo?!

Ele deve estar bem diferente também, afinal o ser humano estava sempre modificando ele, não só o ser humano a natureza também!!

Espero que nós do futuro estejam cuidando bem do planeta, preservando nossas florestas, nossos oceanos e nossa atmosfera. O planeta é um lugar lindo e é onde vivemos, portanto precisamos cuidar dele!!

Ateuvemente, Nathália

Nathália Pereira da Silva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, B. G. **Planejamento ambiental para professores da pré-escola à terceira série do ensino fundamental**. 2. ed. Novo Hamburgo: Apoema, 2003.

Adams, B. G. **Educação ambiental: da teoria à prática. Ideias pedagógicas e roteiro educacional ambiental para professores**. 1. ed. Novo Hamburgo: Apoema, 2010.

BARROS, Manoel de. **Meu quintal é maior do que o mundo**. 4. ed. Rio de Janeiro, RJ: Alfaguara, 2015.

Costa, N. O. *et al.* Cartografia social uma ferramenta para a construção do conhecimento territorial: reflexões teóricas acerca das possibilidades de desenvolvimento do mapeamento participativo em pesquisas qualitativas. **ACTA Geográfica**, Boa Vista, Ed. Esp. V CBEAGT, p.73-86, 2016.

CRARY, Jonathan. **24/7: capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo, SP: Ubu Editora, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 56. ed. Rio de Janeiro, RJ; São Paulo, SP: Editora Paz e Terra Ltda., 2018.

GODOY, Ana. **Ecologia e cotidiano: não se sai da árvore com meios de árvores**. 2008.

LARROSA, Jorge; RECHIA, Karen. **P de professor**. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2018.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola**. Belo Horizonte, MG: Editora Autêntica, 2013.

MORIM, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 8ª ed. São Paulo, SP: Bertrand do Brasil, 2003.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 10. ed. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2003.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo, SP: DIFEL, 1974.

INFORMAÇÕES

Páginas relacionadas ao projeto

Projeto Escolas à beira-mar

<https://escolasabeiramar.paginas.ufsc.br/>

Parque Estadual da Serra do Tabuleiro –

<https://www.parqueestadualdaserradotabuleiro.com/>

Projeto nas redes sociais

Laboratório de Ficologia (LAFIC) – @lafic.ufsc

Laboratório de Oceanografia Química e Biogeoquímica Marinha (Biogeoqmar) – @biogeoqmar

Projeto Ecoando Sustentabilidade – @ecoando_sustentabilidade

Parque Estadual da Serra do Tabuleiro – @parquedotabuleirosc

Canal do Youtube

CANAL DO GRUPO Ecoando Sustentabilidade.

Disponível em: <http://abre.ai/ecoando>



AUTORES DO BRASIL